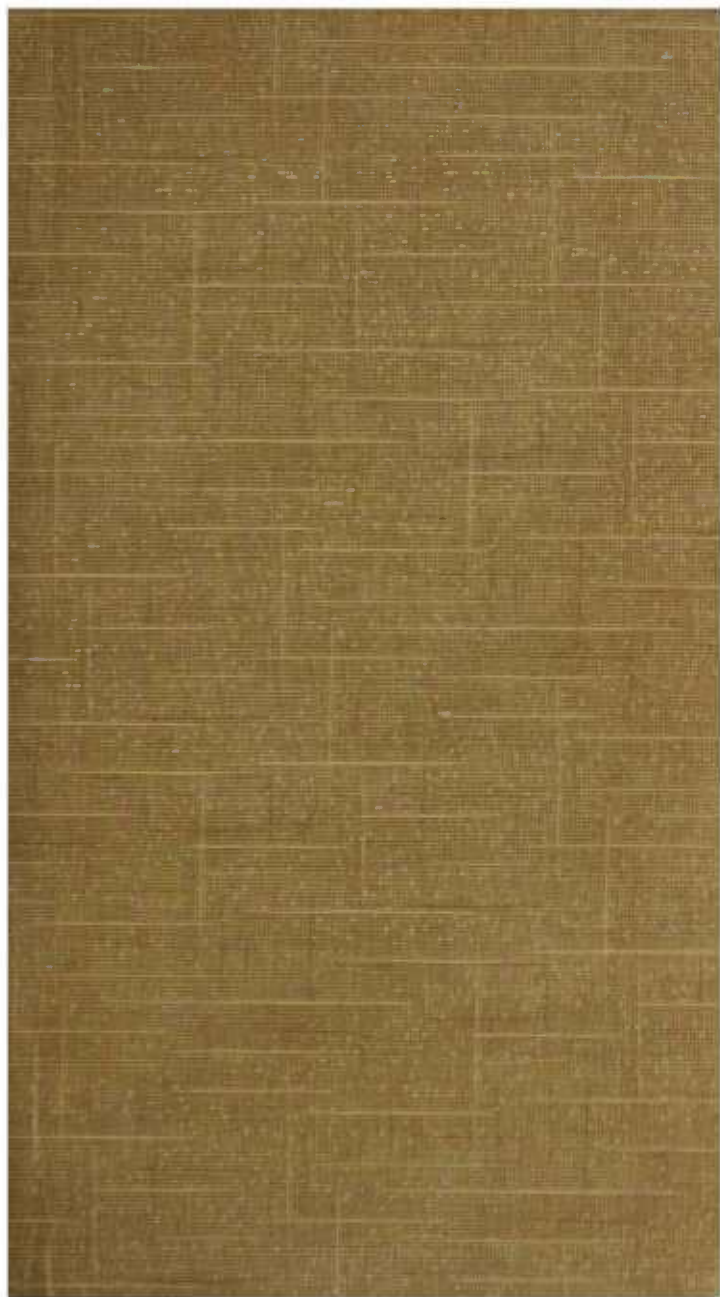




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



O MOÇO LOIRO.

POR

Joaquim Manoel de Macedo

DOCTOR EM MEDICINA.

E emfim u'estes cançados pensamentos
Passo esta vida van, que sempre dura.
CAMÕES.

TOMO II.



Rio de Janeiro.

Typ. de Carlos Haring, Rua do Hospicio N, 15.

1845.

O MOÇO LOIRO.

XX.

Honorina.

Era meia noute.

A tempestade tinha passado : o tempo se havia tornado cõão ; a atmospherã fresca e leve.

Honorina dormia.

O medico chamado para prestar seos cuidados á joven senhora, conseguira facilmente fazer desaparecer a syncope, que a sálvara no momento da submersão. e que ainda durava algum tempo depois : segundo elle, Honorina não corre perigo algum.

A camara de Honorina está fracamente illuminada : tres pessoas velão junto de seo leito.

Emma reza piedosamente defronte da querida neta : Rachel á cabeceira de sua amiga, têm uma das mãos della entre as súas : Lucia suspira sentada aos pés da filha de seo leite : Rachel e Lucia mostrão-se mais agitadas e afflictas, do que já pedia o caso.

E Honorina dorme : vestida com um ligeiro roupão branco, com seos bellos e longos cabellos ainda molhados espargidos pela almofada, com seo rosto meigo e formoso então ainda mais pallido, com suas palpebras cerradas, occultando seos grandes e brilhantes olhos , estava encantadora e poetica ; e o somno da virgem semelhava o dormir de um anjo ; porque sua-

vissimo era elle, e quasi imperceptível a respiração que pelos labios da moça saía; tam bella, tam pallida, tam immovel alguem poderia crê-la estatua de puro marmore, exposta como triumpho de mestre.

Por algum tempo reinou na camara profundo silencio, apenas de momento a momento interrompido pelo baque das contas do roزاریo, em que a religiosa velha marcava suas orações; e as vezes levantava-se alguma das tres pessoas, que ahi velavão, e ia pé por pé até junto da moça para, chegando o rosto perto dos labios della, receber a impressão de seo respirar de pomba.

Depois de algum tempo ainda de não quebrado silencio, Lucia, cujo desassocego não diminuia apesar do lisongeiro estado de Honorina, murmurou baixinho:

— Mas elle... elle... o salvador de nossa querida menina!...

— Hugo foi dar todas as providências, disse Emma no mesmo tom, e é de crêr que o possamos abraçar e recompensar....

— Recompensar?! tornou Lucia, o homem, que assim se expôz a morte, tem por força um coração muito elevado, para que chegue até a elle a idéa de uma recompensa.

— E isso não nos dispensa do dever da gratidão..

— De uma outra gratidão, senhora.

— Tu estás de máo humor, mãi Lucia.

— Perdão, senhora; mas aquelle homem... ferir-se...

— Aquelle homem é um heroe da tempera de nossos avós... nos dias de hoje não se encontrão deus homens como elle.

— Outra vez perdão, senhora ; mas eu sei de um que seria capaz de praticar a mesma acção, que elle praticou.

— Capaz de, em uma noite tempestuosa, atirar-se ao mar horrascoso para salvar uma moça, que não é sua irmã, nem sua amiga ? . . . perguntou Emma sacudindo a cabeça em signal de duvida.

— Sim, senhora, respondeu Lucia com a firmeza da convicção ; capaz talvez de mais ainda.

— E quem é esse? . . .

— Eu tenho medo de desgostar a senhora.

— Não ! dize, dize.

— Esse, disse Lucia enxugando duas grossas lagrimas ; esse não está comnosco . . . está bem longe daqui . . . é o homem que bebeu o leite de meos peitos . . . é seo netto . . .

— Mãi Lucia, não me falles delle !

— Aquelle, senhora, que foi capaz de arrojarse ás chammass para salvar uma moça, que não era sua irmã, nem sua amiga, atirava-se tambem pelo mesmo motivo ao mar, embora o visse tempestuoso.

— Ha uma differença, mãi Lucia ; o homem, que se lançou ao mar para salvar Honorina, fê-lo, porque era um bravo ; e Lauro arrojou-se ás chammass, porque não passa de um louco.

— Está bem . . . basta, senhora ! disse Lucia chorando amargamente.

Sem tomar parte no dialogo, que entretinhão as duas, sem talvez muita attenção prestar-lhe, Rachel guardava triste silencio. Socegada a respeito do estado

de Honorina, ella parecia ter em seo espirito alguma outra consideração, que a fazia soffrêr: na vida dessa moça, que até então tinha corrido toda em fios cõr de roza, apparecia emfim uma nuvem de abafado padecer; em sua alma que brilhará sempre com a luz viva do prazer, desenhava-se já a sombra de um desgosto. Rachel, tendo os olhos embebidos no rosto da sua amiga da infancia, as vezes deixava pendurar-se em seos longos cilios uma grossa lagrima escapada insensivelmente de seos bellos olhos, como gota de orvalho caída do Céu: qual será a causa dessa lagrima?... será por ventura exprimida de dentro do coração?... será seo destino ir nas azas de algum terno pensamento a outrem, que ali não esteja?...

Quasi ao mesmo tempo, em que Emma e Lucia punhão termo ás suas observações sobre o salvador de Honorina, Hugo entrou no quarto pé por pé.

— Minha mãe, como vai ella?...

— Dorme tranquillamente.

— Graças a Deos! disse Hugo.

E chegando-se para o leito, em que descansava sua filha, elle... pobre e amante pai, que se culpava de todas as desgraças daquella fatal noite, foi, como o fazião as tres senhoras, beber ao pé dos labios de Honorina o ar de seo bafo, como um favonio de esperança e de vida: e depois temendo muito acorda-la daquelle somno reparador, outra vez com seo sagrado amor de pai, com as faces cobertas de lagrimas, beijou com ternura e fervor as bellas madeixas de Honorina, que humidas caião pela almofada.

— E elle?... disserão ao mesmo tempo Emma e Lucia, ao ver que Hugo se desprendia do leito da filha.

— Não... não... não fação bulha, balbuciou o extremoso pai com um receio infantil desenhado no rosto; não a despertem... venhão para fóra, que eu fallarei então.

Emma e Lucia para logo se erguerão, sairão do quarto com Hugo, e dirigirão-se para a sala; Rachel, que não menos curiosa se mostrava pela sorte do salvador de sua amiga, encaminhou-se depois de vê-los desaparecer, como quem pretendia ir furtivamente escautá-los; porém, antes de chegar á porta, voltou de novo ao lugar, que occupava; pois um brando suspiro tinha estremecido nos labios de Honorina.

Apenas chegados á sala, Hugo atirou-se soluçando fortemente sobre o canapé, e com uma como delirante demonstração de prazer, elle exclamou repetidas vezes:

— Está salva!... está salva!... minha filha está salva!..

Era o amor de pai! o amor de pai que por toda a parte transpirava nelle,.. pelos soluços que o suffocavam... pelas lagrimas que de seos olhos corrião, pelo riso que em seos labios brincava. O amor dos pais é assim, e é ainda bello, grande, magestoso, como nenhum outro.

— Está salva, meo filho, disse Emma; e Deos te ha dado esta lição para te emendares.

— Sim, sim, minha mãe, comtanto que me reste Honorina, eu lhe prometto tudo, minha mãe!... deixaremos esta casa... não veremos mais esta praia... .

iremos de uma vez para a Côte, e lá Honorina estará sempre debaixo dos olhos de minha mãe...

— E elle, senhor?... perguntou Lucia anciosa, e elle?...

— Elle?... é verdade: eu tinha vindo para fallar delle..

— E então?...

— Nós seguimos os seus passos: á mercê de nossos fachos acompanhámos suas pisadas; oh! era impossível perde-las de vista... estavam horrivelmente marcadas!... sobre cada uma dellas havia gotas de sangue...

— Oh!... desgraçado!... exclamarão as duas.

— Fomos indo assim até que chegamos ao sitio da praia, onde se achão reunidas as faluas; ahí toda a esperanza de encontra-lo se perdeu: alguns patrões virão-no embarcar-se, e mandar, a despeito do horrivel temporal, abrir as velas e sair...

— Pobre homem! quem sabe se estará ainda vivo?!

— Oh senhora, exclamou Lucia, não diga semelhante cousa!...

— Mas porque se esconde elle... porque se farta tam mysteriosamente a nossos olhos?!

Era essa uma pergunta, a qual nenhum dos tres se achava em estado de responder; por isso contentarão-se com guardar triste e profundo silencio.

Emquanto isto se passava na sala, Rachel, ouvindo o suspiro que estremecêra nos labios de sua pobre amiga, foi outra vez de manso sentar-se junto della: de novo tomou entre as suas uma das mãos de Honorina, que ao doce contacto fez um movimento, e abriu os

olhos. Rachel estremeceu, como se temesse haver committido uma grande falta: Honorina talvez a comprehendeu, pois que socegou-a com o meigo sorrir de seus lábios.

— Honorina, tu estás muito melhor, não é assim?.. perguntou Rachel.

— Sim, Rachel... agora só falta a cabeça... que me anda a roda... e me peza muito...

— Está bem... não fallês mais: isso ha de passar... dorme, Honorina.

Honorina, parecendo obedecer ao conselho de sua amiga, fechou os olhos; mas bem depressa os abriu de novo, e uma ligeira nuvem côr de roza se espalhou-em suas faces.

— Rachel, disse ella com voz commovida e tremula, Rachel... perdôa-me... porém socega-me...

— Que queres pois, Honorina? falla.

— Tu viste?... perguntou ella enrubescendo ainda mais.

— Quem, Honorina?..

— O homem que me salvou?..:

Aquella pergunta deveria ter feito mal a Rachel; porque ella se tornou de repente mais pallida do que ha pouco estava Honorina, e foi quasi gemendo que respondeu:

— Era... elle.

Honorina, como se acabasse de experimentar a influencia de um choque electrico, estremeceu toda, e com viva expressão de agradecimento levou a mão de sua amiga até os lábios.

— Dorme agora, Honorina.

Dir-se-hia que a moça cedêra ao encanto da voz de Rachel; pois pareceu immediatamente adormecida. Momentos depois Emma e Lucia entráráo de novo no quarto.

— Como vai ella ?... perguntou Emma.

— Esteve um momento acordada... queixou-se ainda da cabeça; mas tornou a adormecer socegradamente.

— Pobre menina! disse a velha.

Honorina tinha os olhos fechados; porém estava ouvindo tudo com a curiosidade propria de um enfermo.

— E elle?... perguntou Rachel; sabe-se alguma noticia?

— Tristes novas, minha senhora, respondeu Lucia.

— Pobre homem! disse Emma; deixou suas pisadas marcadas com seo sangue! nós suspeitavamos que elle havia ficado ferido; porém assim... oh!... é bem triste!

Ouvio-se então um longo gemido... longo... arrastado do coração: Honorina tinha comprehendido tudo.

O resto da noute foi cruel e terrivel. A dôr de Honorina transbordou.

Durante a noute o pensamento é mais arrojado e mais livre; e de ordinario o coração acompanha o pensamento, e ambos se deixão ler, em seos vóos, taes como são.

Honorina nem mesmo tratou de esconder o pezar e a afflicção, que lhe causava aquella fatal nova; parecia ter orgulho de ostentar ambos; parecia querer dizer a todos — eu sóffro... eu choro por elle!

Inventou-se e repetio-se mil vczes uma historia para

abrandar a dôr da interessante moça : jurou-se-lhe que um homem, a quem nenhum de seos amigos conhecia, mas que a tinha salvado, pouco depois se embarcára para a côrte ; que elle estava ferido sim, porém levemente; que sua vida não corria risco; que tudo ia bem... tudo o melhor possível.

Rachel, sem desamparar um só momento a sua amiga do coração, velou toda a noite por ella, e pelo segredo do seo amor: animou-a... fechou-lhe a boca mil vezes, mil vezes deu uma falsa interpretação a seos gemidos para eneobrir a verdadeira causa delles; e, finalmente, rendeu graças ao céu ao vê-la adormecer em seos braços ao romper da aurora.

As dez horas do dia Honorina despertou melhor e mais socegada: então ella se lembrou da terrível noite que se tinha passado... ouviu a relação da catastrophe... e conheceu, que em tudo quanto lhe dizião do homem, que a tinha salvado, só erão verdadeiras duas cousas: que elle se havia ferido ao salva-la, e que nada se sabia de seo destino. Mas agora já razoavel; agora com todo o seo pudor de virgem despertado, esforçou-se ella por sepultar sua dôr no fundo do coração, ou porderrama-la sómente no seio de Rachel, de cujos labios ouvia palavras de amizade, que lhe acendião na alma a esperança.

E pois, com a dôr no coração e a esperança na alma, Honorina, embora abatida e melancolica, mostrava ir restabelecer-se depressa; e assim esvairão-se promptamente todos os receios, que pela sua vida poderão ter seos parentes e seos amigos.

Ao declinar da tarde desse dia as duas amigas tiveram de separar-se : bem quizera Rachel demorar-se mais ; porém seo pai, a quem sempre sobrevão sérios negocios, já se tinha deixado ficar em Níctheroy um dia inteiro, só em attenção á filha do seo amigo.

No instante da despedida, Honorina e Rachel achavão-se a sós: havião acabado de trocar um beijo, estão ainda apertadas em estreito abraço, quando a primeira murmurou com voz tremula:

— Rachel, minha amiga ! eu não devo, nem quero ter segredos para ti. . .

— O que ha pois, Honorina ? . .

— E' que já não posso duvidar do que sinto: eu amo ! . . conheço emfim que amo, e muito ! . .

— Sim. . . sim. . . eu já o sabia, Honorina ! balbuciou a custo a outra moça.

— E eu te queria ainda pedir. . .

— Dize !

— Rachel ! tu és boa, tu és bella e virtuosa ; e portanto tuas orações deverãõ chegar até o céo, como o perfume de uma pura flôr ! . . e pois pela santa amizade que nos liga, pelo amor de teo pai, reza para que Deos abençõe e proteja o meo amor ! . .

— Sim. . . sim. . . sim. . . disse a amiga de Honorina com voz abafada.

Quando Rachel deixou a camara de Honorina e foi ajuntar-se á seo pai para partir, este notou no rosto contrahido de sua filha a expressão de um soffrimento acerbado. . . terrivel. . . e profundamente concentrado.

XXI.

Rachel.

Rachel tinha deixado com seo pai a joven cidade de Nictheroy : sentada em um dos bancos centraes da barca, que os levava, a moça mergulhára seo espirito em profunda meditação : triste e silenciosa ella havia abaixado a cabeça, como para esconder seo rosto de todas as vistas, e no entanto dous olhos estavam fiços nella, examinando seos menores movimentos, adivinhando seos mais occultos pensamentos. Erão os olhos de seo pai.

Jorge era um homem de sessenta annos ; alto, proporcionadamente gordo ; tinha os cabellos e supercillos todos brancos, os olhos pardos, e não grandes : seo rosto era comprido e pallido : trajava sempre vestes pretas, seo andar era vagaroso e grave, fallava muito poucas vezes, e quasi nunca se ria : tudo isto dava-lhe um parecer melancolico, frio e severo.

Jorge despreczava o mundo, desconfiava dos homens, e difficilmente abria seo peito a essas nobres e generosas affeições, que nos prendem a vida : em compensação porém, quando algumas dellas podião chegar a seo coração, não saião dahi mais nunca ; como se todo o seo ardor estivesse concentrado nos poucos entes, a quem amava, Jorge daria a vida pelo seo amigo, e a alma pela sua Rachel.

Oh ! ... o amor que esse homem votara á sua filha era

immense e desmedido ! fructo unico, que lhe havia legado uma esposa, a quem apaixonadamente idolatrara; Rachel foi por elle creada com extremosa ternura; recebeu delle uma educação especial e nova; mas desgraçadamente Rachel moça, alegre, cheia de vida e vivacidade, cedendo a um erro fatal de seo pai, deixou ir caindo em seo coração todo esse frio, toda essa desconfiança do mundo e dos homens, que no respeitavel ancião se davão.

Jorge se applaudia dos benignos effeitos da educação que dera á sua filha : Rachel era feliz; livre, como a arvore dos bosques, alegre e pura no meio da desgraça, do captiveiro, da tristeza e da miseria do mundo. Mas o orgulho do velho tinha de ser terrivelmente ferido.

Logo depois do sarão de Thomazia, Jorge reparou que sua filha passava horas de inexplicavel tristeza... dias inteiros de esquecimento de si propria... noutes gastas em meditações e suspiros...

Outr'ora Rachel, quando sentia um pezar ou um prazer, por pequenino que fosse, corria a derrama-lo tambem na alma de seo pai...

E naquelles dias Rachel fugia de encontrar os olhos de Jorge...

O tempo foi passando, e o amoroso pai observava que sua filha cada vez mais e mais se ia abatendo.

Voltavão emfim ambos da cidade de Nictheroy.

Jorge não perdia de vista a sua querida Rachel: notava cuidadoso n'aquella tristeza, que ha dias a ennuvava; e elle que unca hesitara em interrogar a cons-

ciencia de sua filha, pela primeira vez, com seu instincto paternal, temia vê-la corar antes de responder-lhe.

Rachel soffria com effeito muito : creada com a educação singular, que lhe havia dado seu pai, essa moça, unica talvez entre todas as da sua idade, olhando para o mundo de uma maneira tam particular, sem ter ainda sentido despertar nella esses sentimentos ardentes e devoradores, que fazem sempre a desgraça ou a ventura de toda uma vida, e por isso não acreditando nelles; acostumada a rir-se das fingidas paixões, com que se lisongea as moças nas assembleas; essa moça, que tinha dito a Honorina — o amor é uma vã mentira ! — tambem por sua vez amava ! ..

E como se pelo orgulho, que ella tinha de sua insensibilidade para amor, lhe devesse ser dado um castigo, que a fosse ferir ahi mesmo, e demonstrar toda a sua fraqueza; Rachel tinha sentido derreter-se a massa de bronze, que deffendia seu coração, ao simples fogo do olhar de um homem, que via pela primeira vez !

E como se pela incredulidade com que desrespeitava os grandes sentimentos que fazem ferver a vida humana, ella devesse provar uma pena tam grande como o seu delicto; Rachel sentia o mais requintado tormento, que póde consumir uma mulher que ama; porque emfim ella sabia até a evidencia, que não era amada.

E como finalmente se não bastasse isso ainda, como se ella tivesse de engolir até as fezes de seu calix de amargura, como se não se lhe devesse deixar um abrigo para esconder-se, um seio onde chorasse, um coração onde derramasse seus suspiros, uma boca que lhe

conso'asse ; Rachel que tinha no mundo um pai e uma amiga, era delles que mais escondia seo soffrimento ; porque seo pai a fazia corar, e sua amiga era a sua feliz rival.

Rachel amava, e amava apaixonadamente o Moço Loiro.

Nesse fatal sarão, que ella tantas mil vezes amaldiçoava em suas tam longas horas de meditação tormentosa, ella o tinha visto triste e pensativo, e então por elle não sentio mais do que essa engraçada curiosidade, que toda moça experimenta quando vê perto de si um moço que pensa, e que seo amor proprio lhe faz julgar que é della que talvez se occupa ; mas quando o joven melancolico^o levantou a cabeça, Rachel ao encontrar seus olhos, cujas vistas ardentes penetravão como uma setta, conheceu que havia n'aquelle olhar alguma cousa muito poderosa e nova para ella : ainda alegre e apenas curiosa procurou vê-lo durante o fim do sarão ; depois inexplicavelmente preocupada, como Honorina passou o resto da noute a pensar nelle com sua imagem diante dos olhos... com o timbre de sua voz nos ouvidos... e com um peso... uma afflicção... uma sensação ainda indizível em toda ella ; emfim no outro dia, no que se lhe seguio, no outro ainda... sempre e sempre anciosa, exasperada, não pôde negar mais a si mesma que fôra ella quem havia mentido, dizendo — amor é uma vã mentira. — Ella amava.

Rachel, orgulhosa e encantadôra moça, sentio finalmente que, assim como ha para o homem, ha para a mulher tambem um momento na vida decisivo, terrivel.

em que sómente um olhar conquista., subjugaa... captiva para sempre o coração d'aquelle que o experimenta : um olhar penetrante como o raio do sol, que chegando até a alma, absorve seos pensamentos, como o mesmo sol o aroma das flores ; que com esses pensamentos se mistura para sempre, que nelles lança os vestigios de sua poderosa influencia, como a gotta de liquido corado, que lançada no vaso d'agua crystalina, a colora toda.

Oh ! Rachel amava muito o Moço Loiro ; e seo amor redobrou vendo o como se elle dedicava a Honorina : talvez... se é possível, Honorina não o amava tanto como Rachel : ou então é preciso distinguir que o amor de uma, partindo do coração, partia ainda mais do espirito, e o da outra saia todo elle do coração.

Honorina, eminentemente nervosa, entusiasta e romanesca, já estava predisposta para amar, quando vio o Moço Loiro ; depois comparou-o com o seo desconhecido, e bem que o resultado da comparação não fosse lisongeiro a este ; todavia, ao conhecer que o joven loiro e o desconhecido não erão senão a mesma personagem, sua imaginação já excitada se inflamou, e se seo coração pulsava pela imagem do agradável moço, seo espirito se deixava levar d'aquellas aparições inesperadas, daquella voz que respondia a seo hymno, d'aquelle homem enfim que se apresentava imprevisto para arranca-la da morte. Honorina pois amava com o coração, e ainda mais com o espirito.

Rachel fortemente sanguinea, não era nem entusiasta, nem romanesca, como sua amiga : uma carta de

mão ineognita a faria rir : aquellas apparições a divertirão : um homem, que expuzesse sua vida para salvar a della, ganharia toda a sua gratidão , e todavia não e seo amor. Mas o Moço Loiro era amado por seo olhar poderoso, por seos bellos cabellos, por seo rosto varonil e interessante, por seo sorrir melaneolico, por elle mesmo e só emfim, sem mysterios e sem nada mais fóra delle. E pois o amor de Rachel saia todo inteiro do coração.

E comtudo esse amor tam puro e tam terno devia morrer ali mesmo, onde tinha nascido, sem que ninguem o percebesse; como a flôr da colina solitaria, ou o suspiro exalado na solidão ! era um amor, que cavava uma sepultura em seo berço. Se Rachel fosse amada , sua abnegação não chegaria a esmagar seo terno sentimento, e sacrificá-lo à ventura de Honorina; porém ella via que sua rival era feliz; e sua rival era a amiga de seos primeiros annos, a socia de seos prazeres, a companheira de seos brincos da infancia. E portanto Rachel, boa, nobre, fiel á amizade, não podia levantar-se diante da felicidade de Honorina : ella se sentia com animo bastante, ella desejava mesmo accender a pyra do hymineo, e, levando Honorina pela mão, entrega-la a esse Moço Loiro tam interessante, que devia ser por força um homem virtuoso.

Tambem mais do que isso não se pôde exigir de uma mulher, que é rival : com tal já se tortura ella bastante.

Quando Jorge e Rachel desembarearão já era noute: elles caminharão silenciosos, e ao passar por uma rua

estreita e tortuosa, Rachel, apontando para uma pequena casa, por defronte da qual ião, disse :

— Meo pai, não é ali a casa da velha Sara ? . . .

— Sim, minha filha.

— Oh ! pois eu estimaria bem ver a minha pequena afilhada ?

— Isso me convém, Rachel ; pouco atraz nos ficou a casa do meo guarda-livros, e eu quero saber o que temos de novo.

E dirigindo-se para o outro lado da rua, Jorge bateu em uma rotula, e vio logo depois sua filha abençoada pela gente que ahi morava. Rachel era o genio da beneficencia d'aquella familia.

Jorge saio para logo voltar.

Moravão nessa casa a velha Sara, a quem Rachel tratava por avó : um moço de vinte annos, seo netto, que se chamava Miguel ; e uma innocente menina de tres annos, netta tambem de Sara, e que tendo perdido sua mãi poucos momentos depois de nascer, outra encontrára na piedade da filha de Jorge.

Depois de haver acariciado sua innocente afilhada, que justamente era a orphã, Rachel dirigio-se á velha :

— Então, minha boa avó, está ainda bem forte, não é verdade ? . . .

— Sim, sim, minha senhora, para meos noventa annos ; porém tudo isto vai caindo de repente . . . a dous mezes passados eu era outra . . .

— Não se póde ser forte toda vida, boa avó ; mas, graças a Deos, eu lhe acho sempre gorda . . . goza mais saude, do que se podia esperar em tam avançada idade :

e tudo por aqui vai bem ; Miguel está forte... e mostra ser sadio. .. a pequena Luiza muito limpinha e viva... bem... bem...

— Oh ! mas nunca faltão encommodos...

— Então o que ha ?... eu reparo que aqui se passa alguma cousa ; Miguel tem estado a ponto de fallar umas poucas de vezes ; e elle custa a faze-lo...

— E' o seo costume... abrir a boca, quando deve fecha-la.

— Então é um segredo?... pois bem : eu não quero sabe-lo.

— Sim, disse Miguel ; mas eu já tenho dito dez vezes a mãi Sara que, se elle nos morrer em casa, pôde nos custar caro.

— Morrer em casa!... exclamou Rachel.

— Miguel ! tu faltaste ao que prometteste, disse severamente a velha.

— Não, mãi Sara : a Sra. D. Rachel não entrava na conta : nós não podemos esconder nada della.

— Então, de que é que se trata ? perguntou Rachel.

— Falla tu, Miguel, já que começaste.

— Fallo, sim senhora, tornou Miguel : pelo sim pelo não é bom que a senhora saiba ; pois se acontecer alguma desgraça...

— Falla... anda.

— Foi o caso, que hontem pela volta das onze da noute tinha eu chegado por acaso á janella, quando vi aproximar-se vagarosamente, e apoiando-se pelas paredes, um moço, coitado, todo molhado, e o que é mais, coberto de sangue.

— Meo Deos ! e que é feito delle ? . . .

— Pedio-me com voz desfallecida que o soccorresse . . . que o ajudasse a caminhar . . . ora, eu não tenho coração para ver estas cousas ; chamei mãi Sara, e compadecidos todos lhe offerecemos a minha cama . . .

— E elle, e elle ? . . .

— Arrumou os pés á parede, e não quiz aceitar, senão depois que lhe promettemos nada dizer a seo respeito, a quem quer que fosse . . . emfim entrou : pobre moço ! tinha a cabeça quebrada ; não consentio porém por modo algum que se chamasse medico : fez-me amarrar-lhe a cabeça com pannos ; mãi Sara pôz-lhe um remedio na ferida, e elle dormio toda a noute ; mas ainda não se pôde levantar.

— E agora ? . . .

— A duas horas que dorme.

— Minha boa avó, disse Rachel com voz muito tremula, elle dorme . . . deixe que eu veja esse moço . . . só da porta . . . de longe . . .

— Minha filha, posso eu dizer-lhe que não ? . . . mas Deos sabe que não fui eu, quem faltou a promessa.

Rachel deixou Sara, e acompanhada de Miguel, dirigio-se por um corredor escuro e longo, no fim do qual este lhe apontou um quartinho, cuja porta estava apenas cerrada.

Rachel fez signal a Miguel para que observasse, se o moço dormia ; e só depois de certificada disso, ella passou mansamente metade de seu esvelto corpo para dentro do quarto e vio . . . era elle mesmo !

Uma fraca luz ardia jnto á sua cabeccira, e, á mer-

cê de seo triste clarão, ella vio o rosto pallido e abatido do joven ferido. . . alguns anneis de seos cabellos saião por debaixo do lenço, em que tinha envolvida a cabeça. . . seos olhos estavão fechados; mas, ainda dormindo, parecia tam mêigo, como na noute do sarão.

Rachel contemplou enlevada a figura do moço adormecido; depois, como arrependida de algum terno pensamento, que talvez lhe surgisse n'alma, retirou-se rapidamente da porta do quarto, e levando a Miguel para outro, que defronte ficava, disse:

— Miguel, és capaz de ir agora mesmo a Nietheroy?

— Ao fim do mundo para lhe servir, senhora.

— Pois vai: procura entre S. Domingos e a Praia Grande, a casa em que mora o Sr. Hugo de Mendonça. . . está situada a poucas braças do mar: dize que vás de minha parte fallar a sua filha: e a ella só, Miguel, ou a uma mulher já idosa, que se chama Lucia, entrega a carta que vou escrever, que não deverá ser lida senão por ella. . . por ella só, entendes? . . .

— Perfeitamente: pôde contar que tudo está feito.

— Dá-me papel e tinta.

Rachel ficou só no quarto e escrevia a Honorina; quando já tinha terminado e dobrado a carta, Miguel a veio chamar da parte de Jorge, que acabava de chegar: forão então ambos para a sala; alguns momentos depois porém a moça, tendo obtido de seo pai licença para mandar, como dizia, huscar noticias de Honorina; voltou, sellou a sua carta, e pondo-lhe o sob-escripto, ao mesmo tempo que com seo pai se retirava, Miguel partia para Nietheroy.

Rachel, mandando lisongeiras noticias do Moço Loiro a sua rival e amiga, castigava sua alma pelo amoroso pensamento, que ha pouco tinha concebido, ao observar o joven adormecido.

No fim de tres horas Honorina lia a carta de Rachel. Miguel havia desempenhado sua commissão, como melhor pôde, que foi, confiando a carta a Lucia.

Honorina beijou mil vezes aquellas letras, que por sobre serem vindas da mão da sua melhor ou talvez unica amiga, livravão-na além disso de metade de seus cuidados: tendo finalmente de guardar a carta, vio, ao fecha-la, sorprendida a principio, e logo depois toda prazer e ardor, que haviam, no verso da pagina escripta, algumas linhas que lhe tinham escapado, que não erão da mão de Rachel, e que dizião assim:

« Honorina, eu te amo! eu te amo com esse amor
« de poeta, como esse amor de fogo, que ainda
« quando acaba na desgraça e na morte, com
« tanto que seja sempre o mesmo amor, é por força
« bem bello!... »

— Oh!... exclamou Honorina levantando as mãos para o céu, quanto devo eu a amizade da minha Rachel!...

Mas, no meio de seo prazer immenso, a moça tornou-se subitamente melancolica e pensativa, como se uma lembrança amarga tivesse vindo avivar-se-lhe no espirito.

Ha no mundo um sentimento encantador e meigo como o primeiro sorrir de um filhinho, puro e benigno como o orvalho da aurora, innocente e casto como o

amor nascente de uma virgem ; é a amizade de duas moças.

No meio desses juramentos de eterna estima, que as jovens senhoras proferem em um sarão, ao som das contradanças, e que cinco minutos depois esquecem ; no meio desses beijos, dessas caricias, que se dão, e se despendem com as faces ardendo e o coração gelando ; a amizade sincera de duas moças fulge como o brilhante sem jassa entre a multidão de falsas pedras ; e os corações d'aquellas pendem um para o outro, ao doce impulso da amizade, semelhantes a duas mimosas flores, que se aproximão, e se tocão impellidas pelo sôpro de matinal favonio.

Uma amizade desse genero ligava Honorina e Rachel : ellas amavão-se como duas irmãs gêmeas, que se amão muito.

São onze horas da noute.

Melancolicas e pallidas velavão duas virgens na solidão de suas camaras : estavão separadas uma da outra por esse braço do oceano, que passa entre as duas cidades do Rio de Janeiro e de Nictheroy, e além se estende, beijando namorado brancas orlas de socegadas praias, e namorado abraçando ilhótas graciosas ; mas no entanto acima desse mar, e subindo ao céo, encontravão-se talvez os pensamentos de ambas, porque pensavão uma sobre a outra.

Honorina de repente se enristecêra, lembrando-se de Rachel : no meio de sua alegria recordou-se, de que uma paixão fatal e reprovada torturava a alma de sua amiga : incapaz de dizer uma mentira a Rachel, e nesta

confiando muito, acreditou que ella amava um homem casado ; e a lembrança do padecer da escolhida de seu coração a mergulhava em um mar de cruéis reflexões : Honorina não achava um só meio de servir a Rachel : Honorina chorava.

Passado algum tempo a filha de Hugo de Mendonça foi ajoelhar-se ante uma imagem da Mãe de Deos : Honorina rezava.

Rachel sentia que o amor que votava ao Moço Loiro a cada instante se tornava mais e mais ardente : cedendo as vezes á influencia de sua imaginação, sonhando um momento acordada, ia desenhar bellos arabescos no painel de seu futuro ; mas de subito se lembrava de Honorina, da sua fiel e unica amiga, do amor que elle tinha aquelle, a quem amava, e uma barreira immensa... insuperavel se erguia entre Rachel e a felicidade : então ella, de novo, castigava seu espirito fazendo votos pela ventura de Honorina ; mas pensando tambem em si . . . Rachel chorava.

E a filha de Jorge foi ajoelhar-se, como a mesma hora o fazia Honorina , ante uma imagem da Mãe de Deos. Rachel rezava.

E no fim de uma hora Honorina, que tinha concluido suas orações, antes de levantar-se, ergueo as mãos para a sagrada imagem, e exclamou :

— Oh ! minha Mãe Santissima !... tende piedade d'aquelles que padecem !... curai a dôr do meo coração, fazendo a felicidade de Rachel !...

E tambem no fim de uma hora Rachel, que tinha concluido suas orações , antes de levantar-se,

ergueo as mãos para a sagrada imagem , e exclameu :

— Oh ! minha Mãe Santissima !... abençoai e protegei o amor de Honorina ; mas teude commiseração de mim , que muito soffro !...



XXII.

Elle.

Na manhã do seguinte dia o moço ferido que se achava na casa da pobre Sara, achou-se melhor sentia apenas que ainda nimiamente fraco não poderia deixar aquella casa sem um companheiro, que o sòstivesse.

Sara e Miguel estavam á mesa almoçando com a melhor disposição, quando virão apparecer á porta da varanda o seo docnte.

— Ninguem se desarranje por minha causa, disse elle alegremente; eu me acho melhor, e fallando sem cerimonia tenho bastante fome.

— Mas...

— Nada... nada reflexões, continuou sorrindo-se; mãi Sara... (permitta, que lhe chame assim); dê-me uma chicara do seo caffè e metade do seo pão... eu já estou bom... completamente bom... e sinto uma fome terrivel... ah!.. então parece que duvidão?... pois, meos bons amigos, eu não faço cerimonia... com licença.

E dizendo isso o moço servio-se de caffè e pão, e começou a fazer boa companhia aos seos hospedes: já se dispunha a repetir segunda dose de caffè, quando a velha o suspendeo.

— Alto là, senhor! não se come tanto de uma vez, ao entrar em convalescença...

— Também acho-lhe razão, mãj Sara, e sujeitome agora a suas determinações; porém ali pelo correr das duas horas hade fazer-me o favor de servir-me com uma... está bem não vamos tam depressa; com metade de uma galinha ensopada, guisada, assada, ou como lhe parecer. É certo que agora não tenho dinheiro, porém amanhã, mãj Sara, eu lhe prometto, que hade ser paga de suas despesas e trabalhos.

— Que despesas, moço! até esta hora ainda não me fez gastar um vintem... não fallamos nisso: eu estou bem contente de lhe ver assim alegre...

— Obrigado, mãj Sara; agora tenho um negocio com o senhor Miguel...

— Então quer que eu faça alguma cousa?

— Sim, meo amigo: eu quero, que ao toque das oito horas da noute esteja hoje o senhor junto as grades do templo do Carmo.

— Bem: e depois?..

— Hade ahí vir um menino vivo, esperto, loiro, que mostrará ter des-e-seis annos... vestido de branco, (pelo menos é de esperar que assim venha): e com uma fita preta atada em laço ao peseosso: mostre-lhe o senhor este anel, que lhe vou dar, e diga-lhe que o acompanhe.

— E depois?..

— E depois, senhor Miguel, não ha mais nada a fazer: o senhor entra e fica na sua casa; e o

menino terá de conversar comigo.

— Ah!... entendo : quer que traga o menino cá ?...

— É exactamente isso mesmo : o senhor Miguel tem uma penetração admiravel!.. eis aqui o anel.

Miguel recebeu o anel, escondeo-o no bolso da calça, e saio.

— Agora, mãe Sara, disse o moço, consinta que eu vá descansar um pouco.

— Vá, vá moço, e não seja desensoffrido.

O Moço Loiro levantou-se, e foi direito para seo quarto, já sem encostar-se as paredes.

— Ora pois., disse elle entrando vê-se bem que esta cabeça vai tomando juízo : já não me anda tanto a roda...

E deitando-se em uma pobre cama, adormeceu de novo.

Mas quem é esse mancebo?.. donde veio?.. o que pretende?.. porque se esconde?... pouco nos é dado dizer a semelhante respeito : nada adiantaremos ao que já qualquer que ler este livro terá comprehendido.

É absolutamente o mesmo Moço Loiro que se apresentou no sarão de Thomazia diante de Honorrina e Rachel; mas seo rosto, que não affecta mais a doce melancolia, que sem duvida fingio a vista das duas moças está agora extremamente pallido : seos olhos se achão encovados; ainda assim porém ardentes e vivos : e apesar de fraco e abatido elle sempre alegre e fagueiro deixa brincar nos labios des-

cerados um sorriso engraçado, que sabe tornar melancólico, ironico, picante, ou agradável segundo as circumstancias do momento.

Mas como se chama o Moço Loiro?... ficamos, como dantes: é essa uma questão, que elle nunca trata de decidir: uma vez, em que Sara lhe perguntou qual era o seu nome:

— Ha suas duvidas a esse respeito. mãe Sara, disse elle com voz meiga: eu mesmo ainda não sei, como me devo chamar: no entanto pôde ir chamando-me, como lhe parecer; porque eu acudo por todos os nomes da folhinha.

Todavia, apesar do mysterio, de que se rodeia ha uma cousa que á primeira vista d'olhos se aprecia devidamente em suas acções e mesmo em seu semblante: é o character delle: na parte superior de sua fronte desenha-se descendo, e estreitando-se até o meio della, com sua fórma conica, e apenas sensivel o orgão da sagacidade, e vivacidade de espirito. Basta além disso observar esse moço durante breves momentos para conhece-lo todo; com effeito tudo nelle é fogo, e ardididade: agil, rapido, e precipitado, quasi em um só tempo pensa e executa: joven e parecendo cheio de esperanças elle se ri para o mundo com uma audaz confiança do futuro: forte, decidido, bravo; e imprudente não hesitaria um instante ao ver-se á borda de profundo abysmo, antes atirar-se-hia no seu fundo para salvar uma victima qualquer que fosse, que lá se debatesse: talentoso, ardente, e romanesco despreza a vida de vegetação e de monotonia e todo

entregue aos sonhos e desvarios de sua imaginação cria em de redor de si, e para viver a seu gosto, um mundo de illusão, de misterios, e de bellas phantasias: finalmente compassivo e alegre, independente e brando é sempre o amigo dos desgraçados, tem sempre piedade dos outros, e nunca de si: está constantemente alegre, não odeia a ninguém, estima a muita gente, e morre de amores por Honorina.

O genero de amor, que entretém, deve pois sua origem e alimentação a uma de duas causas: ou a seu character, ou a uma rasão ainda desconhecida.

É possível que estravagante e ardente como é, tendo ouvido o primeiro dialogo de Honorina e Rachel, e então devidamente apreciado a imaginação d'aquella moça, que devia ser com tanta facilidade inflammavel lhe viesse ao pensamento desafiar-lhe primeiro a curiosidade, e depois ganhar-lhe o amor com suas appareções inopinadas, e preparados mysterios: se elle pensou assim, tirou completo resultado de seu plano.

Mas é possível tambem, que amando desde muito a bella moça, e temendo, que seu rosto visto a luz do dia possa recordar um crime, ou uma infamia que faça recuar horrorisado de seu aspecto aquelle anjo de pureza, se furte aos olhos de todos, e a mercê da noute, ou quando apparecendo só a ella ninguém haja para aponta-lo com o dedo, e dizer — eis um monstro! — trate de prender em duros laços o innocente coração da menina, afim de que,

se uma hora soar em que seja reconhecido, seja também já impossível escapar-lhe a presa.

Póde porém existir tanta malvadeza em um homem tam nobre, que se expõe a morte para salvar uma mulher?.. em um homem, que ainda estando só, está sempre alegre?.. a alegria na solidão não será um privilegio exclusivo da virtude?..

Além disto: uma consideração ha a fazer notar em todos os passos desse mancebo: como póde elle penetrar nas noutes que lhe agradão, dentro do jardim de Hugo?... quem lhe foi dizer, que Honorina esperava um cabelleireiro no dia do sarão de Thomasia?... quem o foi prevenir, de que Hugo voltaria com sua filha para Nitheroy na mesma noute?... quem o avisou, de que haveria um passeio marítimo na noute da tempestade?..

Embora não se possa explicar semelhantes duvidas, nada ha mais certo do que o conhecimento previo, que o Moço Loiro teve de tudo aquillo; elle pois sabe de todos os passos de Honorina, de suas acções, de seos projectos, e jogando com elles, ganha sempre as partidas, em que compra cartas.

Em seo engraçado contender de amor, ainda não abandonou o campo uma só vez, como vencido: de duas uma: ou deixa a confusão no arrayal inimigo, e de longe com isso se recreia; ou vai bater-se face a face e ganha de ordinario um tropheo de victoria. Sempre imprevisto, nunca esperado, jámais o mesmo, muda de armas em cada batalha, de género de combate em cada campo: ha só um

objecto constante nelle—a sua bandeira; a divisa de seo escudo :—amor !

Assim, testemunha ocular, ouvindo a conversação de duas moças horas inteiras de uma noute, ouvindo, sem ser visto; elle confunde a ambas com sua primeira carta, que nada menos significou. do que a declaração da guerra de amor.

Dias depois ridiculamente vestido , e ainda peor toucado apresenta-se diante da moça, que ama, rouba-lhe um anel de madeixas, e desaparece.

Mais algumas horas e ei-lo metamorfoseado em Moço Loiro , sentimental e melancolico : falla, e de seus labios escorre veneno para o coração das duas moças; olha, e de seos olhos partem settas de fogo, que fazem arder o socego de ambas ellas : tem entrado em um sarão, para o qual não o convidarão, vê a gente que chega , e foge sem ser sentido sem ser notado, deixando sua imagem, e a relação de um sonho para atormentar duas bellezas.

Para logo inteiramente novo é já um rude bateleiro; que com sua voz aspera e grossa assusta Honorina , e faz-lhe fechar os olhos : aproveita-se do vento... beija-lhe uma luva, e dentro della lança o seo hymno de victoria e ao amanhecer, na janella da moça, a flor, que devia explicar o sonho !

Não muito depois responde a um canto com outro. em que demonstra, que ouviu, ou que sabe de um doce pensamento escapado da alma, e dos labios de Honorina. Na noute seguinte velho pescador como um enviado do Céu , atira-se ao mar, e salva

aquella a quem ama. — Não tem por armas mais do que cabelleiras, e vestidos singulares, e a mercê delles triumphá sempre.

Quem é pois esse mancebo, que não sabe tocar, e faz-se cabelleireiro; que nada comprehende de pilotagem e se improvisa patrão de bateis?...

.....

Meio dia soou: o Moço Loiro acordou-se e ouvindo a voz de Sara na varanda, levantou-se e se foi sentar em uma banquinha junto della.

— Então como vai, moço?..

— Cada vez melhor; mãi Sara; mas confesso-lhe que sinto outra vez uma fome dos meos peccados: a minha galinha estará prompta?...

— Ainda não, moço: o senhor disse que a queria pela volta das duas horas da tarde.

— Paciencia... paciencia; porém mãi Sara, quero pedir-lhe um favor: não me chame de moço; chame-me de filho.

— Pois bem: meo filho....

— Assim... mas o que é?..

— O que é, o que?...

— Ah! eu pensei que mãi Sara me perguntava alguma cousa: como ia dizendo—meo filho...

— Não, nada perguntei: e todavia alguma pergunta poderia ser-lhe feita.

— O que?...

— Eu não sou curiosa meo filho: recebi-o em miulla casa sem o conhecer; mas... cheio de sangue... que queria isso dizer?...

— Que o sangue era de minha cabeça, mãe Sara.

— E como se quebrou a sua cabeça?...

— Ora.. como se quebrou?.. quebrando-se: não ha nada mais natural: nunca se viu uma cabeça quebrada?...

— Sim; mas era possível temer...

— Está bom..... está bom, mãe Sara : fallemos em outra cousa : não ha nada peor do que dormir com fome.

— Porque?...

— Porque sonha-se muito.

— Sim?... então sonhou?...

— Esta noite?... muito : dous longos sonhos... olhe, mãe Sara, em parte eu gosto bastante de sonhar: se soubesse, como eu tenho sido feliz com sonhos?..

E o moço pôz-se a rir :

— E sonha muitas vezes?...

— Faço ainda mais, mãe Sara : quando não posso sonhar, invento sonhos.

—Mas, meo filho, isso tambem é mentir; e portanto é peccado.

— Ha certos peccados que Deos perdoa facilmente; porém, como lhe dizia, esta noite tive dous sonhos... e um com mãe Sara !

— Comigo?...

— Sem duvida : mãe Sara é bem pobre não é assim?..

— É verdade, mas não da graça de Deos.

— Pois eu sonhei, que me ia hoje embora , e que-

rendo dar-lhe algum dinheiro, mãi Sara o não quiz receber...

— E era isso, o que havia de acontecer.

— Obrigado... obrigado... nem eu me atrevia a offerecer-lhe nada; mas o sonho continua... e amaneceo o dia da amanhã.... mãi Sara, acordou, e achou debaixo do travesseiro uma carteira cheia de dinheiro...

— E quem a tinha posto lá?... perguntou rindo-se a velha.

— Provavelmente a mão d'algum genio bemfezejo.

— E depois ?...

— Mãi Sara ficou com o dinheiro, e acabou-se o sonho.

O Moço Loiro ria-se agradavelmente observando a impressão que seo sonho produzia na pobre velha : depois de alguns instantes de silencio , ella perguntou.

— E o outro sonho feliceiro !

— O outro... o outro é com Miguel : eu queria repeti-lo a vista d'elle, porém mãi Sara lh'o contará.

— Vamos lá: e nada de inventar.

— Eu sonhei, que hontem a noute tinha vindo uma moça visitar a mãi Sara...

A velha olhou espantada para o moço.

— Sonhei até, que essa moça se chamava. . . se chamava. . . espere que me lembro. . . . chamava-se Rachel !

— É possível !...

— Sonhei que Miguel tinha faltado a sua promessa ; contando á moça tudo quanto havia a meo respeito....

— Perdão meo filho exclamou a velha, perdão para Miguel; porque tudo isso é verdade !..

— Ah! é verdade?... melhor: pobre Miguel! se fosse eu tinha feito ainda mais, inventava uma historia bem comprida, e mentia como é de meo costume.... pobre Miguel! por isso não o estimo eu menos.

— Meo bom filho!... feiticreiro!... feiticreiro!..

— Espere, mãe Sara; o sonho continúa. Sonhei, que a moça veio observar-me da porta do quarto... como era bonita !..

— E' verdade... tudo verdade... .

— Sonhei, que logo depois ella entrou em outro quarto... no seo, mãe Sara; e foi escrever a uma amiga... tambem muito bonita, muito . mãe Sara! essa entãe era mais bonita ainda!.. ora bem: quando a moça estava fechando a carta, chegou o pai, que a vinha buscar, e ella correo á sala... .

— Sim... sim... foi assim mesmo.

— Agora o resto é melhor ainda: sonhei, que eu me ergui da cama, e encostando-me pelas paredes, fui pé por pé ao quarto de mãe Sara, abri a carta, que a moça tinha escripto... oh! o ladrão da moça escreve bem!... mãe Sara, eu beijei a carta!..

— Bregeiro! bregeiro!..

— E depois... olhe que tudo isto é sonho; de-

pois eu virei a folha, e escrevi no verso duas ou tres linhas com quanta pressa podia: feito isto, retirei-me, e fingi outra vez dormir.

— Agora é muito ! se fosse verdade...

— Estou dizendo que é sonho, mãe Sara, sonho só : olhe , pergunte á moça , se quando ella me observou eu não estava dormindo ; porém, mãe Sara, não me deixa acabar nunca !...

— Acabe... acabe, meo filho.

— Sonhei que apenas tinha eu deixado o quarto, a moça tornou a entrar. e selando a carta, entregou-a a Miguel.

— É tudo verdade.

— Sonhei enfim que a moça partio com o pai para sua casa, e Miguel para Nietheroy... lá Miguel entregou a carta... mãe Sara; no meo sonho eu vi tambem a outra moça lendo : ainda uma vez... como era bonita !...

— Meo filho, se isso é um sonho, foi um poder sobre natural , quem lhe fez te-lo para castigo da falta de Miguel...

— Pobre Miguel ! não fallemos delle... eu lhe perdôo de todo o meo coração !... por consequencia tudo o que eu sonhei, foi realidade ?...

— Pelo menos quasi tudo...

— Ah mãe Sara !... se se realisasse o resto...

— Pois ainda temos mais ?...

— A ultima parte.

— Então acabe.

— Eu dizia , que a moça que recebeu a carta,

era muito bonita... encantadora, mãi Sara! .. pois bem... no meio de tudo isto... sonhei, que me tinha casado com ella...

— Extravagante!...

— Despertei soltando um grito de alegria...

— E emfim?...

— Achei-me, quando procurei minha mulher, só... com a cabeça quebrada... cheio de sangue... aborrecido de mim mesmo....

— Louco!... e por isso se faz de repente tam triste!

Nesse momento ouviu-se um sino que dava horas.

— Que horas são?... perguntou o moço com vivacidade.

— Uma.

— Mãi Sara, a minha galinha?...

— As duas horas.

— Que fome, meo Deos!... que fome!... que fome!...

A velha desatou a rir.

XXIII.

Afilhado.

Ouvindo o signal das oito horas , Miguel correo para junto do templo do Carmo, e bem não erãõ ainda passados cinco minutos logo vio chegar cuidadoso e apressado um menino, que era por força aquelle, de quem o Moço Loiro lhe dera os signaes.

Faça-se idéa da vivacidade personalisada : era esse menino : sem duvida com não mais de des-e-seis annos; com cabellos excessivamente loiros e crespos; os olhos grandes, pretos, brilhantes e a flor do rosto, que muito redondo era ao mesmo tempo igualmente corado; o nariz pequeno; os labios rubros; dentes bellissimos; o corpo delgado; e em todas as suas acções, em todos os seos movimentos ligeireza, rapidez, volubilidade : os olhos do menino brilhavão de noute como dous globos ardentes em rotaçãõ continua.

Miguel endireitou para elle , e a dous passos parou, e ficou firme, como um soldado; mas sem dizer palavra : o menino fitou-lhe seos dous olhos de um modo tam penetrante, tam perscrutador, tam forte, que, a despeito da influencia de sua maior idade, Miguel teve de voltar a cabeça por não poder encara-lo.

— Que é isso lá ? . . disse o menino com voz argentina e firme.

Miguel nada respondeo ; tirando porém a mão do bolso, estendeo o braço e mostrou-lhe o anel.

O menino arrancou-lhe o anel da mão, e correo para baixo de um lampião ; depois voltando com igual presteza:

— Onde está o dono deste anel ? . . . perguntou.

— Na minha casa.

— Pois partamos.

E tomando o braço de Miguel o menino obrigou-o a andar tam depressa, que quasi corrião.

Depois de alguns minutos de marcha, Miguel teve vontade de travar conversação com o seo companheiro.

— O senhor, disse elle ao menino, é irmão d'aquelle moço, que está em minha casa ? . .

— Não.

— Mas é seo amigo.

— Sim.

— Entendo: não tem parentesco nenhum com elle.

— Não.

— Oh ! elle parece ser muito bom moço.

— Sim.

— E' mesmo natural desta terra ? . .

— Que lhe importa ? . . .

Esta ultima resposta foi dada de um modo interrogativo ; mas com um tom tam terminante, que Miguel convenceo-se para logo que aquelle estomago de creança não cedía nem ao mais poderoso emetico.

Por tanto deíidio-se a guardar silencio. Assim chegarão a casa.

Apenas entrado no quarto do Moço Loiro, o menino correo para elle, e abraçando-lhe as pernas, exclamou

— Ah padrinho!...

— Está bom, Carlos, está bom: disse sorrindo-se o moço; não ha tempo a perder; deves ir a casa, que tu sabes, e entrega este bilhete a mesma pessoa, a quem tens entregado os outros: o que trouxeres, deve ser-me dado, quando eu estiver só.

O menino recebeu um bilhete, que o moço tinha escripto na tarde desse dia e desapareceo correndo.

Miguel que pretendia colher muitas reflexões da entrevista dos dous, convenceo-se para logo, ao ver a maneira, porque se explicava o moço, que ainda depois da volta do menino se deveria contentar com saber, que elle se chamava Carlos, e que o moço era seo padrinho.

É, para maior pena, o moço foi pedir a mãi Sara, que quando voltasse o seo afilhado, o deixassem a sós com elle; de modo que Miguel, abriu a porta ao pequeno Carlos, e teve de ficar ao pé de sua avó, até que passado um quarto de hora apparecerão os dous na salla.

— Adeos mãi Sara! disse o moço; eu me vou... e algum dia receberá novas minhas... Adeos Miguel!... Adeos tambem minha pequena afilhada de bonita madriuha!... oh... vem cá, meo anjinho;
Vol. II. 5

quero dar-te um beijo... não é verdade, que tua madrinha te beija tambem ?... eu creio, que devo vir a ser muito amigo della....

— Meo filho, disse a velha, pois ainda tão fraco....

— Este menino tem o braço bem forte para me sustentar: Adeos pois meos amigos... obrigado!... muito obrigado!...

Feitas as ultimas despedidas, o padrinho, e o filho lhado sairão, deixando a avó e o netto a pensar nelles.

— Este rapaz, repetia a velha muitas vezes; tem cabeça de doido e coração de santo! sempre tam alegre e tam affavel!... o hregeiro zombou de mim todo dia ao mesmo tempo, que me abraçava, e chamava-me sua mãe!.. eu não sei porque; mas a gente por força hade querer-lhe bem!

Entretanto os dous caminhavão, como podia e ferido, escolhendo de preferencia as ruas mais solitarias: de minuto a minuto o menino voltava para traz seos dous hellos perylamos, como para convenecer-se, de que não erão seguidos. Finalmente chegando a uma rua escura e feia, cujo nome importa pouco saher, elles entrarão em uma casa de triste apparencia.

Essa casa era habitada por uma familia tam necessitada como aquella que recebera o ferido; mas este occupava um pequeno sotão, que nella havia; e posto que devesse pagar seo alluguel a essa familia, parecia pouco conhecido della; pois que apenas

do corredor deo as-boas noites, e começou a subir vagarosamente a escada do sótão, em quanto Carlos foi pedir a chave da porta.

Emfim elles se acharão sentados defronte um do outro. Todo sótão se compunha de uma saleta, e dous pequenos quartos: nelles não reinava nem luxo, nem miseria: era a morada de um homem solteiro arranjada um pouco menos a Franciscana, do que um quarto de estudante.

Quando o menino sentio, que seo padrinho já havia descançado, disse:

— Eu não sei, porque meo padrinho em lugar de me faser ir todas as noites postar-me de sentinella junto ao Carmo, me não deixa antes vir encontrallo aqui!

— Porque poderião seguir-te ver-te entrar... e quem sabe as consequencias?..

— Ver-me entrar?... a mim?... perguntou o menino sacudindo a cabeça.

— Pois bem meo vaidosinho, a cautela nunca fez mal... mas agora vamos ao que nos interessa: que novidades ha?..

— Nenhuma.

— Que!.. pois nenhuma absolutamente?..

— Já disse, até oudetinha chegado; ainda não fui mais longe.

— Que tens ouvido?..

— Nada.

— Que tens visto?

— Cousa nenhuma.

— Que tens pensado.... sentido.... suspei-
tado....

— Absolutamente nada.

— E' porque tens sido um tollo.

— Qual tollo . meo padrinho ! lá de dia traba-
lha-se...

— E de noute ?..

— Dorme-se.

O moço não pôde deixar de rir-se da resposta
de seo afilhado : alguns minutos depois continuou no
seo interrogatorio.

— E tu onde dormes?..

— No sotão.... mesmo por cima do quarto
delle.

— No sotão?.. ah! tu já me tinhas dito: bem
bom, Carlos, bem bom; mais isso é quasi uma
honra...

— Foi em attenção a aquella senhora, que fallou
por mim.

— Eu sei... eu sei; porém vamos : tu dormes
no sotão mesmo por cima do quarto delle... eis
ahi meio caminho andado : deverias ter visto e ou-
do muita cousa...

— E o forro?..

— Arranca-se uma taboa.

— E a bulha?..

— Então desce-se ao sobrado para espreitar...

— E as portas?..

— Que tem as portas?..

— Durmo traucado.

- Patéta !... não ha chaves falsas no mundo ?..
- E o tempo que se gasta em procura-las?...
- Pois bem... e o tempo que se tem perdido?..
- Qual perdido, meo padrinho !.. fiz cousa mehor do que tudo isso.
- E então para que me quebras a cabeça ? falla.
- No sotão e junto da minha cama ha uma taboa quebrada no assoalho ; arranquei-a.
- E depois ?..
- Restava o forro : arranjei uma verruma, e, mercede della, fiz um buraco, que chega para metade de meo olho.
- Bem : e depois ?..
- Aprontei um páo-sinho redondo, e pintado de branco...
- E para que essa asneira ?..
- Para ter o buraco tapado de dia.
- Está bom... está bom : tens razão : adiante...
- As dez horas de todas as noites apago a minha luz ; levanto com cuidado a taboa velha do assoalho ; tiro o meo páo-sinho do forro ; e fico com o olho no buraco.
- Vamos... vamos...
- Quando elle não tem divertimento, recolhe-se as dez horas.
- E o que faz?..
- Lê livros, ou periodicos.
- E depois ?..
- Despe-se, e vai deitar-se.
- E depois ?..
- Dorme.

— E emfim?..

— E emfim vou eu tambem dormir.

— Pois é preciso não dormir. Carlos.

— Mas, meo padrinho, é que se não pôde trabalhar no dia segninte.

— Pois faze-te doente.

— Dar-me-hão remedios.

— Toma-os.

— E se eu morrer?..

— Mandarei fazer-te um riquissimo enterro.

— Obrigado, meo padrinho.

— Tu és um preguiçoso... um descuidado, e um tollo!.. não tens feito nada... nada... nem trabalhado por fazer.

O menino pareceo vivamente incommodar-se com o desgosto de seo padrinho.

— Mas... eu não pen-ava!.. o que é que se pôde colher de um homem, que dorme?!

— Oh!.. o somno Carlos, o somno pôde ser bem fatal a um homem! quem sabe se elle não sonha?... quem te assegura que elle em seos sonhos não possa dizer alguma cousa, que nos seja util?... Carlos, o somno do homem é mil vezes o traidor de seos pensamentos!... e portanto é preciso que tu o observes de dia e de noute; no trabalho e no descanso; na vigilia e no somno!

— Porém eu não hei de dormir nunca?!

— Tambem tens razão, disse o moço rindo-se de novo; façamos por tanto um ajuste: a que horas dormes?..

— A meia noite, e as vezes depois.

— E quando te levantas?..

— As cinco e meia.

— Bem : vela depois que elle dormir mais uma hora, e dorme quatro e meia.

— Velarei hora e meia, e dormirei quatro.

— Carlos, tu és muito bom.

— Oh meo padrinho!.. exclamou o menino abraçando o moço.

Precisas de dinheiro?.. perguntou este.

— Ainda tenho bastante.

— Excelente rapaz!

— Meo padrinho está contente de mim?..

— O mais que é possível!

O menino demonstrou o seu prazer saltando, e batendo palmas loucamente.

— Aquieta-te travesso, disse o moço; ainda temos que fallar.

O menino tomou de novo o seu logar; e ficou mudo, serio, e attento, como um ministro de estado que vai ouvir uma interpeção.

— Durante estes cinco dias, observa o nosso homem: se nada colheres fica em casa; se houver novidade ou precisares de alguma cousa, achar-me-has aqui: depois, será como dantes, as oito horas da noite junto ao templo do Carmo.

— Estou sciente.

— Agora ajuda-me a mudar esta roupa, que ainda tem manchas de sangue.

— Foi uma queda horrivel, não é assim, meo padrinho?

— Sim... uma quéda, mas quem te disse, que foi horrivel?..

— Eu pensava... uma quéda, em que se quebra a cabeça...

— Pois eu não quero, que penses desse modo, Carlos.

— Então como?...

— Foi uma quéda abençoada, ouviste!

— Está dito, meo padrinho; foi uma quéda abençoada.

Meia hora depois Carlos, deixando seo padrinho de vestidos mudados, com um lenço limpo a cabeça, e socegradamente deitado, despedio-se delle, e ia descer:

— Carlos, disse ainda o moço, dize a familia, que mora em bôixo, que fico estes cinco dias em casa; e por consequencia, que continue a mandar-me almoço, jantar e cea: principiando pela cea, ouviste?...

— Sim, meo padrinho!.. respondeo Carlos descendo rapidamente a escada.

— Grata creança!... disse o moço, quando o viu partir.

No entanto o menino, depois de cumprir a recommendação de seo padrinho poz a cabeça fóra da rotula, examinou, se alguem havia de espreita, e vendo a rua solitaria, saio, e marchou precipitadamente, olhando muitas vezes para traz, como era de seo costume.

A dedicação dessa creança ao Moço Loiro deveria ter por origem um sentimento bem nobre!

— As dez horas da noute Carlos entrava pela porta de uma elegante casa, dizendo com sigo mesmo:

— Esta noute não durmo sem ouvir sermão: também nunca me resolhi tam tarde.

E ao mesmo tempo o Moço Loiro sentava-se a mesa de seo pequeno quarto e se dispunha a ceiar, o que acabavão de trazer-lhe.

.....
Ao amanhecer do dia seguinte a velha Sara despertou, e lembrando-se do moço ferido... sem poder conter-se... rindo-se de si mesma, passou a mão por baixo de seo travesseiro, e surprehendida tirou d'ahi uma carteira...

Immediatamente gritou por Miguel, que se levantou espantado; mas para logo seo espanto se tornou em vivo prazer; pois vio que a carteira, se não continha soma capaz de enriquecer uma familia, lhes trazia meios de melhorar muito sua posição.

Rachel, a quem foi relatado o sonho do moço e o apparecimento da carteira, comprehendeo facilmente, qual tinha sido a mão de genio bemfazejo.

XXIV.

Um mez.

Depois dos acontecimentos, que muito succintamente acabamos de relatar, um mez se passou por tal modo infecundo e arido, que justo parece passarmos tambem de um rapido vôo sobre elle.

Hugo de Mendonça deixou para sempre a sua bella casinba de Nictheroy : Emma havia tomado tal horror da vista d'aquelle mar tam traidor com suas mansinhas e risi-bulhentas ondas, que lhe esteve para arrancar do coração a unica, talvez a unica corrente que ainda a prende ao mundo ; Hugo mesmo lembrava-se todos os dias com tal terror da fatal noute de tempestade, que sua mudança para a Côte foi determinada e promptamente executada ; apesar do muito que Honorina se aprazia da meia solidão, do meio socego, que gozava n'aquella pequena e graciosa casa, abrigada por traz de sombrias arvores ; e, póde ser, das lembranças já doces que esse mesmo mar insano, que essas noutes de claro luar lhe derramavão no espirito.

E como se a interessante moça houvesse adquirido influencia tam forte e decidida sobre o animo de Lucrecia, e impressão tam agradável nelle tivesse produzido, que já não fosse possivel a esta fruir com prazer a vida longe da filha de Hugo de Mendonça, a linda viuva abandonou tambem para logo a joven cidade,

que talvez, para alguns, semelhou, durante alguns dias, jardim desamado, donde se ha arrancado para transplantar em outro suas flores mais mimosas.

Honorina portanto tinha como que duas existencias ligadas á sua ; como que duas sombras que acompanhão seo corpo : a viuva, e o Moço Loiro.

Mercê de nosso privilegio de autor, temos já entrado na alma de ambas essas personagens, e ter-se-ha comprehendido, que tam benigno deverá ser o influxo de um, como maligno o da outra.

A' primeira vista parecerá um contra-senso, que tenha de partir o bem daquelle, que se esconde nas trevas, e o mal d'aquella, que se apresenta com a face descoberta ; sendo, tal qual é, a virtude sempre limpida e transparente, e vezes mil, ou antes de ordinario, a maldade mysteriosa e encapotada ; mas um momento de reflexão fará lembrar que outra é a capa e mascara da maldade, que não em todos os casos a escuridão daoute ; outra mais negra ainda, e ainda mais impenetravel que esta : é — a hypocrisia ; é — o socego do rosto mentindo as convulsões do espirito : — o doce sorrir dos labios por cima do amargor e do veneno do coração : — o olhar meigo e terno dos olhos adiante da vesgueira enfesada do animo.

E' possivel que o futuro proceder das duas personagens, em quem por ultimo tocamos, venha, ainda uma vez, demonstrar a veracidade dessa já velha observação.

E um mez se passou : um mez de suspiros para uã amante saudosa ; de acerba melancolia para uã mar-

tyr de amor ; de projectos e combinações sinistras para uma mulher falsaria.

Iremos pois considerar tres mulheres: Honorina , Rachel, e Lucrecia.

Começaremos pela ultima.

Lucrecia, habil e prosecta, apesar de seos poucos annos, tinha comprehendido, á primeira vista d'olhos, que Octavio não era attendido por Honorina ; ao mesmo tempo porém todas as acções, todos os passos, cada pensamento e cada palavra desse homem provavão até a evidencia que ardente paixão concebêra elle pela moça, e a que frio e offensivo esquecimento estava a viuva condemnada.

Lucrecia tinha em sua desmedida vaidade um horri-vel apparelho de torturas, ralada pelo qual via ella o bello quadro de seo passado apagado pela mão de Honorina; as viçosas flores de suas corôas de triumpho caídas, espalhadas por terra e aos pés dessa moça. e Lucrecia arquejava.

Embora innocente, a filha de Hugo de Mendonça era a causa dos seos tormentos. . . era a mulher por quem Octavio a esquecia. . . era a sua rival; isto é, a sua inimiga. . .

Ora, é possível que um homem, esquecido, desprezado pela sua amada, nem por isso se exaspere contra aquelle por quem ella o deixou, a quem ella procura inutilmente conquistar e prender : pôde mesmo succeder que o offendido aplauda e estime o outro, como a sua vingança ; quando está firmemente convencido que esse é amado, mas não ama.

Uma mulher porém não pensa por essa maneira.

A mulher é o ente que tem o privilegio de levar todos os sentimentos dessa ordem ao seo mais elevado grão. Aquella que se sente trahida pelo homem que a amava, vai com seo olhar terrivel e brilhante adivinhar, no meio de uma multidão de bellezas, qual é a que lhe prefere; e ainda que essa não se levante diante de seus projectos, que seja innocente no affecto que inspirou, que mesmo maltraté ao homem, que sem retribuição a requesta, ella a olha como uma rival, uma inimiga, um insulto vivo a seo amor proprio de mulher.

E o pensamento que primeiro e naturalmente se lhe apresenta é este — vençamo-la !

Sim; porque ahí ha duas offensas, que não se perdão facilmente: ha, antes de tudo, uma outra mulher que pôde agradar mais do que ella; que parece levantar sua cabeça e sorrir-se orgulhosamente victoriosa diante della: e ha, depois, um escravo perdido, um homem que andou de rojo beijando suas pizadas, e que agora a desdenha... a esquece... a despreza por causa de outra.

E pois a essa outra se odeia... e se quer tambem e a todo custo vencer.

Sim; porque ha um grande, e talvez unico pensamento na vida da mulher, que, durante quarenta annos, a occupa toda; que se alimenta, se rumina, e por elle se vive: é o amor: pensamento que iguala a aldéa á princeza; porque podem ambas amar da mesma forma com o mesmo fogo, e ao mesmo homem: pensamento que poderá fazer com que a princeza desça do

palacio e vá á cabana combater a aldéa ; pois se esta fór a rival preferida ; aquella que não deixou de ser mulher para sentar-se tão alta ; que se ufana de agradar tambem, ha desentir arder seo amor proprio no desejo vivo de — vence-la ; e de vence-la sómente, como mulher.

Mas, para vencer, é preciso combater : e a mulher não se lembra nunca de atacar o homem que a trahio ; porque seo unico anheló é rebaixar aquella que lhe preferio.

E onde ir feri-la ?... e como abatê-la ?... a mulher conquista o homem pela força dos encantos do espirito e do corpo ; porém, para destruir os encantos do espirito de umá rival, era preciso que a ciumenta pudesse chegar com seos labios até muito em cima, e apagar com seo sópro de boca humana a chamma brilhante do Creador : e isso é absolutamente impossivel : ou então, o que seria muito louvavel e nobre, adornar o espirito proprio ; enfeita-lo ; aproveitar-se de suas disposições ; illustrar-se e brilhar por si mesma. Mas essa é uma vingança morosa... que se espera muito... que vem chegar tarde... .

Restão os encantos physicos : ha contra elles dous meios poderosos : a enfermidade e o tempo ; porém aqui ainda esses meios escapão ; porque as enfermidades não são como as pedras, que no chão se apanhão para lançar-se ao rosto do inimigo ; e as pragas do ciume e do odio não chegão até o alto dos céos para realizar-se. O tempo não corre hoje mais depressa do que hontem correu e amanhã correrá : o tempo não salria de seo passo igual, compassado, e immudavel á voz de nin-

quem; e, sobretudo, não seria nunca uma mulher quem, para cavar duas rugas no rosto de uma rival, consentisse em ver outras duas cavadas no seo.

Todavía ha um ponto delicado, alvo, finissimo, e por demais sensivel, que pôde ser ferido em uma mulher; o que, quando nelle se tóca, basta que a adaga penetre uma só finha, para que o golpe seja mortal; para que ella caia ainda mais abaixo do que as que se sentão menos altas, e fique hombro a hombro, com as que estão no fundo do abysmo: esse ponto é a sua fama... a sua pureza... a sua honra: bello astro de luz, a quem a mais leve nuvem pôde escurecer; fresca rosa matutina, a quem sobra o mais fraco sôpro para roubar-lhe todo perfume; véo branco, transparente e fino, a quem o mais brando espinho é capaz de romper, e um simples atomo de poeira mancha para sempre.

E é contra esse ponto que a mulher, quando não tem nobreza, quando sua vaidade é tam grande, como imperceptivel sua virtude, vai dircita tocar e pretender ferir; porque, ferido elle, sua rival, mesmo aos olhos do homem que mais loucamente adora-la, fica por força abaixo della, se está ainda incolume.

Este raciocinio importa uma verdade execravel!... e comtudo entre mil, entre mais de mil senhoras, que com sua angelica piedade, com a doçura e virtudes de seo sexo recuão horrorisadas diante de tal infamia; uma ou outra emfim desgraçadamente se encontra, que se não turva ante a imagem de seos resultados, que a aceita, e se esperança nella.

Lucrecia, na concentração de seo ciume, tinha com-

prehendido que era essa a unica maneira de se levantar sobre Honorina aos olhos de Octavio.

Lucrecia, joven e bella, com seos olhos tão languerosos, com seo sorrir tão engraçado, concebendo pensamento tam medonho, era como abysmo insondavel escondido por um tapete de flores, que em sua boca se enredassem.

Para mais direita chegar a seos fins, a viuva procurou, fazendo por merecer a confiança de Honorina entrar em seo coração, e conhecer seos segredos: frequentando com admiravel assiduidade a casa de Hugo de Mendonça, Lucrecia se dizia a maior amiga da filha destê; e a alto gastar de desvelos e extremos, ella pareceu armar-se do direito de merecer essa confiança, que todavia Honorina só lh'a concedeu por metade.

Lucrecia, fiugindo-se curiosa, ouviu então o que já sabia. A incauta moça fallou-lhe das loucas pretensões de seos dous ridiculos amantes, e da perseguição de Octavio.

A viuva mostrou-se assustada, e receiosa do que podia soffrer a reputação d'aquella, a quem chamava sua querida amiga, pelos atrevidos obsequios e cumprimentos de Octavio: quanto aos outros dous, dizia ella, que não havia mesino o menor inconveniente em Honorina anima-los para divertir-se.

Ein seguida, vendo derramado o temor e o espanto pelo rosto da pobre moça, Lucrecia offereceu-lhe um remedio, um meio para sair de tam difficil conjunctura; raciocinou de um modo claro, apoiou seos conselhos com sua experiencia, e provou que Honorina de-

via demonstrar terminantemente o muito, que lhe desagradava Octavio ; que convinha mesmo mostrar preferir-lhe alguém ; e como pensava que seo coração ainda não havia feito escolha, lembrava-lhe a utilidade de fingir-se sensível á paixão de um dos dous parvos pretendentes ; asseverou que talvez bastasse isso para desanimar Octavio ; e concluiu dizendo, que, como campria dar contas ao mundo, seria melhor attender antes a Bras-mimoso, que, como velho e tollo, pareceria a todos menos o objecto de uma verdadeira affeição, do que o de um simples passa-tempo.

Lucrecia não tinha concebido ainda um plano de vingança : desarmada pela innocencia, honestidade e nohreza de Honorina, ella podia apenas preparar, facilitar os meios de vingar-se, e esperar que o tempo lhe dêsse azo para o resto ; mas, como para a execução de um projecto qualquer sempre haveria necessidade de um homem, ella foi pôr de mão o mais miseravel de todos os apaixonados de Honorina : o ente escolhido foi Bras-mimoso : semelhante escolha lisonjeava seo ciu-mc, porque rebaixava sua rival.

A viuva não achou a menor difficuldade em trazer para perto de si, e dispôr para instrumento da predisposta vingança a Bras-mimoso : vaidoso e parvo esse homem, acreditou facilmente em tudo quanto lhe quiz dizer Lucrecia. Ella começou por demonstrar-lhe, que sua amiga de muitos annos, e conhecendo a paixão em que elle ardia por Honorina, descejava servi-lo e trabalhar para sua ventura : que nisso não só satisfazia a amizade, como ainda vingava-se de Octavio, que tam

vilmente zombara della : asseverou-lhe que Octavio não era um rival para temer ; pois que a filha de Hugo de Mendonça o desprezava ; e emfim, para excitar um pouco o amor do velho gamenho, e torna-lo mais avido da victoria, fê-lo crêr que o unico homem, cuja concurrencia podia ser-lhe nociva, era o filho de Venancio.

Segura de Bras-mimoso, de quem podia vir a precisar, Lucrecia continuou a acariciar e observar Honorina, esperando tudo mais do tempo.

O que narramos, muito passageiramente, foi, não a obra de um dia, mas o aturado trabalho de um mez inteiro ; e seo resultado, embora muito incompleto, deu-se ao desamparo de Honorinã.

Porque Rachel a tinha vindo ver só tres vezes em todo um mez . .

Honorina sentia-se agradecida a Lucrecia pelo carinho com que por ella era tratada ; mas ao mesmo tempo alguma cousa muito inexplicavel a tornava incapaz de ser amiga da viuva. Escutando suas palavras, ouvindo fallar em calumnia, Honorina tinha medo ; na frente porém do mundo, que a assustava, ella estava vendo Lucrecia ! ouvindo sempre, respondendo poucas vezes, e jámais promettendo, a filha de Hugo de Mendonça jurou manifestar a mais completa indifferença, e mesmo algum rigor a Octavio ; mas teve tedio de parecer sensível a Bras-mimoso.

Amor era para ella um sentimento sagrado, e servir-se delle para uma zombaria, importava, em sua opinião, o commettimento de um sacrilegio.

Pura como tinha nascido, exaltada como o mais vivo

affecto, Honorina amava com esse extremoso amar de alguns corações de mulher, que são sentidos no mundo, escapados talvez por descuido dos anjos guardadores dos corações do céu.

Toda inteira devotada ao homem, que pela primeira vez lhe fizera experimentar o anhelante e doce sentimento, ella queria que seos olhos nêem por fingimento ou gracejo despendessem com outro a ternura, que guardava só para elle; que ninguem mais bebesse seos sorrisos, ninguem mais fosse objecto da meditação de seo espirito, e emfim, que a nenhum outro viesse, nem por sonhos, a idéa de possui-la.

Tal como o infante, que primeiramente se arrecêa do entrar n'um jogo, que lhe hão pintado muito perigoso; porém, uma vez nelle entrado, a elle todo se dá, e não o quer deixar mais; assim Honorina, que tocada das palavras e da moral fria de Rachel, concebêra indizível terror da posição da mulher, que ama neste mundo de perversão e de misérias, sentindo depois que amava o Moço Loiro, olvidou seos receios passados, e entregou-se a seo primeiro e doce amor com todo enlevo, com toda doce embriaguez de um coração virgem.

Comsigo mesma ella se ufanava de amar; e cultivava seo terno e grandioso affecto com religioso desvelo: erigia-lhe um altar em sua alma, e insensava seo idolo com pensamentos e suspiros

Bella e innocente, o mundo dessas duas cidades, as columnas de desejosos mancebos, a multidão desses ociosos, que querem sempre murmurar; dessas rivaes que desejão rir-se, ferindo; desses curiosos que procu-

ráo tudo saber, e as vezes se atrevem a pretender adivinhar, tentavão, porém debalde, acertar com o objecto dos pensamentos della.

O amor de Honorina era um segredo que só a Rachel havia sido confiado.

E o amor, que sentia a interessante moça, era também o unico que lhe podia convir : toda espirito, toda imaginação e poezia, Honorina achava encantamento inexplicavel em amar esse ente mysterioso, quasi imaginario, que se deixava ver resvalando pela sombra; que se fazia sentir pelo accento de sua voz sonóra, ou pela benigna influencia de seo genio; que apparecia onde não era esperado, e que invisivel velava por ella, como o anjo de sua guarda.

Honorina tinha passado um mez inteiro sem que uma nova appareção ou uma nova carta lhe viesse assegurar a constancia do Moço Loiro; confiada porém na santidade do sentimento, que fazia então a ventura de sua vida, ella acreditava que aquelle homem tam nobre, tam bravo, que por ella luctára braço a braço com a morte, não podia mudar nunca; que o Moço Loiro a amava sempre e muito; e que a chamma que ardia em seos dous corações, acceza pelo — sópro de Deos —, devia ser, e seria, brilhante e eterna como o Sol.

Gastando todas as horas de seos dias em pensar no Moço Loiro, Honorina adormecia de noute para sonhar com elle; e, embora saudoza, ella vivia feliz votando os suspiros de suas vigílias, e os sonhos de seo leito ao escolhido de sua alma.

No meio porém de suas saudades e de suas esperan-

ças, por entre os suspiros de suas vigílias, e as bellas imagens dos sonhos de suas noites, vinha muitas vezes misturar-se um pensamento melancolico e amargo; ao pé da lembrança do Moço Loiro apparecia tambem e sempre a lembrança de Rachel; e Honorina sentia murchar a flor de seus prazeres, recordando-se dos soffrimentos da sua amiga.

Com effeito, Rachel padecia muito.

O que lhe tinha contado Sara, o que lhe havia dito Honorina, provava que o Moço Loiro fingira dormir, quando ella o observara; que soubera aproveitar-se de sua momentanea ausencia do quarto, onde escrevia a sua amiga, para traçar no verso de sua carta aquellas breves e eloquentes linhas, que significavão o triumpho de Honorina; e ainda nas palavras que ella dissera á velha — eu creio que hei de vir a ser muito amigo della —, como que esse mancebo lhe quizera apagar a derradeira esperanza, se alguma esperanza lhe fosse dado nutrir; como que lhe estava elle clamando — Rachel amor para ti é um impossivel: eu posso apenas ser teu amigo!

E portanto não havia esperanza para Rachel; nem lhe era dado, para mitigar sua dôr, imaginar, enganar a si propria, desenhar no futuro uma simples illusão; porque essa simples illusão era a seus olhos um crime; uma traição feita a amiga de seu peito.

O que podia restar á misera?... um unico abrigo: ella o achava na solidão.

Na solidão escondia ella ao menos suas lagrimas do pai carinhoso, que a observava; porque Rachel não ti-

nha o animo d'outr'ora para ir derramar no seio paterno suas magoas; porque ha dôres, ha soffrimentos, de que uma filha não se queixa á sua mãi sem corar primeiro até a raiz dos cabellos; e não pôde accusa-los a seo pai sem um enorme sacrificio de seo pudor de virgem: dôres e soffrimentos muito nobres, muito naturaes; mas que a mesma natureza parece ensinar a engulir sem gemer em silencio despedaçador...

Na solidão; porque lá não estava ao lado de Honorina, que, beijando-a com a ternura de verdadeira amiga, lhe pedia conta de suas lagrimas; lhe obrigava a mentir mil vezes; chorava com ella, e lhe fallava no seo tormento... no Moço Loiro...

Na solidão emfim; porque a mulher, ainda mais do que o homem, quando soffre uma dôr profunda... concentrada... incuravel; quando ama, não é amada e não pôde vencer o seo amor, deve chorar longe de todos... deve gemer com cuidado para que ninguem a ouça, para que os suspiros, que lhe podem escapar, não sejam sentidos... apanhados por ninguem... para que a causa de seo padecer não chegue a ser adivinhada... comprehendida por ninguem... por ninguem desse mundo barbaro, immoral e detestavel, que zomba, que calumnia, que não sabe adorar de joelhos o coração de uma mulher, que ama e que soffre por saber amar!...

Na solidão portanto Rachel ficou um mez inteiro, duante o qual só tres vezes abraçou Honorina.

Fica pois aqui ligeiramente debuxada a historia de trinta dias de tres moças :

Honorina — aza que suspirava.

Rachel — pomba que gemia.

Lucrezia — serpente que se enroscava.



XXV.

Bras-mimoso.

Bras-mimoso não cabia em si de contente: taes cousas lhe tinha dito a propecta viuva, que o nosso velho gannenho com sua tonta vaidade se convenceo muito seriamente de que o seo negocio estava muito bem principiado; que havia mesmo produzido em Honorina a mais agradavel impressão; fez consequentemente planos de casamento, e calculando sobre o dote da noiva, determinou dias de jantares, noutes de sarãos; e enfim sonhou com sigo mesmo recostado na mais commoda poltrona a conversar com os amigos, a ralhar com a mulher, e a comer dos juros de duzentas ou trezentas apolices.

Em alguns momentos porém suspirava lembrando-se de seo desalmado rival: Lucrecia lhe asseverara, que o unico homem, que podia perturbar o justo andamento, e a esperançosa couclusão de suas pretensões, era o filho de Venancio. Ora Mauduca era justamente o homem, com quem Bras-mimoso menos desejava lutar.

— Se elle fosse algum diplomata, um joven parlamentar, como eu, ainda bem; pensava Bras-mimoso; porém não passa de um estúpido materialão que apella sempre para a força bruta, e é muito capaz de preferir trocar socos, a trocar nottas diplomaticas.

Com tudo tam poderoso feitiço havia no bello quadro, que aos olhos do nosso velho-gamenho tinha traçado Lucrecia, que elle se resolveo a trabalhar por arredar Manduca da casa de Hugo de Mendonça.

Firme nesse projecto, gastou longas noites em estudar o melhor meio de pô-lo em execução; e um dia enfim, supondo haver achado a incognita, levantou-se lepidamente, e risonho, e depois de cui ladosamente ataviar-se, saio de casa, e dirigio-se a de Venancio, onde ha muito não apparecia receioso de perder enfim a paciencia, dizia elle, e de praticar alguma loucura contra o miseravel Manduca.

Em casa de Venancio cogitava-se pela mesma pessoa, por quem se interessava Bras-mimoso. Thomasia sentindo a inclinação de Manduca e suppondo, que Honorina era um bellissimo partido, animava, e acendia a paixão do interessante filho; em quem, como mãe extremosa, não via senão merecimento e perfeição: não podendo por isso acreditar, que a tam requestada moça ouzasse resistir a lindeza do querido Manoelinho. D'ahi provinhão os elogios, que Thomasia sem cessar fazia a graça, e ao espirito de Honorina.

Venancio, ente passivo, colonia de sua metropole, pensava, conforme o seu costume, pela alma de Thomasia: e pois fallava sempre com enthusiasmo a respeito da familia de Hugo de Mendonça, e do amor do seu Manduca: e em paga disso ganhava o estar passando já ha duas semanas em paz com sua mulher: isto é, livre dos ataques e furores de Thomasia.

sia ; porque em paz com ella sempre estava Venancio, quer quizesse, quer não.

Roza apoiava as mesmas idéas : e posto que fizesse sempre o seo biquinho, e torcesse seos eterni-mordidos labios, quando a vista della se gabava Honorina com tudo como se tratava de relaciona-la e prendê-la com um homem, com quem não lhe seria possível casar-se; e além disso, era esse um meio de segurar a constancia de seo primo Felis, que temia estar assim meio embalançada empenhava tambem seos esforços para animar o galante maninho, e lhe dava os mais entendidos e experimentados conselhos para encantar a moça.

Todavia, Manduca apesar de. . . (digamos aqui bem em segredo da senhora dona Thomazia) apesar de ser tolo tinha si lo por tal maneira recebido por Honorina, que não lhe restava a mais leve duvida da indifferença da moça. Em taes circumstancias, e com um amarga certeza o rapaz torturou seo espirito por uma semana inteira, parafuzando na causa, porque tam mal attendido fôra.

Sua mãe lhe havia assegurado tantas mil vezes que elle era um mocetão de encher o olho, que a despeito de tres espelhos . que tinha em seo quarto, Manduca não pôde attribuir a crueldade de Honorina à falta de encantos fisicos de sua parte.

Agora a respeito de encantos de espirito Manduca era o primeiro a dar a si proprio parabens pela abundancia que delles possuia, e gastava outra vez, aqui para nós, neste mundo cheio de gente, ainda

se não achou um tolo que se não julgasse avisado.

Por tanto não lhe faltava nem belleza nem espirito: o que era pois?... ah!... finalmente no cabo de sette dias a intelligencia de Manduca deo com a cauza de sua má fortuna: com toda modestia, de que pôde valer-se, o filho de Thomazia reconheceo que não representava um grande papel na sociedade; emfim que não era fidalgo, nem homem proeminente.

E eis o nosso Manduca a resolver, durante outros sette dias, um problema ainda mais difficil:—como se havia de tornar grande cousa em pouco tempo?..

Manduca lembrou-se da litteratura....

E raciocinou.

Em um mundo todo voltado de pernas para o ar, pôde-se tirar algum proveito dos pés; mas da cabeça?!..... ninguem mais se lembra de tal: isso de ganhar amor pelas letras, já é muito antigo; foi idéa do seculo das trevas; está absolutamente reprovado por toda moça, que sabe executar, mesmo fóra de compasso, um simples—*chassé croisé huit*—: ninguem pôde mais ser amado pelas letras diante do encantamento das tretas..... olhem bem, que era o tolo do Manduca, que pensava assim.

Despresado esse primeiro caminho que se lhe apresentou, veio-lhe ainda a idéa da carreira das armas; mas tambem já se não encanta as bellas com o brilhantismo da gloria, e a fama de altas façanhas: as justas e os torneios lá se forão: tudo agora é mais commodo, e menos perigoso.... e, além disso, Manduca sabia que não lhe darião patente pelo me-

nos, de coronel; e elle não era homem, que recebesse ordens ahi de qualquer cabo de esquadra.

Mas no ultimo de outros sette dias a brilhante intelligencia de Manduca deo a luz a resolução do novo problema: estava conhecida, e aberta a estrada da felicidade... a politica!...

Eis a primeira e unica occasião em que Manduca mostrou em toda sua longa vida, ter algum discernimento.

E o que ha ahi de tam proveitoso, como um homem fazer-se politico?.. a politica é para a maior parte um jogo, que nunca se perde: quando não se ganha hoje, tem-se um bocadinho de paciencia, e amanhã lucra-se por dous dias... ora confessemos, que Manduca tinha razão.

E tambem o que ha ahi de tam facil, como ser politico?.. a politica, que pôde ser materia muito espinhosa e intrincada em todo mundo, reduz-se em certo paiz, que Manduca e nós conhecemos bem, a muito pouca cousa: o essencial é o seguinte: quando se está debaixo brame-se diante do publico e pede-se nas ante-salas; e quando se esta de cima choramiga-se aos ouvidos do povo, e zomba-se delle no gabinete: e finalmente quer debaixo, quer de cima maneja-se uma eleição-sinha, escondendo-se primeiro, bem no fundo da gaveta, certos papeis escriptos, a que se tem dado o nome de constituição e leis... ora confessemos, confessemos outra vez, que Manduca tinha razão.

Por consequencia o rapaz determinou-se a tentar

ventura na lisongeira estrada das grandezas, honras, poder, e riquezas : mas por onde começar ?... a que porta bater ?... qual o primeiro passo a dar ?..

Quem pensar, que semelhante consideração seria uma terceira difficuldade, um novo problema a resolver para Manduca ; engana-se redondamente : a cabeça mais desmiolada, o homem mais parvo do mundo, que entre nós se determinasse a seguir a carreira politica, e procurasse o primeiro degráo para pôr sobre elle o pé, instinctivamente lembrava-se da assembléa provincial.

Ahi, apesar das teimosas e despreziveis discussões das necessidades materiaes da provincia, um homem faz por habilitar-se : tratando-se de um chafariz enxerta-se um discurso sobre politica geral. . . . discutindo-se os melhores meios de esgotamento vem mesmo a appello uma longa dissertação sobre as mais intrincadas questões financeiras ; e enfim na discussão de uma ponte pôde um orador de habilidade entrar pela pasta dos negocios estrangeiròs a dentro, posto que ande ella quasi sempre fechada com o muito commodo e abençoado sello das questões pendentes.

Manduca, que se achava com geito para orador, pezo todas estas reflexões, e assentando de pedra e cal, que devia ser deputado provincial, como visse que as eleições batiam a porta, no dia em que Bras-mimoso se dispoz a ir á casa de Venancio, levantou-se elle prompto para metter mãos a obra, e apenas se achou na sala, declarou o proposito, em que estava a seus estremosos paes.

Pouco faltou para que Thomazia perdesse o juizo de ategria, ouvindo a determinação de seu filho :

— Sempre te conheci, exclamou ella, com inspi-rações de genio! Manoelsinho, saiste a tua mãe!

E Venancio immediatamente, lavando as faces com lagrimas de prazer, disse entresoluços :

— É o que eu tenho dito mil vzes ! . . . aquelle rapaz saio em tudo a minha Thomasia !

Tratou-se para logo de cabalar : Venancio foi tomar a casaca para ir alcançar cartas de recommendação em prol do illustre candidato ; Manduca dispoz-se a ir ao correio comprar sellos para as cartas ; e Thomazia fez votto de por em campo todas as suas amigas.

Enão era nem original, nem má a lembrança de Thomazia: feliz d'aquelle que poder ser candidato de senhoras: qual será o empedernido elcitor, que resista a uma cheirosa cartinha de moça, principalmente se fôr bonita?... em taes apuros, quem não é de ferro, não tem outro remedio, se não atirar com a consciencia para um lado, e escrever a sua lista com o coração.

Mas no momento em que Venancio e Manoelsinho saiam, pensando na eleição proxima, e no subse- quente esperado casamento ; pois não era crível que Honorina resistisse a um deputado provincial da orde un de Manduca ; Bras-minoso batia palmas na escada ; e en- trando para a sala vio-se agradavelmente recebido por Thomazia e Rosa ; inesimo mais agradavelmente do que d'antes ; porque emfim . . . as vespers das elei- ções fazem a gente tam delicada . . . tam obsequioza ! . . .

Thomasia não quiz fallar logo sobre os projectos e

esperanças do querido Manduca ; por isso a conversação versou a respeito de objectos geraes ; insensivelmente porém foi levada passo a passo e caio em cheio acerca da filha de Hugo de Mendonça.

— E as senhoras tem visto essa moça ? . . . perguntou Bras-mimoso.

— Apenas duas vezes, em que a fomos visitar, depois daquella noute desgraçada . . .

— Em que eu me ia lançando ao mar para salvar a pobre menina ! . . . se não ouço a baque do outro, que caio n'agua, arrojava-me eu de certo : não posso emendar-me . . . isto vem de natureza . . . em vendo alguma senhora em perigo, atiro-me, succeda o que succeder.

— Pois ahí está ! nós pensámos que o senhor tinha tido muito medo da tempestade ; porque eu juro que lhe vi tremer . . .

— Ah ! . . . qual medo ! eu até gosto muito de tempestades : o que eu sentia era pena de ver as senhoras assustadas . . . mas, voltando ao que conversavamos, então já vio D. Honorina duas vezes ? . . .

— Sim . . . sim . . . coitadinha ! ainda não pôde vir pagar-nos a visita . . . teve alguns dias de febre, e os medicos quasi a matarão com a dieta . . .

— E como a achou ? . . .

— Sempre agradável, carinhosa, e todavia melancolica . . .

— E já se sabe, alguma particularidade a respeito do homem de cabelleira, que a salvou ? . . .

— Qual ! nada : o homiem desapareceu : talvez morresse.

— Aquillo não foi só humanidade !

— Eu também pensei o mesmo , acudio Rosa.

— Ora... ora disse Thomasia.

— Ali anda namoro encoberto, minhas senhoras...

— D. Honorina é boa moça, tornou Rosa ; talvez não seja por culpa della... mas o caso é para se julgar assim... todavia como eu sou muito amiga della, não consinto que se diga nada...

— Nem eu, disse Thomasia; temos sido muito obsequiadas... é uma excellente pessoa...

— De certo, de certo, respondeu Bras-mimoso ; ninguém diz menos disso ; posto que as vezes me tenha parecido um bocadinho hypœcrita...

— Então, minha mãi, eu não lhe disse a mesma cousa ?... porém não, Sr. Bras, ella parece, e não é : olhe, eu creio, e digo que aquillo tudo é singeleza.

— E' vaidosa... um pouco vaidosa...

— Sim ; mas não muito... pôde passar : quem não tem seus defeitos ?...

— Nada ! ella tem presumpção de bonita, e faz mão uso de suas graças : gosta de ser conquistadora, e não escolhe , a quem deve conquistar...

— Mas... nós não notamos isso !...

— As senhoras são todas muito innocentes ; e portanto deixão passar tudo...

— Só se foi por isso : eu nunca repáro nas outras : tomâra que não reparassem em mim.

— Um homem é outra cousa , continuou Bras-mimoso : um homem estuda sempre as senhoras

com quem está: faz-se necessario ser assim... não é por mal....

— Está visto: então o senhor notou alguma cousa?

— Sim... mas...

— Diga... todos nós somos amigos de D. Honorina; e o que dissermos não será por má vontade que lhe tenhamos; mas por pena de que ella seja assim...

— Pois bem... eu reparei, nos dous dias que passamos em Nictheroy, que D. Honorina era ambiciosa de conquistas: as senhoras hão de crêr?... continuou a tratar-me com distincção; disse-me palavras ternas ao ouvido, e fez-me taes perguntas, que eu me considerei o seo predilecto ..

— E não era?...

— Ora! vi logo depois que praticava o mesmo com Octavio: isto já não parece bem...

— De certo... de certo.

— O Sr. Manoel não pôde tambem queixar-se da sua sorte...

— Sim... sim, disse Thomasia; eu notei que ella se interessava muito por Manoel-sinho... e emfim é preciso convir que teve razão.

— Mas é preciso convir ao mesmo tempo, que tres já erão de sobra, para que ella tratasse de conquistar o Sr. Felis, de modo que pôz o moço quasi doudo!

— Então, minha mãi! exclamou Rosa; en não lhe tenho dito cem vezes, que aquella moça anda trabalhando por desinquietar a meo primo?...

— Qual, monina! o Sr. Bras está brincando...

— Não, senhora, não foi o Sr. Bras só; eu também vi: é verdade tudo quanto elle disse, principalmente a respeito de meo primo: Sr. Bras! ninguém conhece aquella amarella a fundo se não eu! . .

— Engana-se, minha senhora; eu tenho de confiar um segredo ás senhoras, de que hão de ficar pas-madas!

— Então o que é? . . .

— D. Honorina não respeita as cans da velhice; e atreve-se a requestar um ancião respeitavel! . .

— E' possível?!

— Não se respeita a si propria; ousa levantar os olhos e pretender conquistar um homem casado!

— Isso é demais! . . e portanto a quem? . . .

— As senhoras vão admirar-se ainda mais: a um homem probo, pacato, recolhido consigo, todo votado á sua familia . .

— Esse é . . .

— O Sr. Venancio! . . o proprio Sr. Venancio! . . .

— Ora . . o senhor está brincando outra vez, disse Thomasia empallidecendo.

— O pobre homem não tinha culpa; não! isso juro eu; mas a menina era o diaho! senhora dona Thomasia, nunca passou por perto d'elle, que não lhe dêsse com o cotovelo! . . .

— Por isso eu vi ella chegar-se tanto para Venancio!

— Uma vez . . porém não; eu mesmo tenho vergonha de o dizer. tratemos de outra cousa.

— Nada . . nada: fallemos disto mesmo: uma vez . .

— Emfim eu obedeço ás senhoras: recorda-se da nou-

te em que ella cantou embaixo da mangueira?... lembra-se que depois nos levantamos toões para ir de mais perto ouvir o canto do bateleiro, e que ficou ella só com D. Rachel no mesmo lugar?...

— Sim... sim...

— Pois quando voltamos, ao passar o Sr. Venancio junto della, apertou-lhe a mão...

— Insolente!... atrevida!...

— O Sr. Venancio puxava a mão... não queria...

— Qual não queria, Sr. Bras! o senhor ainda não conhece a joia que tenho por marido!... aquillo é um dragão!... um velho traidor e hypocrita!...

— Eu vejo a senhora tam exasperada, que me arrependo de ter dito...

Thomasia arquejava.

— Minha mãe, não faça caso: o negocio principal é com meo primo: ella morre por casar-se, não acha com quem, e quer ver se meo primo cãe! mas isso fica por minha conta.

— Aquelle velhaco!... murmurava Thomasia.

— Aquella amarella!... dizia Rosa com os dentes cerrados.

Nesse instante ouvio-se o ruido que fazião duas pessoas que subião a escada.

— Ei-los! disse Thomasia.

— Ei-los quem? perguntou Bras-mimoso sentindo-se incommodado.

— Venancio e meo filho.

— Minhas senhoras, eu devo retirar-me, disse Bras mimoso tomando o chapéo; Sra. D. Thomasia, peço

lhe que ao menos por hoje se contenha, para não comprometter-me com o Sr. Manoel.

— Não tenha cuidado, Sr. Bras... Adeos!.. appareça sempre!...

Porém Bras-mimoso, ao sair da sala, encontrou Manduca, que lhe lançou um olhar victorioso e terrivel.

XXVI.

Giumes.

Venancio entrou na sala alegre e risonho, trazendo debaixo do braço um embrulho, que continha duas duzias de cartas; em menos de tres horas havia arranjado, com que encher uã mala de correio. Tã as boas se apartara a pouco de Thomazia, que indo sentar-se junto della não reparou na tromba enfarruscada, que a querida metade já tinha amarrado no rosto.

Manduca e Roza entrarão para o gabinete: e ao mesmo tempo que a moça se atirava furiosa sobre uma cadeira, o rapaz se lançava entusiasmado em outra.

— Não ha que duvidar, mana Rozinha; tenho já doze collegios fechados aqui na mão!... está decidido; sou deputado!... é preciso dar-me ao estudo de palavras antigas e rabiósas... e isso quanto antes; porque no primeiro dia de sessão, peço a palavra!... oh!... ella hade ler o meo discurso; empenhar-me-ei, para que saia no-Jornal do Commercio todo cheio de apartes, apoiados, apoiadis-imos, muito bem... e terminando com bravos, apoiados e applausos! só penso na sensação, que lhe hade produzir o meo *debute*!...

— Produzir sensação em quem, mano?..

— Em quem?... nella!... pois é pouco vir a ser mulher de um deputado?... e quem te diz, que eu não subirei em breve tempo a mais alta posição?...

— Manoel, abandona os teos projectos... esquece aquella mulher.

— Então que novidades ha?... que quer dizer isso?...

— Todos nós estavamos illudidos... ella não te ama.

— Ora, isso sei eu ha muito tempo; até dou-lhe alguma razão... eu nem deputado era!

— Qual deputado, nem meio deputado: torno a dizer-te, que estavamos illudidos: aquella mulher nem te ama, nem é digna de ti.

— Em?...

— É uma refinada namoradaira!..

— Mana Roza... olhe que você me insulta!... faça de conta que D. Honorina é já minha mulher... que somos ambos solidarios...

— É uma insolente!...

— Mana Roza, contenha-se, se não digo-lhe tambem das ultimas...

— Teve a audacia de perseguir em um só dia cinco homens ao mesmo tempo!...

— Isso é uma calumnia!... não era capaz de tall.. todas vocês tem raiva della por ser mais bonita, mais engraçada, mais...

— Manduca, você é um grandissimo tollo, ou vio!...

— E você tem uma linguinha de cobra!...

— Sim... por dizer verdades de uma mulher, que se abaixou ao ponto de mostrar-se apaixonada de um original como o Bras-nimoso.

— É falso!... é uma mentira d'aquelle ventas de mono!...

— Que se fingio namorada de Octavio...

— Ora... ora... ora... isto não se pôde sofrer! quando ella parecia até não gostar de semelhante impostor!

— Que se mostrava sensível as tontices, que você lhe dizia...

— Isto só pelo diabo! mana Rosa, não tenho vergonha de dizer, que levei taboa redonda em todas as vezes, que a ella me dirigi.

— Que namorou a meo primo Felis...

— Mana Roza, olhe que se vai por ahi, eu rasgo-lhe o capóte em cinco minutos!

— Que nem mesmo perdoou a meo pai com ser velho; que deo-lhe cotoveladas, que apertou-lhe a mão... que...

— Ai!.. já sei, donde vem esta embrulhada!.., você, senhora mana Roza, era capaz de levantar trez duzias de aleives a dona Honorina pela inveja que della tem; mas no que acaba de dizer conhece-se o dedo do gigante!... por isso o tal bregeiro escamouse d'aqui apenas me vio chegar; porém deixe-o estar, que hade paga-lo com lingoa de palmo: quer saber de uma cousa?..

— O que é? diga.

— A primeira vez, que encontrar o senhor Brasmimense, corto-lhe as orelhas.

— Não foi elle...

— Foi!..

— Juro que não foi elle.

— Quer fosse, quer não; tenho sede n'aquelle atrevidação... ainda mais agora, que me assegurarão tentar tambem o tal sujeito a deputação provincial!

— Manduca eu heide dizer a minha mãe.

— Póde faze-lo... ou é melhor, que vá eu mesmo assegurar-lhe as minhas ultimas determinações.

Isto dizendo Manduca atirou-se para sala, sendo immediatamente seguido por sua mana Roza.

Como fizemos notar, Venancio não tinha reparado no carão assustador de Thomazia, e por isso, sentando-se junto della começava por dar conta de todos os meios empregados a fim de ganhar votação para o joven candidato: depois a sua má sina o foi empurrando para a fogueira em que tinha de arder, de modo que Venancio concluiu, dizendo:

— Agora só me falta ir fallar ao senhor Hugo de Mendonça tem relações com muita gente dos collegios da serra... e póde alcançar-nos boa votação: oh! hade dar-nos uma carga serrada...

— Sim... sim... disse Thomazia com terrivel sorriso; uma carga serrada... é o que se precisa!

— Tu, minha Thomazia: podes hem dispor a nossa boa D. Honorina em prol do querido Manoel-sinbo... ella te estima tanto!...

— E a ti não menos; não é assim?... D. Honorina é tam agradável!...

— É verdade!... tam agradável!...

— Interessante!... disse Thomazia levantando a voz.

— Interessante!... repetio Venancio procurando imitar o fogo; com que fallava sua mulher.

— Bonita!.. linda!...

— Bonita!... linda!... exclamou Venancio.

— Chega mesmo a ser encantadora!...

— Mesmo a ser encantadora!... disse o velho com enthusiasmo.

— E' um anjo!...

— Um anjo do Céu, Thomazia!...

— Eu a amo mesmo como se fosse minha filha!...

— E eu, Thomazia!... e eu!...

— E então tu a amas tambem muito?...

— Oh!... pouco mais ou menos, como tu mesma.

— E porque te não diriges antes a ella, do que a seo pai, para fallares sobre a eleição?...

— Eu... porque... não me tinha lembrado...

— D. Honorina pôde empénhar-se com o pai...

— E' verdade!... que juizo, que tu tens, Thomazia!...

— Por consequencia...

— Achas, que devo ir fallar a D. Honorina?..

— Sem duvida...

— E quando, Thomazia?...

— O mais cedo possivel.

— Agora por exemplo?...

— Sim : podes jantar com ella : não gostas da sua companhia?...

— Muito, Thomazia!...

— A gente não se lembra de mais nada no mundo; não é assim, Venancio!...

— Ora... pois se ella é tam feiticeira!...

— Então, Venancio, vai... vai já...

— Pois sim... até logo, Thomazia.

Venancio levantou-se, e tomando o chapéo ia cheio de prazer pelas boas maneiras com que o tratava sua formidavel esposa; quando ao chegar a porta, sentio-se agarrado pelas abas da casaca, e soffreo tam terrivel arrancada, que foi parar no meio da sala, fazendo a piroeta mais brilhante do mundo.

— Passa para ali, grandissimo insolente!... bradou Thomazia.

Venancio abriu a boca para soltar um grito de admiração; mas como arregalasse os olhos e visse uma das abas de sua casaca nas mãos de Thomazia, exclamou dolorosamente :

— A melhor aba da minha casaca nova!...

E em quanto Thomazia pallida, tremula e fóra de si, queria, procurava, e não achava palavras assás fortes para exprimir o furor de que se sentia acendida; Venancio em piedosa contemplação diante da aba de sua casaca, tinha pronunciado como automaticamente, tres vezes :

— A melhor aba da minha casaca nova!...

— O miseravel!... o tolo!.. o vil!... disse tremendo de raiva Thomazia.

— Serei tudo, quanto a senhora quizer, respondeo Venancio afastando-se prudentemente; mas juro, que não a entendo, e ainda que a entendesse, não sei que culpa teve a minha casaca nova. . . .

Thomazia não o deixou concluir : fazendo um rolo da aba da casaca , atirou-o contra o marido ; e acertou-lhe em cheio sobre o nariz.

Já dissemos uma vez que Venancio amava o seo nariz sobre todas as cousas.

— A senhora não se pôde nunca enraivecer, que não implique com o meo nariz ! . . . exclamou elle.

— Miseravel ! miseravel ! miseravel ! . . .

— Que o sou , sei-o eu a mais de vinte annos , senhora !

— Depois de velho, de torpe . . . depois de ser capaz de causar nojo a todo mundo dar em namorado ! . . .

— Eu ? ! ! bradou Venancio, fazendo uma horrivel careta.

— Teutaria sem duvida envenenar-me a ver se casava com ella . . .

— Casav-me ? . . . oh senhora Thomazia, fallando serio ; se eu tivesse a felicidade de ficar viuvo, não me casava nem com uma sancta ! . . .

— Pois heide viver ! . . . heide viver ! . . . e heide viver ! . . .

— Obrigado . . . obrigado . . . irei assim ganhando mais direitos ao reino do céu.

— Heide perseguil-o ! . . . maltrata-lo ! . . . martyrisa-lo ! . . .

— Isso não me faz móssa..... já estou habituado.

— Sou capaz de fugir-lhe de casa!...

— Minha senhora, a porta da rua é a serrenia da casa ; mas não creio, que chegue a fazer tal.

— Porque?... pensa que preciso da sua pessoa?..

— Ao contrario : porque seria para uma pessoa como a minha muita felicidade junta.

— O senhor come pelo meo dotte!..

— Sim senhora... sim senhora... os seus dottes são extraordinarios!..

— Sabe?... o senhor está hoje muito atrevido!..

— E a senhora não se lembra que ainda a pouco atireu com a aba da minha casaca sobre o meo nariz?..

— Um homem casado offender assim sua mulher!...

— Ora isto só pôde ouvir um homem prudente como eu!... senhora dona Thomazia, a senhora tem venetas, tem accessos de loucura?... que diabo lhe fiz eu?... diga ; senão desta vez estoiro!...

— Hipocrita!...

— Atacar-me na pessoa da minha casaca!.. offender-me no individuo do meo nariz!... e sem nenhum motivo plausivel, sem nenhuma razão sensivel, dar um golpe de estado em circumstancias ordinarias!....

— Miseravel!... e ainda quer encobrir?!..

— Encobrir o que, senhora da minha alma?... ora dá-se um inferno, como este em que vivo?...

— Pois onde ia o senhor ainda agora?..

— Trabalhar para a eleição de Manoel-sinho: não era isso da sua vontade?

— Todos elles tem sempre um pé, por onde se desculpa! porque não confessa antes, senhor hippocrita, que ia ver a sua namorada?..

— Pois eu tenho namorada mulher dos meus peccados?!!

— Então tem ainda o atrevimento de negar, que anda apaixonado pela filha de Hugo de Mendonça?..

— Misericordia! que calumnia! que falsidade!..

— E a pouco porque o senhor a chamava agradavel, interessante, linda, encantadora, e até anjo?!..

— E não foi a senhora, quem deo-lhe primeiro todos esses nomes?.. se eu dicesse o contrario disse, tinhamos trovoada por trez dias!.. cahi na asneira de repetir, o que ouvia, e eis o resultado!.. nesta casa sou preso por ter cão, e preso por não ter cão: mas vou apellar para outro meio: falle, minha senhora; que de hoje em diante, ficarei mudo, como o pão d'assuear.

— E heide fallar, gritar, e bramir!..

— Un.

— Anjo!.. anjo!.. anjo aquella lambisgoia!..

— Un.

— Uma amarella sem graça!..

— Un.

— Entendeo?... não quero que se trate mais de elsições.

— Un.

— Não quero mais amizade com aquella gatinha.

— Un.

— Não quero . que o senhor me ponha mais os pés da porta para fóra.

— Un.

— Pois que é um velho estúpido e namorado...

— Un.

— Miseravel !.. torpe !.. covarde!..

— Un,

— Tam covarde, que ouve os insultos que lhe estou dirigindo, e não me diz palavra!..

— Un.

— Digo-lhe que não me sai mais de casa! que heide te-lo prezo n'um quarto escuro! que heide polo em penitencia de pão e agoa!..

— Un.

— Homem sem sangue!,... falle!.. se não des- espero !..

— Un.

— Oh velho desgraçado !... desculpe-se, ou grite; mas falle!.. ou ver-me-ha fazer alguma asneira!..

— Un.

— Oh narigudo de uma figa!..

Thomazia furiosa com o proposito, em que estava venancio de não dizer palavra , triumphou inesperadamente : o pobre velho não poudo ouvir em silencio um insulto dirigido ao seo nariz.

— Oh senhora Thomazia, por quem é não me deite a perder!.. diga tudo quanto quizer ; mas não toque no meo nariz !..

— Narigudo !... narigudo !...

— A senhora devia ser casada com um homem sem nariz!

— Narigudo!... narigudo!...

— E a senhora!... é uma mulher, que se diz com vinte e nove annos, sendo capaz de ser minha mãe!..

— O que é, que diz?... gritou Thomazia avançando.

— Pois se não quer ver-me perder o meo sangue frio, não falle do meo nariz!... disse Venancio afastando-se temeroso.

— Narigudo!... bradou Thomazia.

— E a senhora é um..... estu... vibo... dia... dragão!...

— Espera, que eu te ensino, narigudo de uma figa !...

Thomazia lançou mão de uma cadeira e atirou-se contra Venancio, que deitou a correr em roda da sala, tomando outra cadeira para deffender-se: ao passar junto da porta, do gabinete, vio, que Manduca apparecia, e exclamou:

— Manduca! salva teo pai das garras d'aquella mulher!

E como para isto dizer fizesse uma pequena parada Thomazia atirou-lhe com a cadeira; mas já então Manduca se havia posto entre ambos, e foi elle quem recebeu nas costas tam grande pancada que cahio derreado.

— Manduca!... exclamarão os dous velhos, es-

quecendo-se por um momento de seus furores, e correndo a acudir o filho.

— Manduca!... assobiou Roza com voz de falsete.

No entanto Manduca fazia no rosto contrações horríveis, e por duas ou três vezes, que tentou levantar-se, cahio de novo.

Os dous irmãos occupados em sua disputa fraternal, não haviam dado attenção aos gritos, que seus pais soltavão na sala, aos quaes aliás por muito afeitos, já ouviam sem grande cuidado: emfim no momento de entrar na sala o filho apauhou em lugar de seu pai o golpe, de que acabamos de fallar.

— Quem tem culpa és tu, velho narigudo! disse Thomazia.

— Quem tem culpa é a senhora, mulher despropositada! disse Venancio.

— Quem tem culpa, minha mãe, é a amarella da moda, acudio Roza.

— Quem tem culpa, é o senhor Bras-mimoso, balbuciou Manduca, fallando como a expremesse.

— Meu filho, tornou Thomazia; eu te vingarei no nariz de teu pai.

— Meu filho, acudio Venancio; eu te vingarei não dando mais resposta a tua mãe.

— Meu irmão, bradou Roza; eu te vingarei, pondo a boca no mundo contra aquella bruxinha de senxabida!

— Obrigado! disse Manduca; mas a vingança quero eu tira-la das orelhas do senhor Bras-mimoso.

— Minha mãe, exclamou Roza; Manduca quer cortar as orelhas do senhor Bras! . . .

— Manduca! eu te defendo, sob pena de minha maldição de tocares em um só cabello do senhor Bras! . . .

— Está bem, minha mãe, disse Manduca; eu lhe juro que não tocarei em um só cabello do Bras-mimoso.

E depois continuou, dizendo consigo mesmo :

— Ainda bem, que o tal bixinho é caréca.

XXVII.

Octavio.

Pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, em que tiverão lugar as scenas desagradaveis, que no anterior capitulo descrevemos, uma outra mais grave e muito mais terrivel occorreo na camara do guarda-livros de Hugo de Mendonça.

Felis alojava-se em um simples e modesto gabinete do sobrado da casa commercial de seo amo.

Erão nove horas da noute.

O guarda-livros entrou vivamente agitado para seo quarto; e, fechando-se por dentro, atirou-se sobre uma cadeira de braços; e ficou quasi uma hora immovel e abatido, mergulhado em amargas reflexões.

Um candieiro de bronze estava accezo defronte delle, e reflectia sobre o pallido semblante do mancebo os raios de uma luz debil e enfraquecida. . .

Em todo esse tempo apenas se ouvião profundos suspiros soltados por Felis, e o monotono — tique-taque — da pendula de um relógio, que sobre um proximo apparador existia.

Finalmente, os olhos do guarda-livros erguerão-se e fitarão-se no relógio.

Fallavão cinco minutos para dez horas.

O guarda-livros estremeceu todo, e arrancando compulsamente uma carta do bolso de sua sobre-casaca,

leu para si, sorrindo-se com desesperada ironia, as seguintes breves linhas: — « Felis. — Tentei todos os meios. . . esgotei-os todos, e tudo foi baldado: o derradeiro recurso que me resta é esse. . . um crime! . . . embora. . . nós o lavaremos. Reduzido a dar um passo desesperado, eu abuso da minha posição; eu sei que abuso, Felis! porém não posso voltar atraz; e portanto eu insisto. . . eu imponho! . . . ás dez horas da noite entregar-te-hei a caixinha de veludo preto; e tu me darás as letras. — OCTAVIO. »

Acabando de ler, Felis foi guardar a carta em uma das gavetas de sua secretaria, e voltando de novo a seu primeiro posto, murmurou com voz abafada:

— E portanto elle deve tambem corar diante de mim!

O relógio marcou e deu dez horas.

Um servente de escriptorio bateu á porta do quarto de Felis, e annunciou o Sr. Octavio.

Um momento depois a porta do quarto de novo por dentro se fechou: e Octavio e Felis sentárão-se defronte um do outro: ambos estavam pallidos, ambos tremulos, ambos cabisbaixos.

Passou-se muito tempo em silencio; os dous machos parecião temer olhar um para o outro: devia haver alguma cousa entre elles, que os envergonhasse a ambos.

Finalmente Octavio pareceu tomar uma resolução: tornou-se extremamente corado, e erguendo os olhos, disse:

— E então, Felis?!

— Octavio, respondeu o guarda-livros levantando

por sua vez o rosto ; Octavio, tudo isto é muito horrível! . . .

— E todavia é inevitável !

— Inevitável ? . . . oh ! . . . sómente inevitável pôde ser a nossa vergonha ! . . . porque eu fui um infame ; e tu, Octavio . . . queres se-lo !

— E qual de nós é mais desgraçado, Felis ? . . .

— Eu.

— Não ! . . . não ! . . .

— Sou eu , Octavio ; porque a desgraça está sómente no crime ! . . . e o crime é uã mão de bronze, que nos fecha para sempre a porta do proprio soeego ! . . . e eu tenho offendido a meos bemfeitores . . . aquelles, a quem devo tudo ! . . eu mordi-lhes em seo coração ; e agora tu queres que lhes morda de novo ? ! . . não ! não ! isso não ! já padeço bastante . . .

— Mas esta ferida terá de fechar-se depressa ; e depois eu poderei curar a outra . . .

— Nunca ! ha feridas que jámais se fechão ; porque a consciencia dilacera o coração do máo a todo instante . . .

O guarda-livros ergueo-se, como desesperado, e apertando a cabeça com as mãos, exclamou :

— Meo Deos ! meo Deos ! meo Deos !

E depois, encarando Octavio, disse com voz commo-vida :

— E como te atreves, tu até agora puro e honrado, a vires propôr-me uma infamia . . . um crime, em que ambos teriamos parte igual ?!

— Felis, é que não comprehendes o que se passa em mim ! não sabes o que é soffrer, como eu soffro ! . . .

— Eu?... e eu?...

— Escuta : deixa-me começar bem de longe, bem do tempo da felicidade. Tu me conheces : fui sempre, como ha pouco disseste, puro e honrado : desde a infancia ligou-nos a mais estreita amizade : aos dezoito annos era eu guarda-livros da casa de meo pai, e tu primeiro caixeiro da do Sr. Raul de Mendonça : nós nos encontravamos sempre ; nas horas de descanso eramos inseparaveis ; e meo pai, que me prohibia todos os prazeres, que a mocidade procura com tanto ardor ; era o primeiro a animar nossa mutua affeição ; e muitas vezes, fallando-me de ti, dizia : — eis ali um menino, que ha de ser alguma cousa ; e que deverá tudo à força de seu trabalho e ao valor de sua probidade !

— Basta, Octavio ; não prosigas. . .

— Porém é absolutamente preciso que eu avive todas essas idéas ! e pois, Felis, recordemos a noute terrivel, que de meo igual te podia fazer meo escravo. Lembra-te?... erão dez horas, como agora ; eu vim ver-te, e achei que a porta de teo quarto se achava fechada por dentro, tambem como agora : então, sem pensar no que fazia, instinctivamente talvez, ou para zombar contigo, eu olhei pela fechadura. . . Felis !. . . havia dentro de teo quarto a prova de um crime, como tambem está havendo agora !

— Oh !. . .

— Não comprehendendo ainda o que via ; cuidando que seria um presente da fortuna, bati na porta ; e senti que tu occultavas o objecto que eu acabava de descobrir em tuas mãos : abriste-me a porta, Felis ;

e eu te encontrei pallido e desfigurado, como o estás agora !

— Não mais, Octavio ! . .

— Pedi que me explicasses a tua perturbação; disse-te, o que eu tinha visto; e tu caíste a meos pés, implorando compaixão e segredo, e gritando — misericordia ! . . .

— Sim . . mas tu tiveste piedade . .

— Eu quiz obrigar-te a desfazer o teu crime; porém, chorando arrependido, disseste que já era tarde; que outro havia sido considerado o perpetrador d'elle, e como tal castigado : e que ficarias perdido se se descobrisse o fatal segredo : cheio de remorsos, de joelhos a meos pés, abraçado com minhas pernas, tu me pediste que eu escondesse em minha casa a prova de teu delicto, até que um dia te pudesses lavar dessa vergonhosa mancha . . eu hesitei . . mas amava-te muito ! . . levei-a, occultei-a, e tenho-a comigo.

Felis escondêra o rosto entre as mãos, tomado de vergonha e de remorsos. Octavio proseguio.

— Depois eu tive de sair por muitas vezes do Rio de Janeiro . . graves e importantes emprezas commerciaes me tinham quasi sempre longe desta cidade . . não te encubro, Felis; se eu morresse, achar-se-ia entre os meos papéis a salva-guarda de minha honra; porque a minha honra era só o que eu não podia sacrificar a amizade. Emfim falleceu meu pai . e hoje, herdeiro de sua riqueza e do seu nome, sou julgado feliz e digno de inveja; e até a bem poucos dias eu não achava na minha vida de que me envergonhar, senão de ser o depositario de um crime !

— Oh! e para que agora queres ter de que abaixar o rosto? . . .

— Porque o coração de um moço, Felis, pôde mais do que a sua cabeça! . . .

Octavio enxugou sofregamente o suor, que em bagas lhe corria da fronte; e continuou fallando com ardor e precipitação:

— Tu sabes, Felis, o que é amar loucamente uma mulher? . . . comprehendes o que é passar dias inteiros pensando nella, todas as noutes velando por ella, todas as horas por ella suspirando? . . . eu mesmo não concebo o que é isso, que tem em si essa mulher para fazer-me delirar, e esquecer meos negocios, meos prazeres, meo dever, e até minha honra! . . . mas eu sei que a amo, como um louco, como um homem perdido! . . . eu sinto que este amor traz em si alguma cousa de tam abominavel e infernal, que, por essa mulher, se eu fosse rei, me faria abandonar o throno, se eu fosse pai, amaldiçoar meo filho, se eu fosse sacerdote, renegar do meo Deos! Oh! Felis, Felis! . . . um amor, como este, é horrivel e capaz de tudo! uma mulher, como essa, pôde fazer de um homem virtuoso um ladrão ou um sicario! sim: se Honorina me dissesse — mata! — eu creio que iria matar; se ella me gritasse — rouba! — eu penso que iria roubar; ainda que estivesse certo de que um dia depois seria condemnado á morte; mas com tanto que de cima do patibulo ganhase um sorriso de gratidão de seos labios! . . . oh! . . . pois essa mulher hade ser minha! . . . eu a quereria a preço de meo sangue! eu a quero mesmo a preço de

meo nome e de minha honra!... eu a quero! eu a quero!...

Octavio, que fallava como possuido de violento delirio, pronunciou as ultimas palavras quasi suffocado.

— Mas é horrivel, Octavio, disse Felis; pretenderes sacrificar-me á tua paixão!

— Eu sei, eu sei; mas já te disse que seria tambem capaz de matar e roubar: tenho tentado tudo inutilmente: cerquei-a de attenções e de obsequios... e nem gratidão obtive: procurei mostrar-lhe o como era extremoso e puro o amor que por ella sinto, e nem ao menos pude ser ouvido: expliquei-me mais claramente... fallei-lhe em casamento... e Honorina repelio-me!

— E seo pai?... porque te não diriges a seo pai?

— Felis, confesso-te com vergonha: ha tres dias que fui ajoelhar-me diante d'elle; pedi-lhe o socego, a paz e a ventura de minha vida, pedi-lhe enfim a mão de sua filha: o Sr. Hugo de Mendonça pareceu inclinar-se a meo favor, sua mãe mostrou alegrar-se ouvindo minhas proposições; Honorina foi chamada... consultou-se sua vontade... e ella disse, que não! não!... diante de meo rosto!... e portanto não ha mais esperanza por esse lado... a esperanza, que me resta, é uma só: em ti a tenho posto.

— Em mim não, Octavio; eu não poderei fazer nada.

— Podes, podes muito: eu exijo; e já disse uma vez, eu imponho! Tu ficaste, ha perto de um anno, administrando, com plenos poderes, a casa de Hugo de Mendonça: eu sei, que o velho e fallecido Raul de

Mendonça havia entrado em emprezas arriscadas. . . . tinha parte muito notavel no contrabando de africanos : não podias tu, depois da morte deste, e na ausencia de Hugo, entreter ainda as mesmas negociações ? . . . para entrete-las não te era preciso contrahir empréstimos ? . . . e não seria enfim muito possivel ser infeliz e perder tudo ? . . . Felis ; eu sei ainda, que a casa de Hugo teve prejuizos, e estremeceo. . . . tenho a certeza, de que estremece ainda . . . pois bem ! passa-me letras. . .

— Octavio ! . . .

Octavio como para ver-se livre de um pezo enorme, continuou, dizendo depressa :

— Passa-me letras de grande valor. . . . na importancia de quarenta a cincoenta contos de reis. . . . escreve-as com datas atrasadas : que seo vencimento tenha logar agora. . . . e Hugo de Mendonça estará perdido para sempre, ou dar-me-ha sua filha em casamento.

— E hei-de assim, Octavio, pagar a meu bemfeitor a divida immensa, em que lhe estou ? . . .

— Oh ! não. . . não haverá nada : assusta-lo-hei apenas ; se me der sua filha, no dia das nupcias declararei o nosso crime, e obterei o teu perdão.

— Elle sacrificará primeiro todos os seus bens para pagar-te. . . .

— O Sr. Hugo de Mendonça é muito honrado para querer pagar-me com a herança de seo sobrinho, de sua mãe e de sua filha.

— Mas tem a sua.

— Insufficiente.

— Lançar-me-ha a ponta pés para longe de sua casa. . . .

— E eu te receberei na minha.

— Deshonrado! . . .

— Tu te saberás deffender : o contrabando, em que se achava empenhada a casa de Hugo enriquece e empobrece com a rapidez do raio.

— O Sr. Hugo de Mendonça, quando deixou-me administrando sua casa, ordenou-me, que puzesse termo a todas as negociações da Costa d'África, Octavio.

— Sim; mas poderião haver antigos compromettimentos. . . . e em tal caso. . . .

— E como ? . . . como explicar essa perda enorme? . . .

— Felis, tudo nos auxilia : o velho Raul de Mendonça e meu pai erão socios em semelhantes emprezas : mortos ambos quasi ao mesmo tempo, não é inverosimil, que ficassem ajustes, obrigações que prendessem ambas as casas : sabes que a fortuna me tem sido terrivelmente contraria nestes dous ultimos mezes : pois bem. . . . explica as tuas perdas pelas minhas. . . . eramos socios. . . . ninguem virá dizer, que não ; porque eu tenho negociado só por minha conta ; e por tanto eramos socios. . . . e tu não fizeste mais, do que cumprir antigas e inevitaveis obrigações. . . . que emfim nós podemos documentar agora em dez minutos.

— Não! não!

— Felis, eu te escrevi uma carta, que poderás attirar-me ao rosto, se eu faltar, ao que prometto!

— E' uma infamia. . . .

— Que se lavarà depressa.

— Sim, porque tu te desculparás com a paixão, que te cega.

—Etu com o direito, que eu tinha de te impor condições. . . .

— Será dizer ao mundo, que eu tenho sido infame toda minha vida. . . .

— Não: eu alcançarei o teu perdão, e sepultarei o teu segredo.

— Mas não me livrarás de corar sempre diante de uma família inteira!

— E' um sacrificio, Felis, eu o sei; porém tu m'o deves. . . .

— Este não. . . . é enorme! . . .

— E' que tu ainda não pensaste, que me não podes negar nada! . . .

— Octavio! . . .

— Que um homem, que tendo sido como eu, honrado em toda sua vida, que não teve nella ainda uma só mancha, e chega ao ponto de vir envergonhar-se a teos olhos, não hesitará um só instante em lançar mão dos ultimos meios!

— Octavio! . . .

— Que um homem que ama, como eu amo, não conhece barreiras, não respeita nada. . . não se pode lembrar nem dos outros, nem de si! . . .

— Octavio!

— E' que tu ainda não pensaste que eu estou dando o derradeiro passo! e que me agarro á ultima taboa! que acredito, que tu podes ser o instrumento de minha ventura: e que se a isso te negares, eu posso, e hei de vingá-lo!

— Mas é que tu não pensaste também, Octavio, que a minha queda trará apos si a tua ; porque tu me esereveste uma carta, que te deshonra !

— Embora ! embora ! eu pensei em tudo isso, e em mais ainda . porém já te disse mil vezes, Felis ; quem ama, não respeita o mundo, não se lembra da virtude ; está louco e perdido ; e só pode salvar-se com a posse d'aquella que adora !

— Insensato !

— Eu pensei até na possibilidade de um outro crime, Felis ! eu pensei, que tu podias tentar arrancar de minhas mãos a prova de tua desgraça ; e sabes, o que fiz?... vim armado... para deffender-me!... para salvar a minha esperança !..

— E para talvez matar-me, não é assim ?

— Não ! matar-te não ; porque eu preciso da tua vida : Felis, tu és a carta, que eu jogo ; a carta, merce da qual, devo ganhar a partida.

— Octavio, eu me espanto da tua audacia !..

— Admira antes o amor desesperado, que eu tenho !..

— O que tu intentas, Octavio, chama-se um roubo !

O rosto do mancebo tornou-se rubro de colera e vergonha : não podendo soste-se no primeiro momento, agarrou e sacudio com força o braço de Felis, e exclamou :

— Desgraçado ! e és tu que fallas em roubo ? !!

Felis, como fulminado por um raio, caio sobre a cadeira de braços, da qual ha um instante se tinha erguido.

Onze horas soarão então.

— Ha uma hora, que fallamos em vão, disse Octavio socegando ; é necessario acabar com isto : decide-te.

— Estou decidido. respondeo Felis ; não !

— Bem : amanhã haverão de mais dois desgraçados no mundo : demanhã tu serás vergonhosamente expulso da casa de Hugo de Mendonça como um villadrão ; de tar de mostrarás a minha carta ao povo, que me cuspirá no rosto.

E dizendo isto Octavio deo dous passos para a porta.

— Para Octavio ! exclamou Felis.

— Queres dar-me as lettras ? . . .

— E onde está a prova de minha miseria ? . . .

— Troxe-a comigo.

— Juras-me, que se te cazares com Honorina, conseguirás o meo perdão, e sepultarás o meo segredo ? . . .

— Juro . . . pela alma de meo pai.

— Que se não obtiveres a mão dessa infeliz moça, não sacrificarás a fortuna de seu pai ? . . .

Octavio pensou um momento.

— E então ?

— Não juro, Felis ; porque eu precisarei vingar-me ! porque eu quererei abaixa-la muito para depois levantá-la.

— Desse modo . . . repito, que não !

— Pois até amanhã, Felis . . .

Octavio encaminhou-se de novo para a porta.

— Piedade ! piedade ! . . . compaixão, Octavio ! . . .

— Queres dar-me as lettras ? . . . perguntou o moço voltando o rosto.

— Oh !... tu és muito traidor para ser amigo !...

— Queres dar-me as lettras ?

— Octavio !... Octavio !... isto é horrível !...

— Em conclusão ?...

— Em conclusão, tu és o demonio !...

Felis sahio do quarto e dirigindo-se ao escriptorio, de lá voltou logo, com algumas lettras em branco : fechou-se de novo por dentro com Octavio, e depois de temerosamente conter os olhos em derredor de si, encheo as lettras as quaes forão assignadas por elle como aceitante, na qualidade de administrador da casa, e procurador bastante de Hugo de Mendonça. Todas ellas deverião vencer-se pouco tempo depois: quando as lettras estiverão promptas, Felis as entregou á Octavio, que somando-as disse :

— Bem : são quarenta e seis contos de rs.

— E agora, disse Felis abaixando os olhos; o que me pertence ?

Octavio tendo guardado as lettras com todo cuidado, tirou do bolso um pequeno embrulho, que deu ao guarda livros.

Felis arrancou o papel, que envolvia aquelle objecto, e achou uma pequena boceta forrada de velludo preto.

Abrio a boceta e achou u na cruz cravada de brilhantes.

— E' isto mesmo, disse tremendo.

Pai—e—Negociante.

Hugo de Mendonça, deixando a bella casinha de Nictheroy, tinha vindo, a instancias de Lucrecia, morar visinho della, nesse bairro alegre, e aristocratico chamado da—gloria—, onde a diplomacia e a riqueza tem, no Rio de Janeiro, assentado o throu de seos prazeres.

A elegante casa occupada pelo pai de Honorina ergue-se do meio de um jardim, que, desdobrando-se, primeiro faz frente para essa soberba rua sempre tremula pelo rodar das carruagens, sempre ruidosa pela multidão, que por ella vai caminho; e depois se continua por outra, que, em compensação, socegada, solitaria e melancolica, se termina breve defronte do mar.

Ante a rua orgulhosa e nobre se ostenta magnifico portão de grades de ferro, que se abre em par prezo a duas elevadas columnas de pedra, ao mesmo tempo, que pela outra solitaria e melancolica se franquea o jardim por um pequeno portico engraçado e modesto, a cujos lados se levantão dous terraços, cada um dos quaes tem no fundo duas portas, que dão entrada a uma saleta de recreio.

Como acima fica dito; no meio desse jardim levanta-se a vistosa casa, em que mora o pai de Honorina.

Era um domingo as nove horas da manhã.

A pesar de ser feriado, como era esse dia, o que tinha seguido a horrivel noute, em que sobre a vergonha passada de um homem levantava outro homem tambem sua vergonha, Felis foi cedo procurar a seo amo para dar-lhe a fatal noticia da triste posição de sua casa: da ruina, que o esperava; ruina eminente. . . talvez inevitavel.

Emma e Honorina praticavão na sala; em quanto em um gabinete, contiguo a esta, Hugo se occupava em examinar varios papeis e livros commerciaes; quando annunciarão Felis.

O negociante escutou estremecendo o annuncio d'aquella inesperada visita; e com o presentimento de um infortunio, ordenou, que fizessem entrar o manco para o gabinete.

Hugo conhecia, que seos negocios não se achavão no melhor pé possivel: elle tinha herdado de seo pai uma casa forte pelo credito, que merecia; manca porém em si mesma pelas grandes dividas, que sobre ella pezavão, e que não podião ser de prompto satisfeitas; pois que não era licito ao honrado negociante dispôr, para paga-las, dos bens, que cabião por herança, a sua mãe, e a Honorina.

O irmão de Hugo, fallecido quasi ao mesmo tempo que seo pai, havia deixado bens consideraveis; morrendo porém sem testamento, e tendo um filho unico, embora ausente, esses bens não devião ser empregados em favor dos interesses particulares de Hugo; que, sempre consciencioso e nobre, zelava a herança de Lauro com um respeito religioso.

E pois Hugo de Mendonça, que, para ficar senhor independente da casa de seo pai, se obrigára a todas as dividas que a fazião gemer - começára logo a lutar com immensas difficuldades; todavia tendo um nome cheio de brilhante reputação, e uma vida ainda sem mancha pôde sustentar-se no mesmo pé, em que d'antes vivera seo pai: obrigado a sair da Côrte para tomar conta dos bens, que longe havião deixado seos parentes, elle pôz os seos negocios sob a direcção de um moço, que, ha dez annos, era o primeiro caixeiro da casa, e que jámais déra azo a menor desconfiança de sua probidade.

Voltando depois de alguns mezes de auzencia, Hugo achou tudo no mesmo estado. . . . a casa se debatia ainda apertada pelos mesmos empenhos. . . mancava sempre; mas era innegavel que Felis, que a ficara administrando com amplos poderes, fizera admiraveis esforços para sustentá-la.

Quem julgasse a Hugo de Mendonça pelas apparencias, o acreditaria tam feliz, como rico: além de ser o seo genio naturalmente alegre; o negociante, a semelhança da joven loureira, que abatida e amargurada no fundo da alma, ainda assim levanta orgulhosa a cabeça diante de suas rivaes, fazia por esconder seos concentrados tormentos sob um aspecto de felicidade; mas para contrastar a alegria de seos dias elle passava noutes cruéis de calculos baldados: noutes, que elle gastava em lembrar e somar suas dividas; em sentir apertar-se-lhe o coração, prevendo, que lhe seria preciso voltar-se para sua mãe e sua filha,

e pedir-lhe seos bens para perder tudo menos a honra.

Foi por isso, sem duvida, que elle estremeceo, ouvindo annunciar a visita de Felis a horas, em que o não devia esperar.

O guarda-livros entrou e obedecendo á voz de Hugo sentou-se defronte delle.

O mancebo trazia no semblante a expressão de pungente dor: em seos olhos se estava lendo a vigilia de uma noite inteira.

— Pois bem, meo Felis, disse Hugo forçando um sorriso; eu estou agoirando-nos mal da tua visita.

Felis fez um signal affirmativo.

— É que temos novas difficuldades a vencer para sustentar-nos... empenhos novos... e quem sabe?... talvez uma grande desgraça....

O guarda-livros fez novo e igual movimento de cabeça; Hugo de Mendonça tornou-se então pallido, como elle.

— Almoçemos primeiro, tornou depois de alguns minutos de silencio; procuremos adquirir forças para assoberbar a tempestade.

Felis quiz fallar; porém Hugo de Mendonça, já com muito sangue frio, repetio o mesmo conselho.

— Almoçemos primeiro, meo amigo: ha sempre tempo de sobra para o infortunio.

Até a hora do almoço Hugo entreteve agradavelmente a Felis, e as senhoras, com as quaes se tinham ido ajuntar, em objectos indifferentes.

Finalmente os dous se virão de novo a sés e defronte um do outro no mesmo gabinete.

— Agora, meo Felis, disse Hugo de Mendonça ; vamos ao que é mais serio e mais triste : que ha de novo ?... falla...

— Senhor... ha uma desgraça... horrivel !...

— Mas emfim sempre acharemos para salvar-nos algum meio embora difficil...

— Senhor, disse o moço, o mal é muito grande... é enorme...

— Sem remedio?...

— Talvez... desgraçadamente talvez sem remedio !

— Mas o que será isso, que por hora não comprehendo !... eu me suppunha ao facto de todos os meos negocios!...

Felis ficou frio, como um cadaver; e sentio que as palavras de Hugo de Mendonça retinião cruelmente no fundo de seo coração.

— Felis, continuou o negociante é preciso falar... vamos...

— Senhor, respondeo o guarda-livros ; eu sempre mereci a mais completa confiança do senhor seo pai; e nunca dei motivo para perder a sua. Recebido, e educado nesta casa, pobre orphão que eu era, eu vos olhava como meos pais, como vós me olhaveis como vosso filho.

— Adiante... adiante...

— Não ; tudo é preciso dizer ; porque eu commetti um erro, a que se póderá chamar um abuso de confiança ; pois que suas consequencias forão des-

graçadas; e que se diria uma grande prova de amizade e dedicação se o seu resultado correspondesse aos meus desejos e esperanças!

— Basta de preambulos, Felis; eu estou ansioso por conhecer esse infortunio, que tanto te abate.

— Eu o vou dizer; mas assegure-me primeiro, senhor, que eu tenho administrado a sua casa mais como um membro da familia, mais como um filho, do que como um assalariado...

— Sim... todos te fazemos justiça: porém vamos... vamos..

— Eu me explico: é todavia necessario partir de longe: senhor, quando morreo seo pai, eu sabia dos negocios da casa mil vezes mais do que V. S.^a: perdoe-me... o senhor Raul de Mendonça parecia estima-lo pouco; e por isso o arredava sempre dos seus conselhos...

— Adiante... adiante...

— O senhor seo pai, poucos annos antes de morrer, se havia empenhado em negociações prohibidas, perigosas; e, como tantos outros, soffreo revezes: o resultado foi deixar a casa nas difficeis circumstancias, em que passou a seo poder...

— Sabemos disso...

— Logo que depois da morte d'elle, a casa ficou debaixo da direcção de V. S.^a eu recebendo amplos poderes para, em sua ausencia, continuar com os negocios, reccebi tambem ordens terminantes para por termos a essas empresas fataes e illicitas...

— Concluamõs enfim...

— Alguns dias porém depois da sua partida para o campo, a firma de seu pai me foi apresentada... havia uma promessa, uma obrigação delle, contandose com a qual despezas se tinham feito, e navios preparados: era um enorme empenho... mas o que podia eu fazer?..

— É que eu ainda não comprehendí bastante Felis!...

— Senhor eu quero dizer que fui obrigado a contrahir novas e grandes dívidas para entrar na negociação com a parte, a que se obrigára a casa, que eu estava administrando.

— Mas eu tinha o direito de saber tudo, e tu o dever de nada me occultar!..

— Eis o erro, que choro, senhor! porém eu esperava que desta vez a sorte nos seria menos adversa; e contava, que poderia apresentar-me victorioso, depois de ter salvado de todos os seus empenhos a casa, que administrei.

— E então?..

— Calculando os lucros sobre uma perda de metade de nossas embarcações, ainda assim teríamos vencido muito....

— E então?... e então?... e então?..

— Ob! ha trez mezes que se tem ido quebrando contra meo coração uma por uma todas as probabilidades, que a nosso favor eu tinha!... cada noticia importava sempre uma desgraça!... a primeira, a segunda, a terceira, todas as embarcações perdidas... tomadas!... só nos restava a ultima..... a ultima,

que era tambem a derradeira taboa de salvação para nós; pois bem! hontem a noticia chegou... perdida tomada, como as outras!...

— E por tanto?... perguntou o negociante apertando violentamente as mãos.

— E por tanto tudo está acabado... não ha mais esperança possivel!...

Hugo de Mendonça desabafou um gemido surdo, e doloroso.

— E de hoje a trez dias, senhor; temos de pagar uma lettra na importancia de treza contos de réis.

— Oh!...

— E de hoje a trez mezes uma segunda de quinze contos de réis.

— Felis!...

— E enfim de hoje a seis ainda uma terceira importando em desoito contos de réis.

— Que todas trez prefazem a quantia de quarenta e seis contos de réis!... disse tremendo Hugo de Mendonça, que estupidamente somára pelos dedos a divida inexperada.

— E' verdade, senhor.

— Sim..... ainda quarenta e seis contos de réis que devem ser pagos no mesmo tempo, em que se virá pedir-me outro tanto!...

— Era por isso, que eu julgava esta desgraça inevitavel!...

— Mas ha, senhor Felis, disse Hugo affectando um tom improvisadamente polido; ha em tudo isto um

lado obscuro... inintelligível!... nenhum administrador occultou assim por tanto tempo negocios de tal importancia ao dono da casa!...

— Senhor Hugo de Mendonça respondeo Felis empallidecendo involuntariamente; eu tenho e trago comigo documentos, que esclarecem bastante o meo proceder: por elles se pôde ver, em que tempo fui contrahir essa divida na mesma casa, que com a que eu administrava se ia de sociedade empenhar na fatal empreza: nelles estão marcados, com a mesma data das letras que assignei, todos e ainda os mais minuciosos esclarecimentos a respeito das embarações enviadas á costa d'Africa. E de mais, senhor, conto a meo favor honroso procedimento de longos annos de serviço!... ninguem poderá fazer-me a injustiça de erer, que me enriqueço, fazendo a desgraça da sua casa!..

— Não se lhe disse isso, senhor, tornou Hugo; mas eu creio, que no estado, em que me vejo deve-se-me tolerar uma queixa!

— Oh! perdão! perdão, senhor Hugo de Mendonça!

— Está bem; está bem, Felis... deixa-me os papeis, que me sentençaão a miseria.

— Eil-os aqui, senhor.

Felis entregou a Hugo de Mendonça um pequeno maço de papeis; e alguns momentos depois retirou-se ahatido e triste, como viera.

O negociante acompanhou com vistas perscrutadoras o seo guarda-livros até ve-lo desaparecer.

No pensamento de Hugo desenhava-se, ao pé da lembrança de seu infortúnio, uma duvida que o fazia vacilar muito.

A historia, que lhe contára Felis, tinha um não sei que de fabuloso. . . . seria Hugo victima de um trama infernal? . . . deveria o seu guarda-livros levantar-se rico e feliz sobre a sua miseria? . . .

Mas ao mesmo tempo que taes idéas surgião-lhe n'alma, Hugo lembrava-se de que Felis havia sido um caixeiro exemplar por sua honra e fidelidade; e a vida inteira do mancebo sem nenhuma mancha, sem a mais leve nodosa, fazia estremecer o negociante arruinado diante da imagem da calunnia.

Emfim elle começou a examinar os papeis: tudo estava em ordem. . . tudo cuidadosa e miudamente documentado. . . e ainda um novo golpe vinha cair sobre Hugo de Mendonça: elle era devedor de grande quantia ao mesmo homem, que, poucos dias antes, lhe viera pedir a mão de sua filha, e fôra por ella não accedido. . . .

Horas terriveis se passarão então. . . .

Só, sem nenhum objecto, que o distrahisse, Hugo de Mendonça examinou os seus livros, as suas contas, os seus papeis; pensou em tudo. . . lembrou-se de sua mãe e de sua filha; e quando ao voltar a pagina de um livro, ou ao combinar um novo pensamento, sentia entrever uma esperanza; arquejava immediatamente depois; porque nessa mesma pagina do livro, e na reflexão desse mesmo pensamento elle esbarrava

sempre com a idéa fria horrivel, geladora — impossivel!

Impossivel !— palavra fatal, que na vida moral do homem significa o perdimento de toda esperanza... isto é, a morte do coração! . . . noute perpetua e escurissima ainda no meio dos mais bellos dias! . . .

Oh! o negociante habil e honrado, que sente desmoronar-se sua casa, apezar de seos desesperados esforços. . . que não tem mais uma unica probabilidade a seo favor, uma simples e fraca taboa de salvação, a que se agarre, soffre muito. . . muito. . . terrivelmente. . . parece, que não é possivel soffrer mais; e todavia Hugo era despedaçado ainda por dobradas angustias; porque Hugo era pai. . .

Quando elle se lembrava de sua filha, o que succedia a todos os instantes; quando sentia o ruido de suas pizzas. . . quando ouvia o som de sua voz doce e meiga, e pensava que ella tam linda, tam mimosa, tam acostumada aos regalos, que se gozão no seio da abundancia, ia cair nos emmagrecidos braços da pobreza, experimentar privações e. . .

Não : não se comprehende assim tam facilmente essa dôr indisivel, que vem do fundo d'alma. do amago do coração queimando-o devagar e cruelmente como uma lingoa de ferro em brazal. é preciso para bem comprehendel-a ser pai, e ter visto nascer e ir crescendo uma creancinha que se adora como a pupilla dos proprios olhos. . . uma menina bella. . . filha da mulher, que mais se ama no mundo que com essa mulher se

parece, e que vai crescendo debaixo das vistas desveladas d'elle mesmo como um lindo arbustinho sob os euidados de vigilante jardineiro... que emfim já é uma moça encantadora, e virtuosa, que se souha, que se conta fazer venturosa, e que se vê de repente tombar na miseria !...

.....

Chegarão as horas do jantar.

Hugo de Mendonça, querendo ainda esconder a sua mãe, e a filha a desgraça, que sobre elles todos caira, foi sentar-se à mesa, fingindo-se alegre e socegado.

Passados alguns momentos porém... quando levava aos labios um calix de vinho, fitou os olhos em Honorina.... embebeo-os no rosto docemente pallido d'aquelle anjo de belleza, que em breve seria martyr... e, como para ahençoa-la, deixou cair o calix da mão... e não podendo mais soste-se atirou-se chorando sobre a filha, a quem abraçou com violenta effusão de ternura.

Era impossivel occultar por mais tempo o triste segredo : tudo foi revelado.

Meia hora depois Honorina estava ainda nos braços de seo pai, molhando suas faces com as lagrimas, que dos olhos d'elle corrião ; animando-o, e chorando tambem.

— Era de prever ! disse Emma finalmente ; uma grande desgraça tinha de vir sobre nós ; pois que havia desaparecido a cruz da familia !... sette annos se passarão... mas eis-a !... eis a desgraça... irremediavel !!!

— Minha mãe!...

— É preciso vender tudo, Hugo: é necessario pagar essas dividas com os teos, com os meos, com os bens de tua filha....

— Oh!... e a miseria para vós!..,

— E a riqueza para elle!. embora.... não se hade tocar por modo algum na herança do infame!...

— Minha avó, porque fallar assim?!...

— Pois não é elle, que tem culpa de tudo isto?... elle!... esse Lauro!....

E o rosto da velha tomou uma expressão terrivel de odio, e de vingança: ella ergueo sua mão tremula, e com voz forte exclamou:

— Maldito!... maldito!... maldito seja o miseravel!....

Nesse momento um escravo entrou na sala, e entregou a Hugo uma carta, que acabava de chegar. O negociante a abriu immediatamente e leo a assinatura.

— Lauro!... disse elle.

— Lauro?!... exclamarão as duas senhoras.

Hugo de Mendonça leo alto, o que continha a carta.

« Meo tio: Reccebi a carta, em que v. m. regeita
« a doação, que fiz a minha prima da herança que
« me coube pela morte de meo pai; e de novo me
« convida para ir receber o que me pertence. Pois
« bem, meo tio, somos ambos teimózos; mas agora
« preciso é, que tambem cedamos ambos, e transija-
« mos em alguma cousa. Eu conto demonstrar, em»

« breve, que me caluniarão, os que me denuncia-
« rão, como perpetrador do furto da Cruz da fa-
« milia : e pois poderei cedo entrar com o rosto
« descoberto na casa de meos pais : em consequencia
« eu proponho a v. m. o meo casamento com minha
« prima Honorina, de quem tenho recebido as mais
« lisongeiros noticias : se isso lhe fôr agradável, exijo,
 como condição que v. m. empregue todo pro-
« ducto da minha herança no desempenho da casa,
« que, segundo me informão meo avô deixou em
« difíceis conjuncturas : o credito do nome, que eu
« já tive, e que ainda terei, deve ser sustentado por
 todos nós.

« Cidade da Bahia, setembro... de 1844.

Lauro.

Depois da leitura desta carta reinou profundo si-
lencio, durante alguns minutos.

Emma havia primeiro pensado, que empregando-se
a herança de Lauro, vencer-se-hião as maiores diffi-
culdades, com que luctava a casa ; mas para logo
abafou esse pensamento ; porque teimosa em tudo, e
sempre inabalavel em todos os seos juizos ninguem
a fazia crer, que podia não ter sido Lauro o rou-
bador da Cruz da familia ; e ella jámais consentiria
em sacrificar Honorina a um homem sem honra.

Hugo de Mendonça achava a proposição muito con-
veniente ; por sua vez porém recuava ante a idéa de
negociar com o coração de sua filha.

Honorina tremia pensando em seo pai, e no Moço
Loiro.

Depois de muito tempo de penoso silencio Emma fallou com voz grave e firme.

— Não : de modo nenhum.

E Hugo de Mendonça com accentto ainda mais firme, com o tom do homem absolutamente decidido disse:

— Minha mãe, a esta carta só uma pessoa deve com toda liberdade responder : o—sim—ou o—não — só della partirá. Honoriua, tens a tarde, e a noute de hoje, e o dia d'amauhã para pensar : e nós tere-mos a noute do dia, que se vai seguir para receber tua resposta terminante e livre.

XXIX.

Honorina meditando.

A solidão é o espaço encantado, onde o espirito se derrama livremente. . . .

Passa-se nella longas horas em uma doce embriaguez de reflexões, engolfado em mistico e jámais interrompido silencio. . . . nullificão-se ahí os sentidos com a mais completa indiferença a tudo, que os rodeia. . . não se vê, o que existe a dous palmos dos olhos. . . não se ouve a avesinha que modula na arvore mais proxima. . . não se sente a aurora, que principia a romper nem as trevas, que começão a diffundir-se: está levantada uma barreira entre o mundo e a alma; e mais que nunca dona de si propria ella rumina o passado. . . reflecte sobre o presente. . . sonha de ordinario com o fucturo. . .

Oh! . . . então é um milagre, quando os labios se sorriem, a não ser com amarga ironia! . . . porque tambem, para dizer a verdade, o homem tem na sua vida tam poucas cousas de que sorrir-se alegremente! . . .

Então se está quazi sempre ou scmpre sob o dominio da melancolia.

Mas esse estado não se parece nada com o desgosto de si mesmo, que, como o castigo de Deos, enche de fel o coração do máo.

Esse estado é o que convém á imaginação brilhante, que se sente enjoada, e se vinga do mundo de

gelo e de cifras, indo, livre dos grilhões da sociedade, derreter-se em arabescos de fogo...

É o fecundo sonhar do poeta....

É não dormir e não velar; é um viver entre a vigília e o somno, que se assemelha a hora do crepusculo, que não é dia nem noite.

A natureza parece haver creado aqui e ali sitios moldados a esse ineffavel gozo de illu-ões: como altares erguidos ao espirito no templo da solidão.

E os homens nisso, como em tudo mais, tem pretendido com a arte arremedar as obras inimitaveis do Senhor.

No jardim da casa occupada por Hugo de Mendonça se encontrava um desses logares silenciosos e melancolicos, que convidão a meditar.

As pequenas salas que davão para os terraços levantados aos lados do portico singelo da rua solitaria, se escondião cercadas por grupos de frondosas arvores, abrindo para o interior do jardim duas janellas, defronte de cada uma das quaes outras tantas palmeiras derramavão seos ramos arqueados.

Pois que essa rua é ainda gora mesmo muito pouco frequentada; em certas horas do dia reinava ali silencio profundo... solidão completa... e então as pequenas salas desabitadas e sombrias, onde chegava apenas o gemer das ondas, e o ciciar das palmeiras, tinham inexplicavel encanto.

Honorina, já naturalmente melancolica e contemplativa, e escrava ainda mais do terno segredo de seo amor, desde que viera com sua familia habitar a

elegante casa da rua da Gloria, se aprazia em ir passar as ultimas horas do dia n'aquella das salas, que ficava do lado do mar.

Hugo respeitando os innocentes desejos de sua filha não só deixou sempre que ella fosse na companhia de Lueia passar as tardes na sala predilecta como fê-la moverlar com simplicidade e gosto; de modo que ao aproximar-se a hora do crepusculo Honorina e Lucia dirigião-se para os terraços; e em quanto esta descansava á sombra das palmeiras, aquella ia, em completa liberdade, pensar no seo amor.

Era por tanto ahí que Honorina dividia os seus pensamentos e suspiros pelo Moço Loiro, e pela amiga de seo peito; e era nesse logar enfim, que um dia repassada de angustia deveria vir chorar a desgraça de seo pai.... e a posição melindrosa, em que tinha de ver-se collocada.

.....

Não havia chegado ainda a seo termo o dia, em que Hugo de Mendonça recebera a noticia de seo inesperado infortunio, e logo depois a carta de Lauro.

O sol começava a moderar o calor de seus raios: uma aragem branda e suave vinha soprando docemente.

Honorina e Lucia encaminhárão-se para os terraços da rua solitaria; e como sempre Lucia ficou sentada á sombra de uma palmeira, e Honorina subiu para a sala do lado do mar.

E ella meditava.....

Não lhe restava a menor duvida... a lei do destino, a força das circumstancias a tinha collocado entre dous terribes extremos !... dous pensamentos devião ser medidos.... um de dous tormentos escolhido :

Ou—a miseria de seo pai.

Ou—o sacrificio de seo amor.

De um lado estava um ancião respeitavel que a carregára pequenina ; que depois de lhe ter dado a existencia, lhe déra ainda tudo mais, que pôde dar um extremoso amor de pai ; que, nas tristes circumstancias, em que se achava, não ousava offerecer um conselho ; não queria o menor sacrificio ; não desenhava aos olhos della o painel da miseria , que podia ser para longe lançada com uma unica palavra..... enfim de um lado estava seo pai ; seo pai, que ella amava como a mais extremosa das filhas , abatido... magro... desfigurado... enfermo... pedindo compaixão e piedade a sua filha!..

E a filha poderia negar compaixão e piedade a seo pai ? ! ! ..

Mas do outro lado levantava-se um mancebo, nobre, ardente, e destemido ; um mancebo, que lhe salvará a vida... que a amava com paixão desmedida, e que era amado com mais paixão ainda... enfim do outro lado levantava-se o Moço Loiro afflicto... silencioso... que ia passando sem deixar uma só queixa... e que ia indo com o desespero no coração... ia indo...

E para onde se vai quando se tem no coração o desespero ? ! ! ..

E essas duas imagens, a de seo pai, e a de Moço Loiro se succedião em seo espirito uma a outra tres, vinte, cem, mil vezes sempre as mesmas, sempre do mesmo modo ; como as ondas do mar repetidas sempre!...

Fallava primeiro o amor de seo berço , o amor da infancia , o amor . que votava a aquelle . que pegando-lhe pelas mãos-zinhas lhe tinha ensinado a andar . . . que se sorrira ao seo primeiro sorrir . e chorara de prazer á sua primeira palavra fallava primeiro o amor do pai . .

Fallava depois o primeiro amor de seo virginal coração... oh! o primeiro amor! . . o eterno sentimento, que ainda quando se não realisão seos anhelos, deixa , para jámais extinguir-se seo doce e fragrante aroma empregnado n'alma!... o primeiro amor! almo desperto do somno da innocencia! chamma abraçadora da juventude... pura, como a juventude; tam sem vil ambição como a juventude; bella e cheia de esperanças, como ainda a juventude!... o primeiro amor! e fallava então o amor do Moço Loiro...

E depois ella media suas proprias forças...

Ardente e devotada achava-se capaz de ser martyr... não hesitaria em sacrificar pela felicidade de seo pai a sua propria vida... tudo... tudo... oh! mas aquillo que ella dizia ser — a unica luz que pôde tornar brilhante o caminho da vida para a mulher?!...

E apenas com des-e-seis annos, tam moça ainda! ella elhava para a vasta estensão, que lhe cumpria

atravessar no mundo, e tudo se lhe antolhava feio perigoso, escuro, horrivel... e não longe, prompto a correr para seo lado, estava um Moço Loiro, que com lampada magica na mão, mudando a face de toda essa scena amedrontadora, promettia leva-la por um caminho de flores risonha e feliz até o fim da viagem.

Afora a imagem do Moço Loiro, não via mais nada no campo da vida... tudo era negro... e feio... apenas na outra extremidade do vasto campo podia descobrir a pallida figura do descanso assentada na beira de uma cova.....

Oh !... se ao menos lhe dessem a certeza de não pa-
dercer muito... de morrer cedo !..

E de novo lembrava-se de seo pai... não; nunca de seos labios sairia a sentença da desgraça delle... mas o sacrificio de seo amor?!... era muito... muito!..

E Deos não podia amaldiçoar-la por ve-la hesitando; e o mundo não tinha o direito de chama-la —in-grata—; porque Pcos está vendo a sorte, que os ho-mens prescrevem a mulher; e o mundo deve, antes de tudo, corar de si proprio!!!..

A verdade é esta : a mulher só tem na vida —o amor—; sacrificar seo unico bem é perder tudo... é deixar-se morrer de um modo cruel.

Porque ou seja vicio de educação, ou de qual cau-sa estimarem dar, a sorte da mulher é apoucada e mesquinha.

Na divisão dos direitos e deveres coube-lhe um pa-

pel, sen duvida respeitavel e nobre debaixo de um ponto de vista; porém em tudo mais secundario e chimerico : a mulher chega a ser mãe da familia... e mais nada.

Primeiro felizmente adormecida no doce captivo de seos pais, acorda com um gemido para passar ao de seo tutor; ou se sorri, recebendo as cadeas que lhe lança seo marido : sujeita desde que nasce... sujeita até que morre, tem sempre ao pé de si um homem para pensar, e desejar por ella; para pelo prazer delle medir o seo... é uma creança, que sempre se vigia... um cego, que se leva pela mão; ou, ao muito, quando consegue ser amada, uma escrava, que se prende em um altar, uma divindade que se tem em ferros, e a quem se dá o nome de senhora !..

E a mulher há de por força sujeitar-se a lei, que os homens lhe teur imposto : se alguma tentasse rebaver... exercer direitos muito nobres e legitimos, que Deos lhe concedeo, e o mundo lhe arranca; se alguma ouzasse dizer — eu sou livre ! — teria horriveis tempestades a assoberbar, e por fim succumbiria; porque o mundo entende, que só ha dous caminhos para a mulher; o da escravidão e o da vergonha.

E ainda quando ella sentindo-se insultada, gritasse — calumnia ! calumnia !.. — o mundo rir-se-hia... e responderia sempre — vergonha !.. vergonha !.. — ; porque somente o homem tem o direito de fazer face a opinião dos outros... e a mulher não póde ser, se não aquillo que o mundo quizer que ella seja... .

E apertada no estreito circulo dos deveres domesti-
Vol. II. 17

cos, a mulher não terá nunca outras honras, outra gloria a desejar, senão aquellas que se devem a fidelidade da esposa, a extremosa maternidade, as virtudes domesticas emfim ; e quando uma desgraça cair sobre ella, e sobre a sua familia ; ella, a quem senão permite outro cuidado, outro culto, que não seja o de sua familia, e o de si—isto é—ella que está apertada no estreito circulo dos deveres domesticos, é mais que o homem lamentavel.

Porque o homem tem o commercio. . . as armas. . . a politica. . . muito mais ainda. . . e finalmente a mulher.

E a mulher tem unicamente—o homem.

Ora, se elle, que pôde ser distraído por tantos interesses diversos, no tam vasto campo que se lhe abre para dar pasto a seo espirito, ainda assim é digno de lastima, quando desposa uma mulher, que não ama ; ella, se abafa uma paixão, em que se esperançava, e liga sua vida inteira a um estranho, a quem jura obediencia, e amor eterno, consuma o maior de todos os sacrificios, apaga assim—a só luz, que lhe pôde tornar brilhante o caminho da vida. —

Por consequencia ninguem deve exigir de uma mulher o sacrificio de seo amor.

Porque a unica esperança, que ella pode ter na vida, é amar e ser amada.

Porque o unico direito, que se lhe concede no mundo, é (as vezes) o de aceitar ou não um noivo.

Porque é justo, que ella escolha entre todas as candidêas, que lhe offerecem, aquellas que menos pesadas julgue, e mais bem doiradas pareçam a seos olhos.

Porque emfim é necessario que a mulher ame a seo marido ; para que possa ser esposa feliz, e mãi estremosa.

E sem o querer, sem o pensar, Hugo de Mendonça pede á sua filha o sacrificio de seo amor tam terno e tam doce ; pois ainda que elle tenha dito—responde livremente — não póde dar-se verdadeira liberdade em Honorina, que a todo momento vê diante de seos olhos a imagem da pobreza nua... desgrenhada... dolorosa... estendendo emagrecidos braços para prender entre elles a seo pai.

E portanto terá Honorina de ser uma nova martyr, que vá augmentar o numero já tam crescido dessas outras nobres martyres, que ahí vão passando pela vida... pallidas... silenciosas... e que muita gente as julga felizes ; porque ellas, sempre generosas, sabem abafar seos suspiros... engulir seos gemidos... e esconder seos tormentos de um mundo egoista, e sem piedade, no qual a mulher é quasi sempre uma victima?!. . .

Mas a meditação da moça foi interrompida por Lucia, que entrou na sala.

— Sra. D. Honorina ! disse ella.

— O que é mãi Lucia ?... respondeo a joven, levantando a cabeça, que tinha poizada sobre uã mão.

— Um pagem, que não conbeci, chamou-me da porta do jardim, e dizendo-se escravo do Sr. Jorge, entregou-me esta carta, que da parte da Sra. D. Rachel lhe é dirigida.

— Oh !... a minha Rachel !... dá-m'a... mas esse pagem, mãi Lucia ?...

— Retirou-se immediatamente.

— Embora... é uma carta da minha Rachel... que virá talvez animar-me um pouco.

Honorina ficou outra vez só, e abriu logo a carta: havião, além de um curto bilhete, algumas paginas escriptas em separado. . . .

A moça leu primeiramente o bilhete com violenta commoção.

« Honorina. Eu sei tudo ! a casa do senhor Hugo de
« Mendonça vai desmoronar-se. . . e um homem se
« offerece para soste-la : a esperanza de teu pai está toda
« concentrada em ti. . . pende de teos labios ; e tu
« salvarás o auctor de teos dias, e a familia do nome
« que tens, aceitando a proposição de teu primo. Oh!...
« e que filha resistiria ao aspecto da desgraça de um
« pai ? !. . . Se eu fosse rico !. . . se eu fosse rico iria
« de joelhos despejar meos thesouros a teos pés ; mas
« tam pobre !. . . que importa que meo amor seja ar-
« dente e desmedido ? de que vale, de que serve o amor
« de um pobre ? . . . É por tanto preciso esquecer. . . .
« apagar para sempre a memoria do passado ; mas,
Honorina, se esta minha paixão tam desgraçada. . . .
« se esta, que eu morro morte do coração pôde merecer
« alguma piedade, aceita, recebe, recebe essas paginas
« do livro de minh'alma ! !. . . a derradeira esperanza,
« que me resta, é, que ellas serão lidas por teos olhos,
« e que finalmente, queimando-as junto de ti, ve-las-
« has tornadas em cinza feia e negra. . . negra, como

« o futuro do pobre. . . como o meu futuro ! acci-
ta-as pois, e adeos ! . . . sê feliz . . . esquece-me . . . »

Terminando a leitura do bilhete, a moça misturou duas lagrimas brilhantes com um sorriso acerbo, cheio do fel da ironia, e murmurou tristemente ;

— Como todos estes homens, a quem eu amo, desconhecem o meu coração ! . . . como é que meu pai pôde dizer-me — fallarás livremente ! — como é que este homem animou-se a escrever-me — de que vale, de que serve o amor de um pobre ! . . . — então este . . . este me comprehende ainda menos do que meu pai ! . . .

E depois começou a ler as paginas do livro d'alma do Moço Loiro.

XXX.

Ao crepusculo.

A' luz dos ultimos raios do sol, lia Honorina as paginas escriptas do livro de amor do Moço Loiro: uma profunda melancolia, as vezes acerba, estava em quazi todas ellas derramada.

Julgava-se o Moço Loiro verdadeiramente infeliz? ou sua tristeza era ainda fingida, como a que affectara na noute do sarão de Thomazia?... exprimia n'aquelles pa-peis uma dor terrivel, e real; ou n'elles jogava sua derradeira carta para ver se ganhava a partida?...

Longo e afadigador fôra acompanhar a filha de Hugo de Mendonça na leitura, que começára: parece talvez melhor transcrever aqui apenas o que fôr sufficient e para dar uma idéa dessa pessa, que, em summa, é tam vã e inconsequente, como qualquer outra do mesmo genero, como qualquer carta de amor.

No entanto, por deferencia a seo auctor, conservaremos o titulo e a epigraphé, com que se orna.

Era pouco mais ou menos o seguinte.

LIVRO DE MINH'ALMA.

.....*Je t'aime!*
Et te le diré ici, c'est le bonheur suprême !...

V. Hugo.

I.

Eu vi uma mulher verdadeiramente bella.
Seos cabellos são negros e luzidios como o azeviche: seos

olhos grandes, pretos, e ardentes dardejão vistas de fogo tam penetrantes como os raios do sol.

Sua fronte branca, elevada e lisa é o throno do mais nobre socego ; seo rosto pallido, melancolico e doce o assento da graça mais arrebatadora : seos labios encarnados, virginaes e puros a fonte das mais angelicas delicias.

E abaixo de seu collo garboso, como o da garça, ha um mar de leite, que quando ella suspira, se agita... se inquieta... e... então lutão abi de mistura pudor e desejos ; innocencia e amor : candideza e voluptuosidade!... e então quem a está olhando, sente... anhe-la... arde.

Seos braços são alvos e torneados ; e suas mãos delicadas e finas : seos dedos dir-se-hião brandas hastes de cristal, cada uma das quaes fosse coroada por uma petala de rubra rosa.

Seo pizar é subtil como o da pomba... o volver de seo vulto engraçado como o fugir da sombra... o seu fallar meigo e harmonioso como a melodia de um anjo.

Ella tem a gentileza da aurora ; a frescura do favonio ; a suavidade e pureza do arroio do dezerto.

.....

Um olhar de amor de seos olhos, uma palavra de amor de seos labios, e um suspiro de amor de seo seio deve ser o complemento de todas as felicidades, que se podem dar cá na terra....

Porque enfim... ella é uma mulher verdadeiramente bella.

II.

E antes de ver essa mulher, já eu a amava muito ; porque já a tiuha ouvido.

Era uma noite serena e fresca : eu passeava melancólico e abatido á borda do mar, quando de repente uma voz — ah ! uma voz como outra igual nunca d'antes me havia soado !... suave, meliflua, e tocante, que entrando por meos ouvidos ia até a medulla de meos ossos, até o amago de meo coração ; que se entranhava por minh'alma !... — entoou um hymno á innocencia.

Debalde o canto acabou... debalde; porque eu o estava ouvindo sempre, e dentro de mim mesmo... e ali fiquei estatico, entre o ceo e a terra, entre a consciencia do meu nada, de minha pobreza, de minha desgraça; e essa voz fascinadora, que pôde fazer-me crer, que é possível a felicidade cá em baixo, quando se vive toda uma vida com os olhos embebidos nos olhos, com os ouvidos perto dos labios desse anjo, que canta assim.

O signal da meia noite arrancou-me do meo encanto... lembrei-me então que sobre a minha cabeça, debaixo de meos pés, e em derredor de mim havia mundo, e miseria porque até essa hora eu tinha esquecido tudo... tudo... occupado somente com duas idéas que erão a omnipotencia de Deos e a existencia dessa mulher.

A lua estava clara e brilhante... vi, a curta distancia, aberta a porta de um jardim, e no meio deste erguer-se uma frondosa mangueira de debaixo da qual

tinha saído a voz, que me arrebatara. Entrei... um braço invisível e forte me arrastava para ahí... eu queria, ao menos, beijar as pisadas dessa mulher.

Avancei alguns passos... a claridade da lua mostrou-me dous vultos de moças recostadas em uma janella : senti dentro de mim um desejo invencível de ouvir o que dizião as duas moças : de julgar de sua belleza, se possível fosse...

Não as vi tão bem, como anhelava...

Mas o que eu ouvi não me esquecerá mais nunca !...

.....
Meo Deos !... meo Deos !... vos não sentis, que a sensibilidade é o maior dos tormentos do homem pobre?... não é bem verdade que os pobres deverião poder viver sem coração ?...

Pois o que ha de fazer o homem pobre , quando ama ?...

Abafar o seu amor ?

Eis ahí portanto um enorme tormento : esse fogo intenso que se suffoca lança chammias devoradoras, que fazem caminho rasgando... queimando o coração: esse amor, que se concentra, e se faz por afogar, é um raio d'alma, que brilha no meio de horriveis ruinas... de calabouços medonhos ! porque pois a luz, se a luz vem fazer sentir tam grande miseria ? ! !...

Pretender o objecto amado ?..

Como ?... e para que ?... — Como, se essa mulher encantadora e bella, cercada sempre por uma multidão de galantes mancebos, ricos, espirituosos, alegres, li-songeadores, que sabem dizer tam bonitas cousas, e olhar

com olhos tam ardentes, não poderá ver nunca o homem pobre, que só tem para lhe offerecer um coração cheio de lagrimas!... que não se animará nunca a balbuciar uma frase de amor!... que não ousará jamais levantar seos olhos uma só linha acima dos pés da mulher amada?!... —E para que?... para ser correspondido?... para ganhar gratidão, e depois dar para comer a esse anjo, que se adora, um pedaço de pão amassado com o pranto de seos olhos?... para repartir com essa mulher a miseria, que padece... a vida de tormentos que arrasta?... para padecer o dobro vendo-a padecer tambem?!...

Oh não!... não, meo Deos!... o homem pobre não deve amar; não!...

.....
E então porque fui eu escrever aquelle bilhete, e deixa-lo debaixo da vidraça de sua janella?... porque me atrevi a jurar-lhe um amor de poeta e de fogo?...

Oh! foi porque a voz dessa mulher prendeo para sempre meo destino a seos labios!...

E portanto não me é possivel duvidar mais da natureza de meos sentimentos... eu amo!...

Qual será o resultado desta paixão, que me allucina?... que fucturo me estará esperando?... porque novas provações terá de passar a minh'alma?...

Meo Deos!... meo Deos!... vos não sentis que a sensibilidade é o maior dos tormentos do homem pobre?... não é bem verdade que os pobres deverião poder viver sem coração?...

III.

Emfim, graças ao céu !... eu pude, sem ser visto, ve-la de perto. .. observa-la... admira-la!

Ha no mundo só uma cousa, que arrebatava ainda mais, do que a voz dessa moça ; é o semblante della mesma.

Já me não arrependo de te-la ouvido, e visto : já não sinto haver amado sofrerei todos os tormentos possíveis com valor e serenidade... chegarei mesmo a bendize-los : pois estou convencido, que por gratidão eu devia amar tam encantadora creatura.

Devia ! porque ella fez desabrochar em minh'alma sempre tam arida, e tam esteril uma flor, a flor da creença na possibilidade de ventura cá na terra, flor bella como o rosto, suave como o canto, balsâmica como o halito de Honorina !...

Devia ! porque ella fez bruxolear no horizonte de minha vida sempre tam escuro, tam em trevas, tam tempestuoso uma aurora... a jucunda aurora do amor, aurora brilhante como o olhar, bonançosa como o sorriso, fascinadora com o arfar dos seios de Honorina !...

E eu pois a amo ! amo-a, qual ama o naufrago a derradeira taboia do navio despedaçado, a que se prende para escapar á morte !... amo-a, como um homem reprobado amaria o anjo de salvação, a cujas azas se podesse ter agarrado !

Amo-a como a pomba a seus pombinhos inda implumes ; como o heliotropio ao astro do dia ; como a mais extremosa mãe ao mais extremo filho !

.....

Mas é bem possível que essa mulher angelica não se lembre nunca deste homem que a adora tanto !

E isso qu'importa ?... é a sorte do mundo. Todo homem encontra sempre em sua vida um coração de mulher, que o não attende, e outro coração de mulher que por elle soffre ! é a sorte do mundo.

D'aqui a pouco verei chegar a joven S.... pobre menina !... creio, que tambem é infeliz... supponho, que me ama... e que se ressent de minha indifferença....

Se Honorina um dia me dissesse : « Senhor !.. como pôde maltratar assim uma mulher que lhe ama ?... »

Eu acredito que me atreveria a responder-lhe: « É uma compensação, Senhora ! E' preciso, que uma mulher experimente os tormentos, que outra mulher me faz soffrer ! »

É a sorte do mundo.

IV.

.....
Esperança !... esperança !... esperança !...

Porque não posso eu ser amado por Honorina ?...
que pede ella ao céu ?... um amor de poeta e de fogo : pois bem; eu tenho mil volcões no coração, desde que a amo : ame-me ella, e terei uma cabeça de poeta.

.....
E onde deve despontar o almo sol da esperança, se não no sereno horisonte da juventude ?... onde com tanto viço, com tam copiosa exalação de perfumes se

osteatará a rosa da esperança, como no jardim fecundo da idade dos amores ?

A luz da vida—o facho, com que o homem seguia na longa viagem deste mundo—a fonte inexgotavel, donde o pensamento tira as tintas cor de fogo para pintar formosos arabescos no painel do futuro—a balança encantada, em que o homem se equilibra entre os males, que experimenta e os bens, que almeja—eis a esperança !...

Ninguem, ninguem vive sem esperança : porque pois não a terei eu tambem?... oh !... ainda que seja uma illusão.... eu a quero !...

A esperança é o alimento do espirito.... a alma do coração....

.....

V.

Tenho sido tam ouzado, como feliz ! em meos sonhos de mancebo jamais sonhei gozar tantas delicias, como m'as tem dado a realidade deste amor.

Escreverei aqui a historia da minha vida desde que me fiz cabelleiro, até que fui velho pescador.

.....

..... A minha sempre viva cahio dentro de sua camera.... a seos pés !.... sua mão ia talvez lança-la fóra ; quando valeo-me o zephiro da manhã... e portanto esse zephiro será sempre para mim—o sopro de Deos !....

.....

Salvei-a !... salvei-a !... como me encho de orgulho !... como me considero coberto de gloria !... é um homem pobre. desvalido.... sem amigos .só no mundo, que se enthusiasma por ter arrancado das garras da morte a obra mais perfeita do creador !...

.....

Eu receio estar commettendo um sacrilegio... eu tenho medo, de que o céo me castigue... porque ouzo pensar, que sou amado !... .

Meo Deos ! se isso não é verdade, deixai-me ir gozando meos dias embalado por tam doce mentira....

Já agora viver sem essa deliciosa illusão é um impossivel ; é o unico sacrificio, que eu não faria a Honorrina.

.....

VI.

O que seria do homem sem o amor da mulher ?... .

Ir até o fim dessa longa viagem da vida, que se começa chorando, e se acaba com um gemido ; contar tantos annos, em que algumas horas de ventura são suffocados pela corrente immensa desses dias de infortunios, fora certamente impossivel, se não houvessem desejos n'alma, e esperança no coração do homem.

E a mulher é a fonte das mais doces esperanças, e o objecto dos mais ternos desejos.

Deos tinha previsto que a vida com tantas tempesta-

des se tornaria desagradavel, enfadonha ao homem ; que o mundo tam semeado de abismos seria um perigo para a virtude ; e assoprou na alma do mesmo homem uma chamma sagrada, que alimenta a virtude ; — é a esperanza da eternidade : — e plantou-lhe no coração um sentimento generoso e nobre, que sabe prenda-lo a vida : — é o amor da mulher.

.....
E o homem deve ser para a mulher, como o favonio da aurora ou o orvalho da noite são para a flor ; porque tambem ella é para o homem, como a flor para o prado, a fragrancia para o zephiro, o sorriso para os labios, e a ventura para o coração.

.....
Seja por tanto a alma do homem uma harpa harmoniosa ; e converta ella seos pensamentos todos em hymnos jamais interrompidos, e votados sempre á mulher !... .

.....
.....
VII.

.....
.....
VIII.

A desgraça veio sobre mim imprevista, inesperada, como o raio : furiosa, terrivel, como o tigre.

Não ha mais esperanza para mim.

Estou outra vez, no que era d'antes : estou de novo nas trevas ; e minha posição é agora dobradamente cruel ; porque a luz já tocou meos olhos. . . . e portanto posso avaliar o bem que tenho perdido ! . . .

Ah ! . . . o homem que nasce cego é menos infeliz, do que aquelle que cega depois de ter visto : o primeiro não goza nada. . . . mas tambem não conhece o valor d'aquillo que não goza ! . . .

Para que ouvi eu a voz, vi o rosto, e comprehendí a alma dessa mulher-anjo, que nunca poderá derramar vistas de amor sobre meo rosto ?

Pobre de minha illusão ! . . . foi como o sonho da noute, que se esvae ao romper d'aurora ! . . . desfez-se ante a força da realidade se nelhante a esses lagos encantados de orvalho, que se veem nas iuvernosas manhãs de junho e que pouco depois se derretem sob a influencia dos raios do sol ! . . .

.....

Impossivel ! . . . impossivel ! . . . impossivel ! . . .

Maldito seja o homem que primeiro inventou essa palavra infernal, que exprime uma blasphemia ! . . .

E todavia eu a estou ouvindo a todo instante dentro do coração ! . . . oh ! é horivel ! . . . ver o homem perto de si uma mulher bella. . . . ama-la, e suppor que é tambem amado. . . . não conceber sem ella felicidade nesta vida, e sentir o homem, o homem que tem direito de procurar ser feliz, sentir, que o destino vai levantando entre ella e elle uma barreira insuperavel ! . . . que a desgraça vai murmurando aos ouvidos delle e della

nunca !... nunca !... impossivel !... impossivel !...
oh !... é muito horrivel, meo Deos !...

.....

E o que poderá fazer essa interessante moça, que vê as lagrimas de seo pai, e presente sua miseria ?... o que, se não ceder as inspirações da virtude ?...

Por tanto tambem a mesma virtude se oppõe ao amor, que me abraza !... e eu que me achava com forças de disputar a posse de Honorina ao mundo inteiro, devo, e hei de abaixar a cabeça a filha do Ceo !...

Não ha nada, não ; não ha meio nenhum !... em minha propria imaginação eu não encontre um unico remedio !...

Um só... talvez... se eu fosse rico !...

Oh !... tenho-me lembrado de sair por essas ruas, gritando — quem quer comprar um homem de honra ?... — mas ninguem daria por mim tanto, quanto é preciso para salvar o pai de Honorina !... e, em tudo, existe no meo coração um amor generoso e nobre que vale mil vezes mais, do que todos os thesouros do universo....

Meo Deos !... meo Deos !... como ha de ser a minha vida de agora por diante ?!...

.....

No primeiro instante turvou-me o espirito a ideia do suicidio... mas logo depois a imagem de Honorina veio apagar o sinistro pensamento: foi ella o anjo de minha guarda que arrojou para longe a tentação do demonio... foi como um vento benigno e saudavel

que desfez a nuvem negra prenhe de tempestade e de horrores. . . ,

Agora só me ficou o coração cheio de agonia profunda. . . incuravel. . . que não ha de acabar, nem diminuir nunca : se eu vivesse ainda cem annos, no dia, que completasse um seculo teria ahí a mesma agonia, com a mesma intensidade, profunda. . . incuravel sempre, como ha cem annos antes. . . .

Mas porque desejar a morte ? . . . o mimoso sentimento, que fez a minha ventura de alguns dias, nem soffreo a injuria de um desprezo, nem a injustiça de uma ingratição ; cedeo ao imperio de um dever. . . duro, porem sublime. O sacrificio deste amor é a demonstração de sua pureza e santidade ! . . .

Minha alma repassada de dores apparece no meio de suas angustias innocente e candida, como o formoso e angelico semblante de uma virgem christã, que morre pela fé, brilha com os raios da divina graça por entre as ehammas da fogueira do martyrio. . . .

Ha tambem orgulho na desgraça não merecida. . . e esse orgulho deve ser capaz de animar-me nos dias de torturas porque vou passar . como a esperanza da eternidade infunde coragem no homem injustamente condemnado, que de cima do patibulo diz o adeos derradeiro ao mundo.

Sim ! . . devo viver, para que minha alma provada na abnegação e nos tormentos se ostente com seo amor mais que nunca puro, immenso e radioso, semelhante ao perilampo que tanto mais brilha, quanto mais negra e obumbrada é a noute ; semelhante

as plantas aromaticas que tanto mais rescendem, quanto mais as pizão, e macerão. . . .

Devo viver, porque pobre. . . desgraçado. . . miseravel e rude, o unico objecto que eu tenho para offerecer, e votar a Honorina, é a minha vida: e quem sabe se um dia o triste presente não poderá ser apreciado? . . . neste mundo desleal e insano a mulher, que em quanto menina é sempre um anjo que se sorri; e quando chega a senhora é as vezes uma victima, que chora; tem tantos perigos a correr, tantas borrascas a assoberbar, que lhe deve ser grato contar com um homem prompto a morrer por ella.

.....
Possa a dedicação de minha vida ser tam bem aceita por Honorina, como deve te-lo sido pela virtude o sacrificio do mais ardente amor! . . .

E o logar, que no meo coração era occupado pela esperanza do amor de Honorina, seja hoje consagrado a uma nova esperanza. . . . a de morrer por ella.

.....
Arrastemos os dias pois. . .

Até que enfim, se no caminho da vida de Honorina estiver aberto um abysmo e além delle lhe seja preciso ir, passe-o ella segura, e salva por cima do meo cadaver, como sobre a taboa de uma ponte.

Mas se ainda esta derradeira esperanza tem de ser tambem a minha ultima illusão; se a vida deve finalmente deixar-me evaporando-se pouco a pouco no esquecimento de alguma cabana solitaria; então, na

hora da extrema agonia farei com que o arranco doloroso do passamento se transforme em um hymno de saudade votado a mulher, que adorei com tanta paixão.

E como o Cisne, que canta assentado na beira do sepulchro, em que vai cair . eu pisarei no umbral da eternidade e saudarei o aspecto da morte entoando um canto de amor. . . .

.....
.....

FIM.

Quando Honorina terminou a leitura das paginas de amor, apertou-as fortemente contra o coração ; e depois reclinando-se sobre a cadeira de braços em que se achava sentada, fechou os olhos. . .

Parecia querer assim cerrar as portas de sua alma a todos os objectos, para embeber-se exclusivamente n'uma unica idéa, em um unico sentimento—n'aquelle amor ardente e sublime, que lhe votava o Moço Loiro.

Nos longos cilios de suas palpebras cerradas vião-se pendendo lagrimas brilhantes. . . no arfar veheamente de seus seios adivinhava-se uma luta de nobres affectos travada em seu coração. . .

Tam enlevada ficou no seu meditar, que talvez fosse uma corrente de ternos pensamentos, a que se estava deslisando por diante de seu espirito.

Era já começo da noute : a briza meigamente brinca com os anneis das madeixas de Honorina ; que

vestida com um simples roupão branco, cujo corpinho folgado deixava em perigosa liberdade insinuarem-se as mais encantadoras fôrmas, e sentada perto e defronte de uma janella, por onde viam-se alguns raios da lua clara e luzente derramar-se sobre ella, mostrava-se pallida... phastastica... e mais que nunca formosa...

Alguns minutos se passarão... depois as lagrimas cairão dos cilios de Honorina, e não forão novas dependurar-se nelles... serenou a tempestade, que agitava o seio da virgem... e ella sempre em silencio... immovel... respirava apenas.

Tinha involuntariamente adormecido.

Alguns momentos mais... e na porta de um corredor, mercê do qual se communicavão as duas saletas pelo lado do jardim, deixou-se ver a figura de um mancebo loiro... engraçado, e alegre...

Era elle.

O Moço Loiro foi pê por pé, cuidadoso, e de manso ajoelhar-se junto de Honorina; e ficou breves minutos em encantada contemplação com os olhos embebidos no rosto da virgem, como um peccador aos pés de uma sancta...

Depois curvou-se até o chão... beijou com apaixonado gesto a barra do vestido da idolatrada moça, e olhando-a ainda uma vez radioso de ternura e felicidade retirou-se tam de manso, como viera; e sumio-se pelo corredor...

Quasi ao mesmo tempo Lucia appareceu na porta da entrada da saleta, e despertou a Honorina.

XXXI.

Imposição.

Honorina não pôde dormir um só instante durante toda noute.

O bilhete e ainda mais o livro d'alma do Moço Loiro tinham vindo augmentar os soffrimentos da infeliz joven ; porque alem da expressão viva e terna de um amor ardente e nobre, como o que ella pedira n'outro tempo ao Céu ; amor de poeta e de fogo ; ali apparecia uma idéa melancolica, amarga, arrancada talvez da intima e dolorosa convicção, de quem a enunciava : era o profundo sentimento da miseria do pobre.

E essa idéa despotica, terrivel apoderou-se da imaginação de Honorina, pô-la em torturas longas horas de uma noute, desenhou-se com mil fórmãs diante de seos olhos e pesou sobre seo coração de um modo cruel.

Estimulada por seo amor levada da nobreza de su'alma, escrava de sua imaginação fervente, Honorina corou, acreditou-se muito abaixo de si propria, não aehou uma desculpa para suas hesitações do dia, que acabara ; e, uma vez, desasocogada, possuida de convulso tremor, sentou-se no leito, e com os olhos lusentes, ella um pouco febril, e superexcitada, lançou para traz, com as mãos, as soltas madeixas e sacudindo a cabeça, como se delirasse exclamou ;

— Nada de mascara!... não!... nada de mascara!... sinceridade ao menos. É preciso confessar que eu sou do vulgo, e captiva do meo século!... seria uma vergonha aceitar a defeza, que me offerece aquelle, que eu me ufanava de amar, quando diz que a minha generosidade me sacrifica; quando pensa, que eu sou uã martyr. Não!.. nada de iluzões!... o caso é simples: ponhamo-lo bem transparente. Eu disse a mim mesma que amava a um homem, e esse homem é pobre: meo pai sente estremecer sua casa, está a ponto de perder tudo, e meo primo, que é rico, se offerece para salvar-nos a preço de minha mão: isto é: temos de um lado um homem pobre, e do outro um rico; temos n'uma das conchas da balança-amor-e na outra-oiro!... temos ali um mancebo, que me ama, e que me salvou a vida; acolá um outro que não pôde amar-me, e que quer comprar a minha mão por alguns contos de réis; e aqui emfim temos uma mulher, que diz que ama, e hesita na escolha; que diz que despreza o oiro e tem pensado em se deixar vender por elle!... Não!... ainda uma vez nada de mascara!... nada de falsas interpretações!... o que quer dizer aquelle que escreve a um pai estas palavras — toma esse dinheiro; mas dá-me tua filha — o que quer dizer?... fallemos claro; é exactamente o seguinte—queres vender-me tua filha?... eu dou-te tanto. —

Copioso suor banhou a fronte de Honorina, que proseguio com dobrado fogo.

— Isto quer dizer, que se negocia com o coração

de uma mulher!... que a alma, que ama, a alma, que é dom do Céu, a alma que é espirito, a alma, que é de Deos, pôde comprar-se com o oiro dos homens!... oh!... e quando se tem um pai, como eu tenho, que não é tyranno, que é amigo extremo, que é emfim digno do sagrado nome de pai; quando elle me está dizendo — filha!... respeita a flor de teo coração! filha não te sacrificques!... filha não cases, com quem não amas!... filha decide-te com toda liberdade! — pensar eu, um instante só, em sacrificar-me!... o que é a desgraçada, que para não ser pobre liga-se para sempre ao homem que mal conhece, trahindo um outro, que tem dominio sobre seos pensamentos, que é o objecto do mais puro amor?... o que é?... é uma mulher, que se vende! não é uma mulher, não: é uma escrava, ou ainda melhor, a alfaia delicada, que um homem regatea, e compra!...

Honorina estava realmente bella nesse monologo febril, em que ella deixava fugir-lhe dentre os labios as proposições atrevidas de seo exagerado raciocinar, como centelhas brilhantes de um vivo fogo, em que internamente estivesse ardendo. Mas arrastada por sua imaginação, continuou ainda.

— E como me desculpo eu!... digo, que hesito; porque me lembro do quanto soffrerãõ meo pai e minha avó nas garras da pobreza, que os ameaça!... sinto isto no coração; porém, meo Deos, a pobreza, a miseria poderão causar maior dor a meos pais, do que o aspecto da minha desgraça?!... não será enor-

missima crueldade, que uma moça se faça infeliz por suas mãos casando-se com um homem, a quem não ama, quando sabe que sua desdita, sua vida de martyrio vai ser um tormento incessante, eterno, despedaçador do coração de seo pai?... E, de mais, o que faz a mulher que abafa suas ternas afeições para sacrificar-se a um noivo, que não poderá amar nunca?... de duas uma: ou é má e suspira por um véo de viuva; ou é victima, e com o rosto em lagrimas, com o padecimento na face faz o tormento do marido, que a infelicita, e finalmente o atraiçoa n'alma; porque, mesmo contra a vontade, pensa no seo primeiro amor.

Depois de um instante de silencio, a filha de Hugo de Mendonça, proseguio.

— E eu então que outr'ora bradava—é um horrivel sacrilegio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar. receber a benção do sacerdote, estender a mão para uma triste mulher, com os olhos em seo rosto, e o pensamento no seo dinheiro!... —eu então como devo bradar agora?... oh!... pela ultima vez, nada de mascara!... não!... sinceridade ao menos!... esse ente, que tenho ouvido dizer, que é muito bello, e que começo a experimentar, que é muito desgraçado, a mulher, que esquece o amor pelo oiro, que entrega sua mão a um homem com as vistas em suas riquezas, procede dobradamente peor! sim porque a mulher vale muito. vale tudo pelo amor; e sem elle perde seo brilho, todo o seo merecimento; sim porque o amor é o perfume, o encanto da mulher;

sim finalmente; porque a mulher, que vai junto aos altares jurar amor eterno a um homem, que não ama; jurar por Deos o que não pôde cumprir. é mil vezes sacrilega!... fecha com suas proprias mãos as portas da salvação!..... pois hem, não serei sacrilega!... não serei sacrilega!... e quando meo pai me perguntar—o que decides?...—eu lhe direi bem alto—não!...

Mas no meio do ardor, e da vehemencia de seos pensamentos, mesmo quando acabava de pronunciar a palavra — não! — parece que uma idéa sinistra surto na alma da virgem; pois que ella soltando um gemido, exclamou com a expressão da mais dolorosa angustia ;

— E meo pai!... e meo desgraçado pai!...

E deixou-se cair no leito, como quem tivesse esgotado todas as suas forças.

Pelo correr das dez horas do dia o curso de suas reflexões foi interrompido por Lucia, que entrou no quarto.

Honorina ao senti-la chegar, ergueo-se para atirar-se nos seos braços; mas recuou espantada vendo alegre sorrir derramado nos labios de Lucia.

Oh!... é mais que impiedade; é talvez um insulto, que aquelle, a quem estimamos venha rir-se no rosto de nossa dor!...

— Estás bem alegre, mãi Lucia! disse a moça em tom de amarga queixa.

— Eu pensava que a senhora tambem o estaria !

— É porque eu sou bem venturosa, não é assim, mãe Lucia?!

— Ah! eu vejo pois que me enganei: ouvi a senhora D. Emma repetir-me o conteúdo da carta que hontem se recebeo do meo querido filho, e vinha alegrar-me com a outra minha filha... é que eu tinha para mim, que a maior felicidade que me podia ainda vir no mundo, era ver unidos os dous entes, que alimentei com meo leite...

— Tambem tu mãe Lucia!... exclamou a moça chorando amargamente.

— Mas eu não entendo porque a senhora está chorando assim...

— Ainda bem!... ainda bem que o não entendes!...

— Devo crer, que é por não dezejar casar-se com seo primo; pois por elle respondo eu: o senhor Lauro não é capaz de abuzar de sua posição...

— Mãe Lucia!

— Parece-me porem que se a senhora chegar a ve-lo, hade mudar de opinião... olhe, menina, não se parece nada com o outro...

— Com o outro?... que outro?... perguntou estremecendo Honorina, que tinha sempre o pensamento no Moço Loiro

— O outro, que cá veio ha poucos dias pedi-la em casamento, que foi pela senhora mal aceito, e que apesar disso, não sei porque teima em voltar ainda...

— Pois elle tem voltado?...

— Está ahí agora a praticar com o senhor Hugo de Mendonça, e com a senhora sua avó.

— Mãe Lucia, disse Honorina levantando-se e enjugando os olhos, eu quero ouvi-los.

— Nada é mais fácil: a porta, que dá para o gabinete de seu pai está aberta.

— Pois vem comigo.

Um momento depois Honorina e Lucia apertadas contra a porta do gabinete de Hugo de Mendonça ouvião tudo, o que se passava na sala.

Ainda uma vez tratava-se de Honorina.

Estavão ahí tres pessoas: Emma, Hugo de Mendonça, e Octavio.

Octavio não tinha tido a paciencia precisa para esperar pelo dia do vencimento da primeira letra: com toda a soffreguidão de um homem apaixonado, sob o pretexto de vir anticipar a Hugo de Mendonça aquillo mesmo, de que nenhum negociante honrado se pôde esquecer, apresentou-se na casa delle.

Travou-se em breve entre os tres uma polemica forte e animada. Octavio mostrou-se sabido do estado dos negocios de Hugo, e imprudente, sem duvida, offereceo-se para salva-lo a custa da mão de Honorina, aceitando como dotte da moça, a divida de Hugo de Mendonça: em summa Octavio impoz.

Emma que já tinha deffendido as pretensões de Octavio; e que agora temia ver sua netta casada com o moço, que detestava, sustentou na presença daquelles a conveniencia do casamento que lhes vinha propor:

e exasperada pela opposição de seo filho, declarou a Octavio, que contasse com sua aprovação.

Hugo de Mendonça emfim em quem a desgraça parecia haver creado resolução e força respondeo com dignidade a imposição de Octavio, e ao empenho de sua mãe.

— Senhor exclamou o negociante olhando para Octavio, não chegou ainda nenhum dos dias, em que se vencem as letras, que lhe devo pagar e lhe pagarei : só então se eu faltar aos meus deveres, lhe será licito vir impôr-me condições!

— Senhora, continuou dirigindo-se a sua mãe, eu me espanto da parte animada que minha mãe toma em favor das pretensões do senhor Octavio; mas minha mãe sabe, que primeiro arrastarei a miseria, do que consentirei, que minha filha sacrifique seo coração á minha fortuna!

— Senhor! disse elle ainda uma vez a Octavio; dentro de dous dias eu conto que estarão terminados todos os negocios, que entre nós se achão pendentes; no entanto espero que se convença, de uma vez para sempre, que eu não considero minha filha uma letra de cambio, nem uma mercadoria, com que possa negociar; que eu não vendo minha filha por nenhum preço; que jámais consentirei em ve-la sacrificada ao homem, que não póde amar!

Escutando semelhante conclusão Octavio despedio-se vivamente agitado: e foi com acento de concentrado despeito, que elle disse sem apertar a mão de Hugo.

— Até depois d'amanhã!

— Sem duvida, respondeo o negociante vendo-o sair, até depois d'amanhã!

Honorina apenas vio a sés seo pai, e sua avó ia de novo recolher-se a sua camara, quando se sus-pendeo a voz de Hugo que se dirigia a Emma.

— Minha mãi, disse o filho; parece, que me não deve ser ooculta a razão, porque tanto se mostra empenhada a favor do homem que acaba de sair d'aqui.

— Ha duas razões, disse a velha com respidez.

— Posso eu sabe-las? . . .

— Sim; eu vejo prestes a cair a casa, que tanto trabalhamos por levantar: essa quéda trará a vergonha de todos nós: e o casamento que se propõe é um meio de preveni-la tam facil como decoroso.

— Mas minha mãi devia lembrar-se, que Honorina já disse uma vez que—não—a iguaes proposições deste mesmo homem.

— Honorina hade dizer, que sim, quando pensar, que é esse o unico meio de salvar a sua familia.

— Mas o pai de Honorina não hade consentir semelhante sacrificio! eu sei, que se ella ouvir a minha mãi, responderá chorando—sim—; fique porém minha mãi sabendo que o pai de Honorina dirá por sua vez—, não!—

A velha fez um movimento de colera, que não escapou aos olhos de Hugo de Mendonça.

— Socegue, minha mãi; bem vê, que se está tratando de minha filha. Vamos a segunda razão.

— A segunda razão, disse Emma com despeito, é

que este casamento imp diria que se concluisse o outro que projetas : faria com que tu não fosses entregár a unica pessoa que me prende ao mundo, a um homem miseravel e infame!

— Minha mãi, Lauro pedio a mão de Honorina para quando provasse, que essa infamia não tem sido mais, que uma calumnia!

A velha soltou uma risada sarcastica.

— E quem já assegurou, continuou Hugo de Mendonça, que minha filha se casará com Lauro?...

Emma olhou espantada para seo filho.

— Por ventura Honorina já nos disse, que sim?..

— E se ella o não disser, que esperança te restará, Hugo?..

— Minha mãi, a mesma que me restava hontem de manhã

— A deshonra.

— Não ; a miseria.

— Sim... tudo sacrificado...

— Tudo ; respondeo friamente Hugo de Mendonça.

— E depois darás a tua filha a vida das lagrimas, e das privações ; rir-te-has diante de seo pranto ; e dirás triumphante : — ao meos não é esposa de Octavio !

Nas palavras de Emma estava derramado todo o fel da mais acerba ironia.

— Não, minha mãi, respondeo o filho ; trabalharei noute e dia por minha filha ; irei ser um humilde caixeiro, um simples escrevente de cartorio, o que primeiro púder ser emfim ; mas trabalharei sem-

pre, e muito... dormirei menos duas horas... vestir-me-hei mal... serei capaz de pedir uma esmolla ; mas quando trazer a Honorina o pão comprado com o suor do meo rosto, eu exultarei, minha mãe; porque no meo coração estarei dizendo a mim mesmo —ao menos não sacrifiquei-a ! —

— Sim ! sim ! sim ! exclamou a velha despeitada ; e quando d'aquí a um anno, a dous, ou trez pagares o tributo de tua vida, tu a deixarás no mundo só, miseravel, nua, faminta, com um pé na miseria, e o outro na deshonra ; mas do fundo do sepulchro teos ossos estarão dizendo : — ao menos não sacrifiquei-a !... —

— Minha mãe ! é uma impiedade estar assim redobrando meos tormentos !... —

— É que tu estás cavando um abysmo debaixo dos pés de tua filha !

— Eu... nós já lhe demos a educação e os exemplos da virtude... —

— Mas ahí está o mundo... —

— E sobre o mundo, minha mãe, está Deos... —

A velha entendeu, que era tempo de calar-se; e Hugo de Mendonça, que já se achava vestido e prompto para sair, tomou o chapéo.

— Minha mãe, devo sair, disse elle ; tenho ainda papeis a ver, passos a dar, e talvez factos a averiguar. Eu lhe peço, que não diga uma unica palavra a Honorina a respeito do que se tem passado : devemos querer, quero, que ella tome uma resolução diffinitiva sim ; mas quero tambem, que o faça livre-

mente : trata-se da felicidade ou da desgraça de toda sua vida; e já que a seu pai não é dado ler no futuro, faça-se ella feliz ou desgraçada por suas proprias mãos.

Um instante depois Emma ficou só na sala ; e Honorina foi de novo abrigar-se no silencio de seu quarto.



XXXII.

Lucrecia.

A causa que pleiteavão no coração de Honorina a natureza e o amor continuava indecisa; porque a sentença tinha sempre de ser um martyrio para o juiz. Os litigantes combatião-se mutuamente com as armas da generosidade; e, talvez a proprio despeito, quando querião ceder o campo, ainda mais avançavão.

O pai dizia a filha: — não te saerifiques!

O amante dizia a amada: — salva a teu pai, e esquece-me!

E se ao morrer de um dia uma carta do Moço Loiro, na qual elle parecia renunciar a esperança de felicidade, era justamente o que mais em seu favor argumentava, e plantava na alma de Honorina novos direitos a essa esperança; na manhã do outro a pratica havida entre Hugo e sua mãe; o voto solemne, que fez o extremoso pai de não só não querer, como tambem de não consentir o menor sacrificio do coração de sua filha, apesar da pobreza, e da desgraça, que o esperavão, dava dobrada força, enchia de interesse e de ardor a causa da natureza.

E pois Honorina hesitando sempre, lembrou-se, como tantas vezes, da sua fiel amiga; e acreditando, que seus conselhos lheerão mais que nunca necessarios, escreveo-lhe depressa estas poucas palavras: »

« Rachel : eu preciso de ti ao pé de mim, como um
« peccador moribundo precisa ter junto de si um padre
« compassivo e sabio : faze por vir ver-me quanto antes :
« dize a teu pai, que eu estou muito doente, ou dize o
que melhor te parecer : eu quero pedir-te conselhos,
contar-te muitas cousas tristes, e fallar-te a respeito.
(to . . . delle. »

Honorina tinha errado ; porque não comprehendia,
o que tambem se estava passando no coração da
sua amiga : se Honorina não tivesse concluido o seu
hilhete com as palavras—fallar-te a respeito. . . delle—
abraçaria sem duvida a Rachel muito depressa ; porem
para ouvir fallar a respeito. . . delle, é duvidoso que
Rachel se apresse.

No fim de duas horas Lucia foi entregar a Honorina
a resposta, que tinha chegado de Rachel.

A moça abriu o papel e leo tristemente : « Hono-
rina : eu estou doente : é-me impossivel ir ver-te
agora : verei, se o posso fazer a noute. »

— Pobre Rachel ! disse Honorina, mãe Lucia, é
porque ella está na verdade doente.

— Mas em fim como promette vir a noute. . .

— Comtudo esperar até a noute é muito para quem
se vê no meo estado !

— Eu pensei que a primeira carta da senhora D.
Rachel havia-lhe consolado um pouco. . .

— A primeira carta ? . .

— Sim aquella que hontem lhe entreguei na saleta
do terrado.

Ah ! sim. . . é verdade : a primeira carta. . . pois

exactamente por causa della precisava eu ter junto a mim uma amiga, que me aconselhasse. . . .

— Então. . . eu. . . .

— Mãi Lucia. . . tu és um pouco suspeita; quando em qualquer questão apparece o nome de meo primo. . . .

— Paciencia, senhora D. Honorina.

— Oh! paciencia? . . . de paciencia careço eu, e de muita porque com effeito é terrivel a minha posição! . . . eu sinto andar-me a cabeça a roda. . . tenho no coração uma anciedade inexplicavel. . . eu preciso fallar. . . dizer o que soffro a alguém que me estime, e que me aconselhe. . . oh! . . . como é bom ter uma amiga ao pé de si! . . . neste momento Rachel. . . uma amiga seria a meo lado, como um anjo!

— Mas eu creio que batem palmas na escada. . . .

— Se fosse Rachel! . . . mãi Lucia vê quem é. . . .

Uma escrava bateo de manso na porta do quarto de Honorina e annunciou a senhora D. Lucrecia.

— Dona Lucrecia! . . . exclamou a moça.

— Que a vem visitar, disse Lucia.

— Quando eu pedia ao céo uma amiga! . . .

— A senhora não quer ir recebe-la? . . .

— Não, mãi Lucia, Lucrecia não é de cerimonia; faze-a entrar para aqui.

A bella viuva chegava a proposito: Braz-minoso, que viera comprimentar, pouco antes, as senhoras, voltára assustado com o aspecto melancolico de Emma, e

para logo fora dar conta, do que observára, á sua interessante protectora.

Lucrecia correo immediatamente ao posto que lhe convinha : as lagrimas de uma rival agradão e muito ao paladar da mulher ciumenta; e de mais quem sabe, se a despeitada viuva não poderá tirar partido da posição de Honorina ? . . .

Lucrecia nao exita, e se apressa a descobrir campo.

Apenas entrada no quarto, ella aperta Honorina em seos braços e exclama :

— Meo Deos ! . . . tu tens chorado D. Honorina !

— Muito ! muito, D. Lucrecia ; porque eu sou bem desgraçada !

— Oh ! mas tu me devias ter feito chamar para consolar-te . . . por ventura não te tenho eu pela minha melhor amiga ? . . . aposto que mandaste buscar D. Rachel ? . . .

— É verdade . . . mas perdoa.

— Perdoo-te de todo o meo coração, pois que sois amigas da infancia : é tam doce uma amizade dos primeiros annos ! . . . eu tambem amo muito a D. Rachel ; porém onde está ella ? . . .

— Não pôde vir . . . desgraçadamente se acha doente . . .

— Oh ! jámais se está doente para acudir a uma amiga que chora ! . . .

— D. Lucrecia, Rachel não mente !

— Esqueçamos isso, continuou a viuva : não veio

ella, mas aqui estou eu: vamos, D. Honorina, que querem dizer essas lagrĩmas ?

Honorina estremeceu; como sempre, appareceu no espirito da moça a desconfiança, que lhe inspirava Lucrecia: havia no coração de Honorina talvez um sentimento, de que aquella mulher lhe seria falsa; mas ao mesmo tempo esse coração estava tam cheio de magoas, esse espirito tam repleto de temores, de duvidas, de amor, e de piedade, que por força tinham ambos de esvasiar-se no seio de alguem.

Portanto, depois de muito tempo de exitação, e de vivas instancias da viuva, Honorina abaixando os olhos, disse :

— Antes de tudo, tu me deves perdoar uma falta D. Lucrecia.

— Uma falta ? perguntou a viuva fixando na moça vistas perscrutadoras, e qual é? . . .

— Eu não te tenho dado toda a minha confiança. . . até agora te occultei o meo unico segredo.

— Eu o sabia. . . eu o adivinhava. . .

— D. Lucrecia. . . eu amo. . . ha muito tempo. . .

— Sim. . . bem. . . e então ?

Honorina derramou toda a relação de sua innocente paixão no seio da viuva, como um licor doce e cristalino, que gotta a gotta se deixa cair em um vaso impuro.

Lucrecia escutava attentamente a historia d'aquelle amor já tam adiantado, e tam terno, e que ella mal tinha suspeitado na noute do canto a sombra da manguieira, e na seguinte tam tempestuosa e terrivel. Oh ! a vaidosa viuva teve inveja desse amor de homem

mysterioso e devotado, que se metamorphoseava em tantas figuras, que apparecia inopinado em tantos lugares, que velava tantas noites, que assoberbava a mesma morte por uma mulher; ella sentio, que esse homem valia mil vezes mais do que Octavio; e ouviu, com inveja ainda, essas doces e immutaveis palavras, de seus singulares escritos; palavras que semelhavão um motte guerreiro inscripto no escudo de amoroso cavalleiro da prisca idade.

Honorina não esqueceo nada: tudo quanto com ella se passára e se estava passando confiou á falsa amiga: as pretensões de Octavio, a sua resposta, os desejos de sua avó, o proposito de seo pai, as cartas de seo primo, tudo foi revelado.

E quando terminou sua tam longa narração, Honorina respirou mais livremente, e como esperando um conselho levantou os olhos, e os fitou no rosto de Lucrecia, que pensativa tinha os seus esquecidos sobre o tapete, que se achava estendido aos pés do leito da moça.

Em que pensava ella?... já uma vez o dissemos: a mulher não detesta a sua rival pelo amor que póde ter ao seo amado; mas antes pelo amor, que lhe vota elle merecer mais que ella é o crime: e embora não deseje, não faça por merecer, o supposto crime existe. e o castigo se forja.

Tambem já uma vez o dissemos: —vença-mo-la! — é o grito de guerra de uma rival.

Lucrecia não tinha, mesmo ouvindo na confissão de Honorina, o quanto esta desprezava Octavio, esquecido

seos desejos de vence-la rebaixando-a. . . pondo-a, se possível lhe fosse, ainda abaixo de seos pés diante do homem, que della se esquecera por Honorina.

Estudando a relação, que acabára de ouvir, Lucrecia tinha ante seo espirito trez pretendentes à mão de Honorina : nada disto, nenhum delles lhe agradava : a mulher que se casa nunca se rebaixa : o casamento é sempre um triumpho da mulher ; por tanto era preciso affastar a moça de todos elles.

A miseria de Hugo de Mendonça já era alguma cousa ; mas não tudo : Honorina podia ficar nobre e virtuosa mesmo nas garras da miseria : e Lucrecia comprehendia perfeitamente, que uma moça bella e sempre virtuosa no meio das privações da pobreza é como uma flor do céu caída na terra, como um pensamento de Deos perdido entre os homens. . . é a verdadeira angelica virtude.

Depois de muito reflectir o costumado e doce sorriso de seos labios appareceo : dir-se-hia que a viuva tinha achado uma taboa de salvação para Honorina ; e ella havia somente entre-visto um caminho que a podia levar a profundo abysmo.

— E então, D. Lucrecia !. . . pensas, que já não ha esperanza de felicidade para mim ?. . .

— Oh !. . . não : eu estava pensando em outra cousa : lembrava-me de uma scena, que se passou comigo, quando tratarão de cazar-me, e que se parece muito com o que succede contigo ; queres ouvi-la ?. . .

— Se o julgas conveniente. . .

— Quando quizerão cazar-me, eu tinha dez-e-seis an-

nos... era pois da tua idade: não contava como tu pai e avó; mas em compensação tinha mãe e tio: amava em segredo a um moço, como tu amas: pois bem; minha mãe e meo tio descobrirão o meo amor, não o approvarão; e para melhor combate-lo fingirão ignorar sua existencia; quem sabe, D. Honorina, se te succede o mesmo?...

— Não... não.

— Tamhem eu não digo que sim: mas escuta. Um dia veio um senhor pedir-me em casamento... comprehendes, que eu fiz, como fizeste, disse que não; ves como se tem assemelhado nossos destinos?..

— Sim... prosegue.

— Passado algum tempo minha mãe se me apresentou afflicta e chorosa... leo-me a sentença de um tribunal que lhe fazia perder metade ou quasi todos os seos bens em favor de um primo meo... esse primo amava-me tamhem, e exigio ou a minha mão, ou o que lhe pertencia... ora não ves como continuão a parecer-se nossas historias?... ha apenas uma troca de papéis; porque comtigo é teu primo que apparece como salvador, e comigo succedeo, que foi o meo primeiro pretendente, quem escreveu a minha mãe offerecendo-se para salvar-nos...

— E depois?...

— Estava o tal meo primo disputando na sala com minha mãe e meo tio, e uma escrava disso me avisou: fui escuta-los: meo tio defendia as pretensões de seo sobrinho, e minha mãe jurava, que antes queria ver-se reduzida a miseria, do que obrigar-me a casar

com esse meo primo, a quem eu tambem já havia regeitado: esta é uma pequena dissemelhança entre nossas historias...

— E finalmente ? ...

— Lembrou-se o meo primeiro pretendente... meo tio gritou contra elle, minha mãe fallou a seu favor; mas jurou que nem com esse me obrigaria a casar: depois pintarão a miseria com horriveis côres... minha mãe, D. Honoriã, fallou como meo pai... estava chorando; quando eu caí em seus braços, e para salva-la da pobreza, esqueci meo amado, e casei-me com o homem, de quem hoje sou viuva.

— E por tanto...

— Espera, disse Lucrecia interrompendo a moça; ainda não acabei a minha historia: tres dias depois do meo casamento conheci, que tinha sido victima de uma trahição: não havia sentença contra nós; meo primo se tinha conciliado amigavelmente com minha mãe em obsequio a meo marido, de quem era amigo: para servi-lo ajudára a tramar a intriga... fingindo querer casar comigo; e tres dias depois veio a nossa casa beber um côpo de vinho a saude dos noivos.

— E tua mãe, D. Lucrecia?...

— Minha mãe queria tornar impossivel assim o meo casamento com o homem, que amava em segredo.

— Oh! D. Lucrecia, tambem nisso differem nossas historias, porque meo pai nada suspeita do meo amor, e ainda que tudo soubesse, tal não era capaz de fazer; porque meo pai é meo pai.

— D. Honorina, também minha mãe era minha mãe.

— Mas o que tu pareces querer fazer-me pensar é uma injúria, que eu não soffreri, que se faça a meo bom pai e a minha avó! . . .

— Meo Deos! D. Honorina; eu não te quero fazer pensar cousa alguma contra teo bom pai e tua avó: eu não fiz mais do que contar-te a historia do meo casamento.

— Que tanto assemelhaste a minha D. Lucrecia?

— Isso não partio de mim: é filho do acaso.

— Mas eu te pedia conselhos. . . e tu me contaste uma historia.

— Donde podias tirar bons conselhos, D. Honorina.

— Outra vez! . . .

— Eu não sei dizer as minhas amigas, se não a verdade, embora cruel: eu vejo que te pretendem fazer victima de uma intriga. . .

— D. Lucrecia!

— Não comprehendo como se possa ser na praça um rico e feliz commerciante, e em casa um negociante fallido! . . .

— Basta! . . . eu não devo, eu não quero ouvir, o que a senhora diz! . . .

— Pois bem! eu cumpro meos deveres de amiga: tu D. Honorina, sacrificá-te! escuta tudo o que te fazem ouvir de detraz de uma porta. . . entrega-te ao homem, que te indicarem. . . a esse senhor Octavio, ou ao outro, que de longe te requesta, e te

persegue sem te ver, sem te amar... e no entanto esquece aquelle, que tanto te idolatra...

— Oh! basta!... basta pelo amor de Deos!...

— Esquece aquelle que por ti vive e vela sempre... aquelle que te ama com um amor tam novo, tam singular, e tam bello... que por ti expoz sua propria vida...

— D. Lucrecia... compaixão para mim!...

— Não! não!.. compaixão para elle!... para elle, pobre moço, que tudo devia confiar de tua constancia, e que em breve terá de marcar o teu nome, como ainda um novo exemplo da volubildade do nosso sero!...

— Mas quando eu digo . que o amo que o adoro!...

— E que amor é esse, D. Honorina, que não é capaz de nenhum extremo, de nenhum sacrificio pelo objecto amado?... que chamma é essa que cede a tam fraco sopro?...

— Que cede a tam fraco sopro?... D. Lucrecia, sabes o que é ser, ou foste o anjo querido de teu pai?...

— Nossos pais!... nós lhe devemos tudo certamente; mas talvez, que cegos por seu amor temerosos por nosso futuro todos elles nos julgão muito imbecis para escolhermos um esposo; e quasi sempre suppõe indigno de nós, o objecto de nosso amor; queres exemplos?... ahi tens a vida, o destino da totalidade das mulheres; aqui me tens a mim; e finalmente ahi te tens a ti.

Honorina viu o rosto de Lucrecia animado e cheio de fogo; e ingenua que era, não comprehendeo que ha tambem enthusiasmo no crime.

E Lucrecia habil e astuta soubera ferir a corda sensivel do coração da moça, que atraioava: tocando no seo amor mostrando-se inflammada e viva na defeza do Moço Loiro, tinha roubado a attenção, e prendido o espirito de Honorina: com a eloquencia, e finura que lhe havião dado o trato e a vida cortezã foi levandø a innocente moça passø a passo até o ponto, onde queria dar-lhe o ultimo golpe: encheo até as bordas um copo de horrivel veneno, que lhe deveria deixar para beber: só quando tinha esgotado os mais capciosos argumentos, os mais detestaveis e perigosos sophismas, foi que fingindo-se fatigada, calou-se, e respirou arquejando.

— Mas em conclusão, perguntou Honorina, que devo eu fazer?... o que me aconselhas?..

— E para que um conselho, se não estás disposta a segui-lo?... se ainda ha pouco me mandaste callar?...

— Perdoa; porém eu não podia ouvir fallar contra meo pai.

— Pois então obedece-lhe em tudo.

— Oh!... mas isso é uma impiedade!.. quando eu te peço um auxilio de amizade.

— Pois bem... eu acho um meio.

— Dize-o.

— Ouve: das duas uma: ou tu és victima de infernal trama ou não: ha um recurso, mercê do

qual podes escapar a intriga, e não perderes a estima publica.

— E qua!?. . .

— O seio de Deos,

— Eu não comprehendo. . .

— Julga-se sempre mal de uma mulher, que foje de seo pai para entregar-se aos cuidados de outro homem; mas ninguem pode maldizer a que se arranca da casa de seos pais para abrigar-se a sombra dos altares do Salvador do mundo.

— E então. . . eu tremo! . . .

— Cumpre fugir e entrar em um convento.

— Fugir de meo pai?! . .

— Deos está a cima dos pais. . . .

— Fugir de meo pai?! . .

— Sim; mas para entrar logo em um convento.

— O que tu me aconselhas, D. Lucrecia, se assemelha muito a um crime! . . .

— Crime buscar a casa do Senhor?! D. Honorina tu desarrasoas. Ouve-me: saindo da casa de teo pai, tu lhe deixas uma carta, em que lhe declares a resolução, que tomaste, e o lugar, onde foste procurar um abrigo: ahí, se foi uma cillada que contra ti forjarão, e teo pai te ama, esperas o seo perdão, e sahes depois nobre, candida e pura, como entraste, para ser esposa do teo interessante e mysterioso amado; e se é uma realidade, o que se passa aqui, tu ficas no convento, e nem te sacrificas, nem te tornas pesada a teo pai.

— Não, D. Lucrecia, fugir de meo pai, não! não!

— Oh! pensa bem no que vás fazer, minha querida amiga; lembra-te, que com a inconstancia deste mundo, podem em pouco tempo estar mudadas todas as scenas, que hoje tam tristes se apresentam: é possível, é mesmo provavel que o senhor Hugo de Mendonça se rehabilite no commercio; não seria nenhum milagre vermos esse Moço Loiro apparecer inopinadamente rico, feliz e alegre; a fortuna é assim, inesperada, imprevista sempre!... vê pois, o que te cumpre, D. Honorina: pensa, que para esperar a fortuna se faz preciso fugir desta casa: aqui ha perigo... aqui tu não terás força para resistir as lagrimas de teu pai!

O veneno ia pouco a pouco escoando-se pelos ouvidos de Honorina: a pobre moça escondeo o rosto entre as mãos, e derramando torrentes de lagrimas, exclamou por entre soluços:

— Não! D. Lucrecia; fugir de meu pai, não!... não!...

— Pois bem, faze o que te convier, D. Honorina; sacrificá-te... com teu sacrificio immola... mata esse pobre moço, que te salvou; porque é preciso dizer, que um homem que ama como elle, não sobrevive a morte de seu amor!

— Oh!... D. Lucrecia!...

— No entretanto eu cumprirei o dever de amiga: se te resolveres a seguir os meus conselhos, escreve-me esta simples palavra —sim!— eu farei o resto: as dez horas da noite em ponto esperar-te-hei em uma carruagem a vinte passos do portão desta casa,

e do lado da minha ; conduzir-te-hei ao convento para cuja entrada darei com o maior segredo todos os passos esta tarde : se me não responderes até as duas horas, voltarei a ver-te : Adeos!... pensa e resolve-te!

Lucrecia levantou-se e despedio-se de Honorina que ao vê-la sair do quarto, exclamou ainda :

— Não !... D. Lucrecia, fugir de meo pai, não!... não!...

As duas horas da tarde uma escrava de Lucrecia entregou-lhe pequeno bilhete , que fora trazido por um pagem, que para logo se retirára sem cuidado de resposta.

A viuva abriu com impaciencia o bilhete e sem poder occultar infernal prazer, que lhe translusia no semblante, murmurou arrastando-se por cada uma syllaba das frases

— Vingo-me!... venci!...

No bilhete estava escripta uma unica palavra :

— Sim. —



XXXIII.

Felis.

Em quanto afflicta e gemebunda a innocencia la se achava exposta aos laços da perfidia e chorava sobre seo amor e sua piedade; o crime não espremia essas lagrimas impunemente.

É falso! não ha impunidade para o crime: Deos, sabio e providente, prevenio a ignorancia e a fraqueza do homem : quando estes não condemnão : ali está a consciencia do criminoso que o tortura. A consciencia é a voz de Deos, que brada dentro do homem: o echo de seos brados vai soar na eternidade.

O malvado, que se avesou ao crime, que o perpetra como por habito não passa ainda assim impune isso, que vós chamaes habito, é já o desespero da salvação; é a previa condemnação eterna, que o punge; que o dilacéra tanto, que o faz desafiar a cada instante a colera do Juiz Supremo descjoso de ir soffrer a pena terrivel não podendo mais esperar por ella: porque se esperar o bem é um prazer que se frue de longe; esperar o inferno, é já estar no inferno: a consciencia nunca se calleja: no scelerato, o que as vezes se apaga, é a esperanza de salvação: a nimia malvadeza é como uma loucura, pela qual o homem chega a julgar mais elevada a enormidade de seos crimes, do que a misericordia de Deos.

E aquelle, cuja alma se resente ainda de sua origem celeste; aquelle que commetteo pela vez primeira um delicto, recua, éra diante de sua consciencia; como o mancebo enamorado aos olhos de sua bella, por quem foi convencido de um momento de infidelidade. É cruel estar o homem convicto, de que praticou uma acção torpe: desde o instante da convicção nunca elle está só nem no solitario leito; ahi mesmo, e em toda parte tem diante de seos olhos, dentro de seo cranéo, e sobre seo coração... a consciencia do crime.

Esta pena terrivel e sublime, que é conhecida do menino e do velho. a estava soffrendo Felis elle tinha sido condemnado diante do tribunal infallivel: seo processo, seo juiz, seo castigo, e o executor desse castigo, era sómente a voz de Deos, que fallava dentro d'elle. Não havia ahi dizer —sou innocente! —

convicção estava com elle: a convicção era a pena.

Felis havia pois commetido um crime, que ainda não está para nós bem patente; mas que o estava para Octavio, que d'elle se servio afim de leva-lo a perpetração de outro.

O guarda-livros se tranzia por tanto com a consciencia, de que era um falsario, um infame, um ladrão! — E não è tudo ainda: o homem, a quem elle tinha deixada roubar, era um deseos benefeitores: por consequencia havia um outro crime: a ingratição.

E os resultados?... se Octavio levar a effeito seo indigno plano; quem sacrifica o coração da pobre moça?... quem reduz a miseria e é a causa dos hor-

rores, que ella fará soffrer a Hugo de Mendonça?

Semelhantes idéas, pungidoras certamente, tinham torturado a Felis durante duas noites: o segundo dia correrá tão cruel para elle como o primeiro, e ao chegar o fim dessa tarde, em que Lucrecia recebera o sim, porque suspirava; o guarda-livros de Hugo de Mendonça despedio-se dos caixeiros e contra antigo costume subio antes da noite para seo quarto.

Apenas entrado fechou-se por dentro, e estirou-se sobre o leito, onde passou meia hora arquejando anciado: depois elle ergueo-se de repente, correo a sua carteira, tirou della a carta que Octavio ha tres dias lhe lançára por baixo da porta, e apertando-a na mão, exclamou como em delirio:

— É a minha salva-guarda! . . . somos dois infames que nos daremos o braço mutuamente! . . . o mundo cuspirá no rosto de ambos; não o fará sómente no meo! . . .

Nesse momento baterão na porta do quarto: Felis guardou rapidamente a carta no seio, e com voz alterada perguntou:

— Quem está ahí? . . .

E conheceo a voz de um servente, que lhe respondeu:

— Um homem já velho e doente quer fallar-lhe: e diz, que tem importante negocio a fratar, e recommenda, que deve faze-lo neste mesmo quarto, em segredo.

Felis estremeceo todo inteiro.

— E que homem é esse? . . .

— Ninguém o conhece lá embaixo.

— Donde, e de quem vem ? . . .

— Não o disse.

— Como se chama ? . . .

— Respondeo que não tem nome.

— Pois que se vá embora : uão quero ve-lo.

— Já o despedimos dez vezes.

— E então ? . . .

— Diz que quer fallar-lhe por força, e em segredo; por que vossa mercê não desejará que elle falle muito aito.

— Pode faze-lo entrar.

E pallido e temeroso ficou o guarda-livros com a cabeça fóra da porta, e o ouvido attento : ao ruído das pisadas do servente, que se retirava, succedeo o ruído das do homem que vinha. Felis o vio aproximar-se vagarosamente de seo quarto, e entrar sem dizer palavra.

Era um homem de estatura ordinaria; magro, de cabellos que começavão a embranquecer e que por longos cobrião-lhe as orelhas, e uma parte da fronte e das faces : trazia dous parches, um sobre o olho esquerdo, e outro que lhe escondia completamente o nariz : vinha com calças e collete de panno preto já usado, e vestia uma longa sobre-casaca verde-escura, que lhe tocava a curva das pernas : tendo entrado no quarto tomou uma cadeira e sentou-se defronte de Felis com a maior sem-ceremonia do mundo.

— O senhor queria fallar-me. . . disse Felis.

— Sim... respondeo com voz aspera o homem.

Felis o encarou, e vio fito, pregado em seo rosto o olho direito do desconhecido: e sentio que esse olhar era penetrante como um dardo, ardente como o raio, terrivel como o ão tigre.

O guarda-livros teve de abaixar a cabeça, e só então pôde dizer, um pouco agitado:

— Pois eu estou pompto para ouvi-lo.

— Convém antes, disse o homem, que aquella porta seja fechada...

E como para poupar a Felis uma resposta ou algumas passadas elle mesmo ergueo-se e fechou a porta do quarto.

— Bem, disse, Felis que involuntariamente tremia, e agora ?..

— Agora, tornou o homem; escute-me.

— Escute-me?... o senhor falla, e pratica de um modo, que...

A personagem desconhecida interrompeo o moço, e começou a fallar em voz baixa; mas terrivel.

— Eu sei uma historia, senhor Felis, que vossa mercê vai ouvir, e hade corar ouvindo-a; provavelmente porque o seo melindre e a sua virtude se envergonharão do infame popel, que representou o heroe della.

— Mas eu penso, que o senhor me não veio incommodar para contar-me historias...

— Ouça sempre. Em certa cidade... (não importante): havia um negociante honesto e honrado. cujos negocios não estavam no melhor pé possivel: obriga

do por fataes circumstancias a retirar-se por mezes para o campo deixou elle administrando sua casa um mancebø, que era o seo guarda-livros...

— Se o senhor quer fallar de mim...

— Quando o negociante voltou, appareceu a seo lado uma filha sua, joven, e bella, que até então cstitvéra occulta pelo véo dos cuidados de sua familia, como uma violeta entre suas folhas; essa moça foi amada por grande numero de mancebos, e no numero desses houve um, a quem eu darei o nome de Octavio, que a pedio em casamento. e foi repellido por ella.

— Mas... senhor...

— Sem generosidade e sem nobreza Octavio quiz tentar obte-la a força: para isso achou um meio: e moço, que servira de administrador da casa do negociante tinha um segredo fatal, que o podia perder e que era por elle sabido: Octavio abusou desse segredo e foi vende-lo ao antigo administrador a preço de mais de quarenta contos de reis em letras passadas contra a casa do negociante. O antigo administrador cedeo!... vendeo seo patrão

— É falso! balbuciou Felis, caindo aterrado sobre o leito: é falso! é falso!...

— Em uma noute os dous trocarão infamia por infamia, as letras pelo segredo. Octavio deixou o joven guarda-livros, o antigo administrador, e com tres importantes letras na mão foi impôr ao negociante ou o seo casamento com a bella moça, ou a miseria della, e quéda da casa.

— Oh !...

— E o guarda-livros ficou só... e na mão com que tinha dado as falsas letras estava uma pequena caixa de veludo preto....

— Senhor!... senhor!...

— D'ahi a pouco abriu uma carteira, como esta, que eu vejo ali, senhor Felis e dentro della... no fundo de um escaninho de segredo escondeo essa caixa de veludo negro, que devia tambem estar escondendo a prova de um crime ainda mais negro!...

E o desconhecido avançou para a meza, onde estava a carteira de Felis; mas para logo teve de parar diante do moço, que possuido de um violento tremor pallido como um finado, lançando bolhas de espuma pelas commissuras dos labios. collocou-se entre aquelle e a sua carteira, e com voz sepulchral balbuciou :

— Nem mais um passo... ou grito... que me que-rem roubar... que...

— Não hade gritar, senhor Felis; não hade mesmo abrir a boca; ou fa-lo-ha sómente para implorar-me piedade; nem se moverá d'ahi, ou se der um passo, será para cair de joelhos a meos pés!...

— Senhor.... senhor!...

— Porque se quizer chamar alguem, eu bradarei bem alto — dentro d'aquella carteira existe a prova de um crime, uma caixa de veludo preto! — e então o senhor pedirá, que me cale... que não diga nada...

— Silencio !... silencio !... balbuciou o guarda-livros.

— Porque se ainda quizer dar um só passo, eu continuarei gritando — e dentro dessa caixa forrada de veludo preto está uma cruz cravada de brilhantes!.. — e então o senhor hade cair de joelhos a meus pés implorando piedade...

Felis caio com effeito de joelhos, e abraçando-se com as pernas do desconhecido. exclamou:

— Compaixão.... piedade!... não me perca pelo amor de Deos!...

O desconhecido desprendendo-se das mãos de Felis foi de novo sentar-se na cadeira, que pouco antes occupara; e encarando o misero guarda-livros; disse com um sorrir desdenhoso e terrivel.

— Compaixão!... piedade!... não perde-lo pelo amor de Deos!... oh!... como é miseravel e cobarde o crime!....

— Perdão! perdão!... murmurou Felis.

— E posso eu perdoar-lhe?... não! não!... é esse um direito que devê ser exercido por muita gente; já que muitos são os offendidos: ouça-me! sabe quem eu sou?...

— Não... ou é o meo juiz...

— Eu sou um homem, que deve tudo ao senhor Lauro de Mendonça; que conhecendo a desgraça do meo bemfeitor jurei demonstrar sua innocencia e demonstra-la-hei! sou o braço do offendido... eu sou a vingança!...

A voz deste velho desconhecido era como um trovão, e seo olhar cruelmente embebido no rosto de Felis,

era como uma lingua de fogo, que lhe ia até o coração : elle disse :

— Ha sette annos, uma cruz cravada de brilhantes desapareceu da casa de Hugo de Mendonça Lauro não tinha, nem podia ter parte em semelhante acontecimento : o senhor o sabia ; e o senhor o denunciou, como perpetrador do furto dessa cruz : primeiro crime — a calumnia. Só uma pessoa pôde perdoar-lh'o : é Lauro de Mendonça.

Felis quiz fallar ; porém o desconhecido o não deixou fazer, e proseguio.

— Mas essa cruz cravada de brilhantes, que pertencia a filha de Hugo de Mendonça, havia com effeito desaparecido ; e o senhor foi o miseravel que a furtou : segundo crime — o furto. Uma outra pessoa ha, que só lh'o pôde perdoar : é Honorina.

Felis fez de novo um movimento ; e ainda o desconhecido o suspendeo, continuando :

— E a maldição, que sobre Lauro lançarão seus avós e pai?... e os soffrimentos desse mancebo?... e a morte de sua extremosa mãe?... quem, senhor Felis, quem lhe hade perdoar tudo isso?... só elle, que foi o offendido, só elle, que herdou a bondade do coração angelico de sua mãe ; só Lauro.

O guarda-livros desabafou um surdo suspiro : e o velho disse ainda :

— Agora, senhor Felis, o que é essa infernal trama, cujo resultado terá de ser a miseria de uma familia inteira?... como se chama tam nefando crime?... basta-lhe, diz tudo o nome de—ingratitude?..

—na palavra —ingratidão— poderá ser abrangida a falsidade, a traição, a infamia de um homem, que com sua mão fere de morte o chefe de uma familia, a quem deve tudo?... de um guarda-livros, que vende com tamanha vileza o seo patrão?... E por qual chão tam escabroso arrastará o senhor o rosto para ir implorar perdão a todos esses, que tem o nome de Mendonça?...

Felis estava soffrendo todos os tormentos do inferno.

— Oh!... exclamou o desconhecido; não era possível que por mais tempo continuasse a calumnia a manchar a virtude: é preciso convir de uma vez para sempre, que não ha véo sufficientemente denso para esconder o crime. Deos castiga a maldade no proprio coração do máo com as torturas do remorso; mas não basta isso. Deos quer ainda, que a innocencia depois de perseguida, e insultada pela aleivosia, appareça enfim bella e pura, como os raios do sol, passada a hora de um eclipse, brilhão de novo luminózos e ardentes!... por tanto para o senhor, houve desde sette annos, uma pena justa e terrivel, que lhe azedou talvez todos os seus dias, que o acompanhou nos seus prazeres, que fez o martyrio de suas noutes: havia o remorso!...

— Sim! sim!... disse Felis erguendo-se pallido e desfigurado; sim! eu teinho padecido horripelmente!..

— E para Lauro abrio a fortuna os braços; e em quanto socegado dormia o sonno da innocencia ella derramava sobre elle as riquezas a felicidade. Era

porém necessario ainda mais : era necessario que o filho repellido entrasse de novo na casa de seos pais puro e nobre, com a face descoberta, e dizendo— eis aqui a demonstração de minha innocencia!... eu fui calumniado!—pois bem! esta demonstração, que hoje pôde apresentar, deve-o tambem a sua virtude.

Felis em pé defronte do velho, se conservava immovel, estatico como um epileptico, com os olhos fitos no rosto desse homem terrivel, que com sua voz aspera e grave continuou dizendo :

— Lauro de Mendonça, senhor Felis, sentindo-se protegido pela fortuna nessa bella e generosa cidade da Bahia, creou para si uma familia de quem se fez protector, uma familia, cada membro da qual era um pobre, de quem elle se tornava pai ; um miserero enfermo . a quem elle amparava e soccorria. Entre muitos havia uma mulher, que a sorte tinha arrojado das riquezas na miseria ; essa mulher que era minha parenta... minha mãe... minha irmã... não importa, o que ; essa mulher, digo eu, morava a tres legoas da Cidade, a algumas braças de distancia do mar e perto da povoação de Itapoá : ella estava lazara... um unico, homem tinha verdadeira piedade de seos soffrimentos , ia mil vezes consolalla... soccorre-la... sem cuspir junto della : era Lauro. E a lazara foi escolhida pela providencia para rasgar o véo do crime!...

O desconhecido respirou um instante, depois proseguio :

— Ha pouco menos de um anno, acabara um dia,

alta ia uma noite de medonha tempestade : a morpbetica estava só : um filho, que tinha, havia ido na manhã desse dia á cidade, e não pôdera voltar com tam tormentoso tempo : a meia noite batem a porta, e pouco depois um mancebo todo molhado, e ferido cae exhausto de forças nos braços da morpbetica. Uma embarcação carregada de algumas centenas de miseros africanos sossobrara nesse dia ; e o dono della, esse mancebo, elle só, luctara vinte horas dentro de um pequenino batel contra a furia dos ventos e do mar ; finalmente conseguindo chegar a praia de Itapõa pôdera ir bater na porta da lasara, e caira nos braços della, pedindo misericordia.

Passada uma hora, o naufrago sentio-se abrazado por terrivel febre. . . houve um momento, em que teve medo de morrer. . . pediu um padre, e não achou quem o fosse chamar ; e então elle joven, bello, rico caio de joelhos aos pés de uma mulher morpbetica, e arrasou um segredo infame ! . . .

— E quem era esse mancebo ? . . . perguntou Felis tremendo.

— Esse mancebo disse á lasara ; « Senhora ! eu tenho parte n'um crime, e quero salvar meo nome da desbonra : sinto que vou morrer. . . eu deixei entre meos papeis uma carta, que explica meo procedimento a respeito, do que vou dizer : mas é possível, que a carta desapareça ; e por tanto ouça-me Senhora, da casa de um negociante do Rio de Janeiro, de nome Hugo de Mendonça, furtou-se, ha seis annos, uma cruz cravada de preciosos brilhantes ; imputou-se tal crime a

um moço chamado Lauro. . . . não foi elle : essa cruz existe em meo poder ; mas o ladrão tambem não fui eu, não ! não ! . . . o ladrão chama-se Felis, é o guarda livros do mesmo negociante : escreva, senhora o que eu estou dizendo, e em todo caso salve o meu nome da deshonra. . . . »

— Traidor ! . . . traidor ! . . . balbuciou Felis.

— No outro dia, Senhor Felis, Octavio achou-se inexperadamente melhor ; e apenas pôde levantar-se partito para a cidade, rogando com fervor á lasara, que não divulgasse o segredo, que lhe confiara ; mas esta, que ouvira espantada o nome de seu hemfeitor envolvido n'aquella estranha confissão, guardou para todos o segredó, menos para elle. Foi a providencia, exclamou o velho, sim ! foi a providencia, que patenteou o crime, e o criminoso ! . . .

— Basta ! disse Felis.

— Lauro, prosequio o desconhecido . determinou para logo demonstrar sua innocencia: não podendo porém deixar a cidade da Bahia tam cedo, poz a sua causa nas mãos de um parente da lasara; nas mãos de um homem fiel, e resolutu, nas minhas mãos emfim ! . . . Vim eu, senhor Felis, e meos olhos o tem seguido em toda parte, ha dous mezes; agora, graças ao céu, a prova de seo crime vai apparecer; e Lauro de Mendaça, que cedo chegará, hade entrar na casa de seos pais nobre e puro, como sempre foi, e com a cabeça levantada acima das de seos inimigos, e esmagando com seos pés a serpente da calumnia ! . . .

Frio glacial se havia apoderado de Felis: a noticia

da proxima chegada de Lauro o enchia de terror indissivel.

— E portanto, vamos, Senhor Felis !... é preciso, que a cruz de brilhantes appareça, e que o Senhor se prepare a seguir-me com ella. . . .

— Eu ?... e para onde ? perguntou automaticamente Felis.

— A casa de Hugo de Mendonça para confessar o seu crime e pedir o perdão d'elle.

— Oh !... nunca... morrer antes !

— Prefere então que o publique eu mesmo ?... que eu vá d'aqui proclamar pelas ruas a sua vergonha ?... perguntou o velho com voz terrivel.

Uma chamma infernal luzio nos olhos do guarda-livros : em seus labios estremeceu um sorriso nervoso... satânico... feroz... sua mão tremula abriu a carteira, em que devia estar guardada a pequena caixa forrada de veludo preto ; mas em vez d'ella brilhou na mão de Felis um punhal. . . .

— Miseravel !... exclamou o desconhecido recuando dous passos e engatilhando uma pistola, que tirou do bolso da sobrecasaca ; miseravel !... eu preveni tudo !. . .

Felis, que no primeiro instante tinha oulido avançar sentio escapar-lhe o punhal da convulsa mão ; e elle mesmo caio outra vez de joelhos aos pés do velho, halbuçando :

— Perdão !... não me mate !... não me mate pelo amor de Deus !. . .

Com insolente movimento de desprezo o desconhe-

uido empurrou com a ponta do pé o punhal para baixo da commoda, e disse :

— Desgraçado !... eu preciso da tua vida : quero que a innocencia do meo amigo seja proclamada pela boca do proprio calumniador : vamos pois !... a cruz de brilhantes !...

Felis olhava espantado para o velho. No rosto do guarda livros estava derramada essa expressão de estupidez do idiotismo ; como que não comprehendia, o que se exigia d'elle. A fraqueza, a cobardia do infeliz moço não erão só devidas a consciencia de seo crime ; havia tambem um poder desconhecido uma força inexplicavel no olhar ardente e penetrante d'aquelle homeni singular.

O estado, em que se achava, era tam horrivel, sua fisionomia se mostrava tam dolorosamente decomposta que o mesmo velho teve piedade d'elle e disse com accento menos duro :

— Vamos, Senhor Felis, a minha missão é de paz e de piedade ; desfeita a culumnia, que nodoa o meo amigo . deixarei o resto ao seu arrependimento : confio, que não consentirá que caião na miseria os seus bemfeitores. . . . e tambem nada tenho com Hugo de Mendonça. . . . vamos pois !... a cruz de brilhantes, e saiamos ; eu lhe obterei o perdão de Lauro, e lhe asseguro o de Honorina, e o do pai, e da avò desta.

— Perdão para mim ?... perguntou o moço com uma alegria desregrada e delirante.

— E ainda mais ; o esquecimento desse crime.

— O esquecimento. . .

Vol. II.

— Sim : e tudo a custa de duas unicas palavras.

— E quaes são ? . . . quaes são, Senhor essas duas palavras ? . . .

O desconhecido ia sem duvida responder, quando sentio, que batião na porta do quarto ; então com extraordinaria promptidão, com vivacidade propria do mais agil mancebo, elle abriu o guarda roupa de Felis, e agachando-se, dentro disse antes de contra si fechar as portas d'elle.

— Pode receber a sua imtempensiva visita ; mas olhe, que se tentar atraiçoar-me ? eu não terei mais piedade de seos tormentos. . . .

O guarda-livros movendo-se, como uma maquinã oi ahrir a porta, e achou-se cara a cara com um moçetão muito nosso conhecido ; e que era sem mais nem menos o incomparavel Manduca.

XXXIV.

Manduca.

O desconhecido ao sentir que batião na porta, pensando talvez que era Hugo de Mendonça ou alguma outra personagem para elle incommoda, quem vinha a taes horas procurar Felis, espremeo-se dentro do guarda roupa deste, e ali se escondeo; bem scmelhante ao D. Carlos do Hernani de Victor Hugo occulto no armario da casa de D. Sol; mas vendo qual era a inesperada visita, e lendo-lhe no physico a recommendação de seo juizo; mais por curiosidade, do que por conveniencia deixou-se estar no guarda roupa apezar da penosa posição, em que era obrigado a conservar-se.

Agora duas palavras sobre o recem chegado.

A visita de Manduca era nada menos, do que o fructo de longas loeubrações: todos nós sabemos, que este homem pertencia á classe dos ultrapensadores.

Manduca por ser dos taes, que gastão mezes inteiros em requestar uma moça sem que ella de tal se aperceba nem por isso achava bom e justo que lhe fizessem por casa, o que elle praticava por fóra; e pois, ouvindo de sua irmã, no dia da disputa conjugal, que tam mal acabou para elle, pensamentos, que demonstrarão o adiantamento das relações de Rosa com seo primo, e demais um pouco tocado da idéa da possibilidade de

uma paixão de Felis por Honorina, fez para logo voto de pensar nisso com madureza.

Desgraçadamente teve tempo de sobra ; porque ficando derreado por amor de seo pai, não se pôde levantar da cama, se não depois de alguns dias : Thomsia poz em campo a Medicina a favor de seo filho ; e pelo sim pelo não vinha de manhã um medico allopatha, que o sangrava geral e parcialmente, e de tarde um homeopatha, que lhe embotia no estomago uma nihi-lidade de qualquer cousa ; depois de longos oito dias, as dores forão em fim diminuindo, e Manduca sentio-se capaz de dar alguns passos sem gemer.

Mas ao menos nesses oito dias Manduca pensou tornou a pensar, e finalmente concluiu, que o melhor partido a seguir era procurar a Felis e pedir-lhe miuda conta das pretensões, que nutria, sobre sua irmã.

Assentado de pedra e cal neste proposito, no primeiro dia, em que conseguiu levantar-se dispoz-se a esperar pelas horas de descanso de Felis, e apenas vio anoutecer, foi procural-o. Como era conhecido, os caixeiros da casa de Hugo deixarão-o entrar, e elle um instante depois bateo na porta do quarto de Felis.

Quando a porta se abriu, e Manduca entrou, os dous primos recuarão boqui-abertos e ficarão espantados um do outro.

Havião seis dias que Felis não via Manduca ; ora a enfermidade e a medicina tinhão-se dado as mãos para por o pobre rapaz com um physico de espantar creanças.

Pallido, descarnado, com os olhos encovados e sombreados por duas notaveis olheiras roxas, com o grande

nariz, que de seu pai tinha herdado, tam afilado como luzente, com enormes mãos caídas esquecidamente das mangas da casaca, com as pernas muito finas, em uma palavra com todo o corpo dançando largamente dentro da roupa, que vestia, Manduca semelhava uma mumia.

Felis no estado de exacerbação, em que se achava, pouco sentio faltar-lhe para crer-se na presença de uma alma do outro mundo ; mas em compensação Manduca teve tambem de que espantar-se.

Felis estava ainda mais pallido que seo primo : seos olhos possuidos de indisivel expressão de terror vagavão incertos e espantados em derredor delle; convulsivo tremor quasi que o não deixava soste-se em pé, e querendo encubrir sua perturbação, o moço espalbava á força em seos labios um sorrir insípido, e mal fingido, que estremecia terrivelmente, obdecendo a convulsão dos musculos labiaes.

Depois de um momento de admiração silenciosa, Manduca rompeo o silencio :

— O que é isto ?... o que tens, primo ?...

— Nada, balbuciou Felis, absolutamente nada.... eu soffri.. um ataque nervoso.... minhas loucuras.. tinha passado uma noute em claro.... em orgia.... depois.... um dia inteiro a trabalhar....

— Então : porque não vem o medico ?...

— Não ?... nada de medicos : tudo está acabado : estou bom ; perfeitamente bom...

— Sim... mas....

— Mas é que tambem estás muito abatido, primo, soffreste muito então ?...

— Apenas hoje pude levantar-me.

— E viste logo ver-me ; obrigado. . . nós nos es-
timamos sempre muito. . .

— Porem a minha visita de hoje não era puramente
de amizade ; eu viuha fallar-te sobre objecto muito
grave.

— Muito grave ? . . . perguntou Felis estremeçando
tam violentamente, que se agarrou a cadeira, onde se
sentara ; muito grave ? . . . e para quem ? . . .

— Para ti, e para. . .

— Para mim ! ! !

— Todavia acho-te em estado tam cruel ; que julgo
melhor deixar para amanhã.

Felis pensou um instante ; em sua vida só havia um
crime ; esse crime era absolutamente conhecido do homem
que occulto os estava ouvindo ; por tanto não teve receio,
de que Manduca fallasse ; o que o podia envergonhar já
não era mysterio para aquelle ; de nada mais se accusava
Felis : alem disso, se era de seu crime, que vinha seo
primo occupa-lo, fazia-se preciso conhecer, quanto os
outros sabião desse segredo fatal para mais acertada-
mente prevenir as consequencias.

— Meo primo, disse pois Felis, convem não demor-
rar, o que é importante ; eu estou prompto para ou-
vir-te.

— E se, o que eu vou dizer, te fizesse mal ? . . .

— Não ; nada mais soffro ; falla.

— Pois como insistes, lá vai.

Manduca dispoz-se á começar ; mas esteve bons
cinco minutos a preparar um exórdio para seo discurso ;

o pobre rapaz, que tinha suas vontades de ser orador, esquecia-se, de que o gosto da época e do paiz, quanto a discursos, não se dá muito nem com forma, nem com materia, nem com regras ; o que se quer é fallar, e fallar muito ; a belleza do discurso está na razão directa do tempo que se gasta em pronuncia-lo ; embora se diga muita cousa vã, futil, e intempestiva.

Graças a sua pouca habilidade, Manduca convenceo-se, de que não arranjará um exordio capaz nem em quinze dias ; e pois começou ex-abrupto, dizendo :

— Meo primo, tu sabes, que eu sou irmão de minha mana Rosa...

Em outras circumstancias Felis teria interrompido a seu primo com uma rizada ; mas na triste posição, em que se via, contentou-se com dizer :

— Eu sei.

— Pois que a mana Rosa é minha irmã, segue-se que eu devo ter todo cuidado nella.

— Sem duvida.

— Ora acontece que anda-me ella de cabeça a roda por tua causa...

Por minha causa ?... .

— Que tu a tens entretido com esperanças de casamento, sei eu muito bem.

— Está bom, primo, pensei, que querias fallar de outro objecto : trataremos disso amanhã, ou depois temos muito tempo.

— Nada : agora já que principiei hei de acabar : ~~sim~~ senhor, como ia dizendo... com que... o que diz ~~me~~ eu ?...

— Primo, fallaremos d'isso em outra occasião.

— Peior é essa, meo primo : já te disse, que heide acabar, o que comecei. Estava eu dizendo, que tu lhe tens dado esperanças de casamento. . .

— Sim. . . e depois ? . . .

— É que aqui não temos depois : o que se hade fazer amanhã, faz-se hoje. . . o que se promete, cumpre-se.

— Manduca. . . está me doendo a cabeça.

— O negocio tambem não é para tanto ; acaba-se tudo com um—sim, ou com um—não : isto é : com o—sim—ficamos arranjados.

— E com o—não ? . . .

— Has de dizer-me o porque.

— E se eu disser — pôde ser ? . . .

— Eu cá não me entendo com—pôde ser. — A mana Rosa ja está em idade de casar, e é de crer, que não tenha vontade de esperar muito tempo. Além disso. . .

— Além disso o que ? . . .

— Ha um celebre novelleiro, que anda espalhando boatos pouco agradaveis. . .

— Boatos ? . . . perguntou Felis estremecendo de novo.

— Sim : um tal nosso amigo, o senhor Bras-mimoso, a quem se metteo em cabeça requestar a filha do senhor Hugo de Mendouça, e que para espantar do lado della os homens de merito, que a possão pretender, atreve-se a dizer, que ella é uma. . . namoradeira. . . .

Manduca interrompeo-se, ouvindo certo ruido semelhante ao de uma porta que se abre devagar.

— Que é isto?... parece, que nos escutão... disse Manduca observando.

— Não... não ha aqui ninguem... seria o vento... ou alguma outra cousa...

Isto dizendo, Felis olhou para o guarda-roupa, e viu uma das portas meia aberta, e pela fresta o olho do homem desconhecido.

— Mas, como ia contando, continuou Manduca, o tal senhor Bras-mimoso arrojou-se a dizer que tu és um dos apaixonados de D. Honorina...

— É falso... é uma calúnia!

— Ora isso não fez muito bom cabello nem a mana Rosa, nem a mim mesmo: um dia... houve lá em casa o diabo a quatro...

— Meo primo...

— Qual meo primo: se tu estivesses lá verias, como se poz a mana Rosa: olha, que quando se enfesa, é uma vibora; tambem tirando disse é uma pomba sem fel.

— Está bem... está bem...

— Pois a mana Rosa acreditou tudo, quanto lhe quiz dizer o Bras-mimoso; poz a boca no mundo contra a pobre D. Honorina, e te desandou uma descompostura de tirar-coiro e cabello: eu que vi o caso mal parado; protestei, que o negocio havia de acabar em bem, e aqui vim hoje por não ter podido vir ha mais tempo.

— Mas... meo primo...

— Espera, primo Fois, devo confessar-te que também tenho interesse na questão : eu estou perdido de amores pela filha do senhor Hugo de Mendonça, e concebo minhas esperanças de alcançar a posse de seo coração : ideei um plano vastissimo : estou eabalando para ser deputado provincial, e apenas encartar-me na assembléa, e tiver pronunciado o meu primeiro discurso, que hade durar sessão e meia; apresento-me à moça... e tu bem sabes, que uma fisionomia de deputado é sempre sympathica, por consequencia. mas que diabo ia eu dizendo ?...

— Tu ias dizendo... ias dizendo...

— Ah... por consequencia é preciso decidir-te : levarei o teu sim a mana Rosa, e então toda a nessa familia trabalhará de accordo commum para o meu casamento.

— Pois bem, primo; fico sciente, do que exiges de mim, e pensarei para responder-te.

— E que tudo já devia estar pensado ha muito tempo...

— Como ?...

— Digo, que deverias ter pensado sufficientemente, quando principiaste a fazer-te de engraçado com a mana Rosa...

— Manduca !

— Ora vê lá, se queres negar a mim mesmo então a mim, que tantas vezes servi de pão de cabelleira !

— Com tudo... quando se trata de um casamento, ninguém se resolve de repente...

— Mal vai o negocio, meo primo : e se eu te perguntar qual era por tanto o teu proposito, quando te punhas a piscar os olhos para mana Rosa?...

— Eu nunca lhe pisquei os olhos.

— Piscavas... e fazias mais : pizavas-lhe no pé por baixo da mesa ; e quando jogavas o diabrete com ella ficavas sempre buro seni vergonha nenhuma....

— Primo.... está bom : já te disse que me decidirei.

— Pois vamos lá... resolve-te.

— D'aqui a quinze dias.

— Não estou por isso.

— De hoje a oito dias...

— É muito: para esse tempo já a mana Rosa deverá estar casada.

— Isso é uma loucura!

— Loucura é andar desinquiando as filhas dos outros!

— Não posso responder agora; estou doente....

— Nada.... já estás muito melhor; vamos ao caso.

— Tenho a cabeça em fogo.

— Não me importa isso: tambem em fogo anda a cabeça da mana Rosa: vamos... vamos...

— Pois queres obrigar-me...

— Se tanto for necessario....

— Meo primo!...

— Anda... anda... vamos depressa, que mana Rosa me está esperando.

— Tu és um louco.

— Sim, ou não?...

— Isto é insupportavel!... exclamou Felis.

— Sim, ou não?...

— Meo primo!... deixa-me!... deixa-me!...

— Sim, ou não?...

— Meo primo!... isto chama-se abuzer!...

— Sim, ou não?... gritou Manduca.

— Não! não!.. e não!..

— Pois então, disse Manduca com o maior sangue frio, vamos ao morro de Sancta Thereza pôr termo as nossas duvidas.

— Um desafio?...

— Sem duvida.

— Estarei as suas ordens amanhã todo o dia... agora é impossivel... é noute.

— Nada: hade ser agora mesmo; eu não tenho medo de errar o tiro.

— Amanhã... amanhã sómente.

— Não senhor nessa não caio eu; sei bem como se arranjo as cousas para chegar uma denuncia aos ouvidos do chefe da policia...

— Senhor!...

— Agora se está com medo... é outra cousa...

— Não! vamos!..... já que o quer..... saiamos!.....

Felis exasperado dava um passo para sair; quando as portas do guarda-roupa se abrirão, e o desconhecido saltou entre os deus.

— O senhor Felis não pôde sair; disse elle.

Felis tornou a cair sobre sua cadeira, enquanto Manduca espantado perguntou :

— Onde estava o senhor metido?...

— Dentro d'aquelle guarda-roupa: respondeo ingenuamente o desconhecido.

— E então diz que meo primo não hade sair comigo?...

— Sim: e digo ainda mais, que elle o vai satisfazer promptamente.

— Como?...

O desconhecido voltou-se para Felis.

— Senhor Felis; a sua vida por hoje me pertence; portanto não a pôde ir assim parar no jogo de um duello: façamos porém por concluir isto amigavelmente... e tanto mais que o senhor seo primo tem que fazer comigo esta noute.

— Eu?...

— Sim senhor; em breve fallaremos. No entanto o senhor Felis vai responder-me sem duvida: é certo que deo a senhora sua prima a esperança de com ella casar-se?...

Felis não respondeo; elle tremia mais que nunca; porque o riso do sarcasmo, o riso insultante da ironia estava nos labios do desconhecido; Felis tremia de medo... e de raiva.

— É certo!... repetio o desconhecido levantando a voz; verdade, senhor Felis, verdade; é certo?...

— Sim... balbuciou o infeliz moço.

— Pois senhor disse o desconhecido voltando-se para Manduca; pôde assegurar a sua irmã, que seo

primo está prompto para cumprir o que disse : não é assim, senhor Felis? . . .

— Sim. . .

— Será possível! . . . exclamou Manduca espantado ; porém que diabo de homem é o senhor? . . .

— Um intimo amigo de seo primo : não é assim, senhor Felis ? . . .

— Sim. . .

— Pois, senhor, fico-lhe muito agradecido pelo obsequio, que acaba de fazer-me ; e como dezejo ir já levar a resposta a mana Rosa ; espero que me diga, qual é o negocio, que tem comigo esta noute.

O desconhecido tirou o relógio, e depois de examinar as horas, disse:

— As nove horas da noute esteja o senhor junto á Igreja da Lapa do Desterro.

— Posso saber para que ? . .

— Basta saber, que é para salvar de um perigo eminente a senhora D. Honorina. . . armão-lhe terrivel laço.

— Quem ? . . .

— Um homem chamado Bras. . .

— Por alcunha - o mimoso ? . . .

— Exactamente.

— Estou prompto ; lá estarei : adeos, meo primo ; senhor ; até as nove horas da noute.

— Junto a igreja da Lapa do Desterro.

Manduca saio. Apenas se vio só com Felis, o desconhecido o segurou pelo braço e levantando-o da cadeira :

— Agora a cruz de brilhantes ! . . . disse elle.

Felis dirigio-se a carteira, abriu-a... descobriu um escaninho de segredo, e d'abi tirou uma boceta forrada de veludo preto : abriu depois esta, e o desconhecido vio uma cruz cravada de brilhantes.

— O senhor acha-se vestido... tome a casaca, e saiamos.

— Para onde?... perguntou Felis.

— Para ir a casa de Hugo de Mendonça entregar a cruz de brilhantes a Honorina.

— Ob!.. não!.. senhor!.. eu não posso!..

— Hade ir : eu lhe prometti, que seria por elles perdoado disse-lhe que bastarião duas unicas palavras.

— Será possível?..

— Eu lb'o prometto de novo pela minha honra.

— Mas a quem direi essas palavras?..

— A Honorina.

— E quaes são essas palavras?..

— Peça-lhe de joelhos, que ella obtenha o perdão e o esquecimento de seo crime... diga-lhe que só uma pessoa no mundo foi capaz de obriga-lo a ir restituir-lhe a cruz de brilhantes, e a provar assim a innocencia de seo primo Lauro de Mendonça; mas que essa pessoa exige della, que lhe perdoe, e que faça com que sua familia perdoe tambem e esqueça o seo delicto... Honorina lhe perguntará, quem pôde fazer tanto, e o senhor responderá que foi... notte bem, senhor, aqui vão as duas palavras...

— Diga-as...

— O Moço Loiro.

XXXV.

Jorge e Rachel.

Ha uma dor aguda e profunda, que punge como nenhuma outra ; uma dor, para a qual não ha medicina possível—é o amor sem esperança.

Os que dizem, que o tempo faz esquecer um amor não retribuido, não fazem mais do que repetir uma blasphemia, que ouvirão ; e o primeiro homem, que o disse, o blasfemo, pensou ter amado, sem que verdadeiramente amasse ; e quando procurou o amor, e achou vazio o coração, julgou que o tempo o tinha extinguido, semelhante á aquelle que despertando de um sonho, buscasse a seu lado o objecto, com que sonhava. Ama-se uma só vez na vida ; e esse amor, o verdadeiro, é aroma do coração, que nunca se evapora de todo ; é chamma do espirito, que nem se extingue nem se abranda.

É pois o amor sem esperança é o martirio extremo d'alma ; é a dor terrivel... inexplicavel... incuravel... eterna.

Aquelle, a quem morreo a formosa amada, soffre muito... muito ; mas ainda soffre menos, que o amante infeliz ; porque na vida de lagrimas, que vive, tem a lembrança do amor, que gosou ; são a seus ouvidos as doces palavras, que ouviu ; tem a saudade com sua agri-doçura tam maviosa ; tem o espirito repleto de

imagens e de recordações ; tem o coração cheio de vida de lagrimas. . . .

Mas quem ama sem esperança, não tem nada no mundo. . . . tudo é feio. . . . esteril. . . . negro ; hon-tem. . . . hoje. . . . amanhã. . . . sempre tudo feio. . . . esteril. . . . negro : ou então tem diante de seus olhos a belleza da mulher insensível fazendo o seu cruel martyrio ; tem a felicidade dos outros risonha, e galante defronte de sua desgraça carrancuda, e feia ; tem a vida dos outros desenhada em alegre painel ao pé de seu quadro de horrores ; tem tudo bello fora. . . . longe. . . . alheio. . . . dos outros ; e tem em si sómente a noute n'alma. . . . a morte no coração.

E ainda neste, como em todos os soffrimentos Moraes experimenta a mulher dor mais desabrida, que o homem ; porque principalmente no martyrio, de que fallamos, além da dor, que é commum a ambos os sexos, e que provem do ardor desse desejo de ser amado e da impossibilidade de realisá-lo ; da murchidão dessa esperança de amor, sem a qual não ha felicidade possível ; ha de mais, e em particular para a mulher, um golpe profundo em seu amor proprio ; ha o sopro frio, glacial saído da boca de um homem, apagando no rosto della a luz de seu prazer, e de sua gloria. . . . o anhe-lo de agradar.

Mas é preciso, ser mulher, ou ter ouvido fallar a uma com a verdade, com que se falla de joelhos aos pés de um padre, para conceber o penetrante segredo desse golpe !. . . é preciso, sim, para que se possa comprehender o quanto soffre a mulher, quando está vendo

pizar... retalhar... moer... extinguir sua ambição de ser amada... sua interessante e perdoavel vaidade!...

Havia por tanto uma aflicção ainda mais acerba, do que aquella que consumia Honorina ; porque a filha de Hugo de Mendonça não tinha sentido murchar a flor mais perfumada e bella de sua alma de mulher—a esperança de agradar ao homem amado.

E essa aflicção desmedida... extrema... a estava promovendo uma moça cheia de encantos e de virtude... Rachel.

Honorina pois era, apesar da posição cruel, em que se via, menos desgraçada do que a sua amiga ; porque no rosto della não, e no rosto desta sim o sopro frio, glacial saído da boca de um homem apagara já a luz do prazer e da gloria da mulher.

Como porem o amor de Rachel não é para nós um mysterio ; como a angelica alma dessa moça nos foi já, uma vez, patente, e ahí vemos a relação de seo padecer, e sua abnegação ; a historia do affecto, que sentia pelo Moço Loiro, e da amizade, que votava a Honorina, nós nos forramos do trabalho de desenvolver a mesma materia.

Rachel continuava a viver em sua silenciosa agonia ; supportava uma a uma todas as suas torturas sem soltar um unico gemido : no entanto, fazendo sempre votos pela ventura de sua amiga, fugia de encontrar-se com ella para não augmentar suas magoas ; e estava sempre só, ou com seo pai.

Na corrente de suas interminaveis reflexões, levada da

força de seu muito e tam longo padecer, Rachel pensava as vezes que era victima de um castigo do céo por haver outr'ora desrespeitado o grande sentimento, que vivifica a natureza ; ella se recordava então, quasi horrorisada de si propria, d'aquelle pensamento de gelo, que em uma noute ouzara exprimir dizendo « amor é uma vã mentira ! amor não é mais, que uma das muitas chimeras, com que a fantasia nos entretem na vida, como a bonéca, que se dá a creança para conserva-la quieta no berço. . . . o amor não é mais, que a flor de um só dia, que abre de manhã ; e antes da noute está murcha. . . . » e tambem então sorrindo-se com ironico e terrivel sorrir ella dizia a si mesma ; pois bem ! . . . eis aqui no meo coração a mentira. . . . a chimera. . . . a flor de poucas horas ! . . .

Mas ao pé de Rachel, ao pé de sua angustia vinha todos os dias sentar-se um ancião respeitavel, que ficava horas inteiras triste. . . . abatido. . . . silencioso olhando para ella. Era seo pai.

A antigã e mutua confiança de Jorge e Rachel ; aquella transparencia do coração da filha para os olhos do pai, parecia haver desaparecido. D'antes jamais Rachel sentia um simples dissabor, do qual Jorge não conhecesse para logo a causa ; d'antes nunca a filha experimentava uma afeição innocente, ou tinha no espirito uma duvida qualquer, que o pai não fosse buscado para orienta-la em ambas com os conselhos de sua experiencia. E agora Rachel geme, e não vai pedir a Jorge um remedio para sua dor ; e agora o pai ouve gemer a filha, e não a interroga sobre a origem de seus gemidos.

Oh!... era porque ella sabia, que seo pai não acharia um remedio para dar-lhe; e porque elle tinha comprehendido, que já era tarde; que o mal de sua filha já não podia ser curado pelo amor, e conselhos paternaes.

Entretanto Jorge cercava Rachel de cuidados, e disvellos; e vendo desprezadas todas as festas, todas as distracções, que lhe offerencia; ao menos, para ver se nella despertava os adormecidos caprixos de moça, não deixava passar um dia, em que lhe não troxesse novos enfeites, joias custosas, e magnificos brilhantes.

E todavia Rachel era sempre a mesma, padecendo em silencio não movendo uma só queixa, e passando a maior parte do dia abrigada na solidão de sua camara.

Jorge se havia determinado mil vezes a exigir de Rachel a relação completa de seus soffrimentos: para isso entrava todos os dias no quarto della; mas vendo-a pallida e immovel, sentada desleixadamente em seo leito, como esquecida de si propria; o pai não tinha animo de quebrar o silencio da filha, de sondar aquelle segredo doloroso, temendo ver redobrar tantos tormentos á menor pergunta; como certos polypos, que se ensanguentão logo que são tocados: elle supunha aquella mudez semelhante a camada de cinza que envolve a braza ardente.... e por tanto Jorge ficava defronte de Rachel horas inteiras pensativo.... melancolico.... silencioso, como ella mesma.

O coração de Jorge devia pois estar tambem vio-

lentamente amargurado : um dia enfim elle se resolveo a penetrar a todo o custo o segredo de sua filha ; e dirigio-se para isso a camara della ; foi na manhã em que Rachel tinha recebido o ultimo bilhete de Honorina.

Jorge encontrou a triste moça na mesma posição e no mesmo estado, em que constantemente a achava. Como receando perder o animo, se olhasse para seo rosto, e pai sentou-se, e desviando os olhos do leito, onde estava Rachel, disse :

— Minha filha, o que é isso? o que tens?...

A moça levantou os olhos para seo pai ; mas logo depois os abaixou corando fortemente.

— Out'ora tu depositavas todos osteos innocentes segredos no meo seio : tu me fazias confidente de tuas passageiras tristezas, e longas alegrias ; tu me dizias o que sentias ; tudo o que pensavas ; porque pois não continuas a praticar o mesmo?... já te fiz arrepender da doce confiança, que em mim tinhas?... não sou sempre o teu amigo?... Rachel!... minha Rachel!... ja deixei eu de ser pai?...

A triste senhora ouvindo esta ultima pergunta de seo pai feita com voz pungente e quasi desesperada; saltou do leito, e suffocada em soluços, soltando um diluvio de lagrimas, que presas estavam ha muito tempo, caio de joelhos aos pés de seo bom velho, e abraçou-se com elle ternamente.

— Rachel!.. minha Rachel... não chores assim!.. tem piedade de teu pobre pai!..

— Meo pai... balbuciou a infeliz levantando-se nos braços de Jorge.

E os dous ficarão ahi docemente abraçados... chorando ambos... misturando seo pranto de pai e de filha, que se combinava tam bem: quando bastantes lagrimas tinham corrido, e elles sentirão menos pezados os corações... sem corar de seos soluços... desatando-os sem tentar comprimi-los, sentarão-se defronte um do outro.

— Rachel, disse Jorge; eu sei que tu amas...

— Sim, meo pai, eu amo.

Pelo modo com que lhe respondeo sua filha Jorge conheceo, que tudo lhe ia ser relatado; que a mu-tua e antiga confiança se restabelecera.

— Pois então, minha filha; continuou Jorge; por que esconder-me tanto tempo esse doce sentimento?... quem pôde furtar-se a essa mimosa lei da natureza?... a escolha de teos olhos deverá ser por força digna de teo coração...

— Ea creio que sim, meo pai; é um moço nobre, e destemido...

— Sabe elle que tu o amas?...

— Não meo pai; nem o saberá nunca.

— Como não o saberá nunca, minha filha?... se tu o amas, se elle é digno de ti, poderei eu querer, que chores assim toda a vida, que não sejas venturosa ao lado d'elle?...

— É porque meo pai não sabe, que ha uma barreira enorme, que para sempre me separa desse homem!...

— Seria possível perguntou Jorge confuso que minha filha amasse um homem casado ?..

— Eu penso com rasão, que elle é solteiro.

— Que te falta pois?..

— O amor delle ; respondeo amargamente Rachel.

— Rachel... não te faltão encantos.

— Meo pai, ha outras mais bellas do que eu.

— E's rica...

O rosto de Rachel tornou-se rubro de vergonha : ella que já amava comprehendeo então facilmente a verdade que Honorina exprimira a semelhante respeito ; « é torpe ! é um horrivel sacrilegio negociar um homem com a desgraçada sympathia, que lhe tributa uma mulher !... é torpe ! é um horrivel sacrilegio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar receher a benção do sacerdote estendendo a mão para uma triste mulher, com os olhos no seo rosto, e o pensamento no seo dinheiro !... »

— Honorina tinha bem razão !... murmurou ella baixinho.

Depois voltou-se resoluta para seo pai, e disse.

— Meo pai, eu vou dizer-lhe tudo : a verdadeira causa de meos tormentos não está no amor está no desespero.

— No desespero ?..

— Eu não posso esperar ser amada.

— E porque ?..

— Eu não devo trabalhar para sê-lo.

— Mas qual a razão ?..

— Tenho um unico partido a seguir... chorar em segredo.

— É que eu não comprehendo...

— Meo pai vai saber tudo,

Então Rachel passou a referir a Jorge todas as circumstancias de seo amor : sem esquecer uma só dellas, disse tudo; a amizade e confiança que merecia de sua amiga ; o amor do Moço Loiro por ella ; a scena passada em casa de Sara... tudo emfim.

Jorge escutou attento e admirado a estranha relação, que lhe fazia a filha : no fim della deixou-se ficar mudo pensando no misero estado de sua pobre Rachel, e na mysteriosa existencia desse moço, que podia mover tanto amor e tantas lagrimas.

— E então, meo pai?... perguntou Rachel tristemente.

— Tu tens razão, minha filha ; respondeo Jorge abattido, e frio.

— Posso eu esperar ser amada?..

— Não.

— Devo eu trabalhar para sê-lo?..

— Não.

— Não é verdade, que o só partido que me resta a seguir, é chorar em segredo?..

— É derramar tuas lagrimas no meo seio, minha filha!..

— Oh!... e é bem terrivel ter de chorar sempre!..

— E quem te disse que hasde chorar sempre?..

— Mas se eu não tenho esperança alguma, meo pai!..

Vol. II.

— Um amor desgraçado, minha filha, pôde ser curado com outro amor mais feliz.

Rachel por unica reposta sacudio a cabeça ; ella tinha razão : um coração nobre não ama duas vezes.

— Rachel continuou Jorge ; é preciso amar a outro ; desterra essa tristeza : vamos de novo aos sarãos, as festas, as assembléas ; na multidão dos mancebos, que lá se encontrão, talvez um chegue a agradecer-te : qualquer que elle seja, com tanto que a infamia ou o desregramento o não manche, dize-m'õ... e rico ou pobre, pequeno ou grande, será teo espozo.

— Não haverá para mim outro, como elle, meo pai. É melhor que eu fique, como estou, chorando sem contrafazer-me a seos olhos, e derramando o meo pranto no seo seio ; do que que tenha de esconder minhas lagrimas de um marido, que eu não ame, nem possa nunca amar.

— Rachel, disse Jorge levantando-se para sair ; eu te deixo : modera tua afflicção ao menos por minha causa ; e quando tiveres necessidade de um companheiro para chorar e gemer contigo vem para junto de teo pai !..

Os dous se abraçarão de novo ternamente ; e d'ahi a um instante Rachel estava só.

Jorge tinha deixado sua filha se não menos desgraçada todavia mais animada e capaz de resistir a crueza de seo destino ; achar um companheiro para gemer comnosco, para comnosco fallar do mal que sentimos, não é um remedio ; mais é sempre uma

consolação. Rachel tinha achado um companheiro em seu proprio pai.

Não que as ultimas palavras que delle acabara de ouvir lhe desenhassem um fagueiro iris de esperança no horisonte de sua vida; não: Jorge havia dito que um amor desgraçado pôde curar-se com outro amor mais feliz; porém Rachel, que devendo responder sempre com respeito a seu pai, sacudio apenas negativamente a cabeça, Rachel repellia dentro de si semelhante idéa como offensiva a pureza de seu coração.

A bella joven, que nunca amara antes de ver o Moço Loiro, até então tinha sua alma livre dessas impressões ardentes, como um vaso virgem e delicado, onde jámais se lançara nenhum liquido; o primeiro, que ahi se depositasse, devia por força entranhar-se nos póros delle, e deixar para sempre arraigado seu perfume. O moço Loiro appareceu... sua imagem preencheo um vacuo, que havia no coração de Rachel; sem que ella o presentisse... tomou parte na sua vida... ficou senhor de seus pensamentos... ganhou enfim o amor de Rachel... o primeiro amor... o unico verdadeiro e eterno.

Rachel ergueo-se, e pela primeira vez depois de quinze dias, dirigio-se para seu toucador: enfim ella era mulher... queria ver como se achava o seu rosto... o seu thesouro... ella vio e recuou!...

O fogo de seus olhos estava quasi estincto... fôra substituido, pelo languor da melancolia: as rosas de suas faces havião murchado... desaparecido, e cedido

seo logar aos brancos jasmims do soffrimento : seos labios não se amoldavão mais ao gracioso sorrir dos dias de ventura : o bello anjo do prazer se trocára pela sombra graciosa da saudade ! Rachel recuou espantada de si própria, dizendo :

— Como estou mudada !... meo Deos !... eu causo medo !...

E todavia jámais Rachel poderia ter-se mostrado tam bella aos olhos de um joven poeta !... ella tinha no seo resto toda a sublime e interessante belleza da dor mysteriosa.

Fugindo de seo toucador Rachel foi de novo cair no leito, e outra vez entregou-se a seos tristes pensamentos : duas longas horas se havião já passado assim nesse viver de eloquente silencio apenas interrompido por suspiros ; quando ella sentio os apressados passos de alguem que para sua camara se dirigia.

Rachel levantou-se promptamente e vio entrar seo pai pallido e agitado.

— Meo pai, exclamou Rachel correndo para elle, o que succede ?...

— Uma desgraça, minha filha, um acontecimento fatal !

— Então o que é ?...

— Amigos nossos, que se achão perdidos !...

— Quem, meo pai, quem ?...

— Hugo de Mendonça... sua familia iuteira.

A desgraça de Hugo já era conhecida na praça : não se sabia, quem espalhara a terrivel noticia...

fora talvez Octavio... ou talvez uma previzão, porque assim como parece que as vezes o povo adivinha funestos acontecimentos politicos... ou se espalha em uma cidade a perda de uma batalha, que longe se dá... sem se saber donde veio tal nova ou quem a trouxe; assim tambem no commercio, adivinhão-se os apuros de um negociante, prevê-se uma quebra, conta-se com um infortunio.

— Mas meo pai, então o que ha?... perguntou Rachel assustada.

— Uma quebra: a casa de Hugo vai cair; e sua familia tombará na miseria.

— Oh minha boa Honorina!... exclamou a moça com violenta expressão de sentimento.

Jorge encarou com prazer indizível aquella dor aguda, que sentia a filha pela desgraça de sua rival.

— Meo pai, disse Rachel, então ha enormes dividas?...

— Que sobem talvez a mais de cem contos de réis!

— E o senhor Hugo não achará nenhum meio de salvar-se?...

— Se no mez que corre, podesse conseguir a terça parte dessa quantia ainda poderia sustentar-se por algum tempo... para cair mais tarde...

— E então?...

— Não haverá por tanto quem se atreva a espor a uma perda quasi certa tam avultada soma, indo offerece-la a Hugo; e Hugo mesmo regeitaria, porque conhece, que não poderá paga-la.

— O que lhe resta pois ? . . .

— Ir como homem honrado entregar tudo, o que possue, aos credores.

— Oh minha boa Honorina ! . . . exclamou outra vez Rachel.

E correndo para seo toucador, abriu uma gaveta, tirou della seo cofre de joias, que despejou sobre o leito : devorou então com os olhos os antigos, e os novos e numerosos presentes de seo pai ; contou um por um seos braceletes, adereços, brincos, bandós e flores de brilhante, contou um por um todos os seos aneis, todas as suas joias emfim, e depois apontando com o dedo para a riqueza de seo toucador

— Meo pai, disse ella, o valor de tudo isto ? . . .

— É grande, sem duvida muito elevado.

— Poderia chegar para salvar o senhor Hugo de Men lonça de suas primeiras difficuldades ? . . .

— Seguramente ! . . . respondeu o velho admirado.

Rachel caio de joelhos aos pés de Jorge, e com lagrimas nos olhos, com voz commovida exclamou :

— Meo pai ! . . . meo pai ! . . . se me tem amor, permitta, que eu faça alguma cousa pela minha amiga ! . . .

Havia na acção, que praticava Rachel para salvar a sua propria rival, a aquella que era amada pelo homem, que ella amava ; havia na dor dessa moça no offerecimento de suas joias um não sei que de tam nobre, de tam grande, e generoso, que Jorge pretendeo debalde fallar . . . e começou a soluçar chorando abraçado com o seo querido anjo.

Porque Rachel tinha na verdade uma alma de anjo.

XXXVI.

A cruz da familia.

O desconhecido e Felis saíram da casa de commercio de Hugo de Mendonça as sette horas e meia da noite, e subindo ambos para uma sege, que esperava esse homem mysterioso, que se nomeára simplesmente — o Moço Loiro — forão caminho do bairro da Gloria.

Segundo as ordens que recebeu o bolieiro fez levar a sege a galope, e deixando atraz de si diversas ruas tortuosas e feias da nossa cidade velha, e depois o largo da Ajuda, o Passeio-publico-, o largo da Lapa, e o cães da Gloria, entrou finalmente na rua diplomatica, e foi parar exatamente defronte da casa de Hugo de Mendonça

Toda a curta viagem se fizera em completo silencio entre os dous; e só quando parou a sege foi que o desconhecido saltando para fóra, e a judando a Felis a descer, disse-lhe, apontando para uma arvore frondosa, que ficava dentro do jardim, e a alguns passos da casa de Hugo :

— Ali vou eu espera-lo : no meo rosto poderá o senhor ler o proposito . em que estou de me não deixar illudir ; vá pois... cumpra o que prometteo , e receba o perdão, de que carece.

E conduzindo a Feliz pela mão , até o corredor de

entrada da casa de Hugo de Mendonça, o desconhecido empurrou-o para dentro, e foi collocar-se de baixo da arvore como firme sentinella.

Felis sempre tremullo e irresoluto arrastou-se até chegar a escada, e ahi apoiando-se sobre o corrimão... demorou-se por minutos.

Nesse instante os sinos das igrejas derão o signal das oito horas da noute.

Havião luzes na casa de Hugo de Mendonça, porém todas as vidraças estavão serradas.

E por detraz de uma das vidraças desenhou-se uma sombra de mulher, que se voltou para o lado da arvore, e que desapareceu immediatamente, percebendo ali um homem, que, agitou no ar seo lenço branco.

Esse movimento teria sido feito por acaso, ou era um signal de antes ajustado?...

Como o resto do dia tinha corrido para Honorina, é facil de pensar; mas o que não é por demais explicavel, depois d'aquelle—sim—escripto á viuva,—sim—a primeira vista tão simples, como bem comprehendido prenhe de terriveis consequencias, era o socego, que a moça mostrava na sua dor.

Honorina suspirava, gemia sempre; porém em uma especie de inercia: nem fallava, nem mais lamentava o seo estado; como se de uma vez certa, de que não estava em sua mão remediar o mal, que soffria. não quizesse tambem dar-se a inuteis reflexões: ella suspirava, gemia sempre esperando a noute, que devia ser a de seo ultimo julgamento; semelhante a um relogio, que vai em sua marcha, gastando o tempo, que

lhe foi marcado até a hora em que irrevogavelmente deve parar, se a mão de alguém não fizer andar de novo a molla de sua vida.

Hugo de Mendonça continuára frio e resolutivo; como homem que havia tomado um partido, que julga o unico possível... o unico: se de seus olhos escapava alguma lagrima, pertencia ella toda inteira a filha de seu coração.

Emma não pronunciára mais uma só palavra em todo resto do dia: ella conhecia, que sua influencia já pouco podia no animo de seu filho no estado, em que se achavão os negocios da casa; e sobre tudo lembrando-se da má vontade que sua netta mostrára a Octavio temia cada vez dobradamente ver ultimado o projecto, que a fazia corar, o casamento de Honorina com Lauro.

Emma, como Hugo de Mendonça, ignorava que Lauro tinha um rival poderoso nesse homem sem nome, que á sombra da noite ou de mysterio velava por Honorina, e em troco disso fazia entranhar sua imagem pela alma della.

E assim como Felis estremecera e se apoiara no corrimão da casa de Hugo, este, sua mãe, e sua filha estremecerão tambem ouvindo, que os sinos marcavão oito horas da noite.

Porque Hugo de Mendonça avisára a sua filha, de que a essa hora lhe viria ella dar a resposta... a decisão... a sentença.

Honorina ergueo-se, deixando seu quarto, dirigio-se e entrou para a sala, onde a esperavão seus maiores.

Honorina estava pallida e melancolica ; mas em seo rosto lia-se a expressão da coragem : seo porte tinha tomado um não sei que de magestoso e grande, que assombrou a Emma, e a Hugo de Mendonça ella trazia nos labios triste e brando sorriso..... dir-se-hia um sorrir de martyr votado em despedida ao mundo.

Honorina obedecendo a seo pai, sentou-se entre elle e sua avó.

— Minha filha, disse Hugo, pensaste bem?...

— Estou determinada, meo pai.

— E o que decides?... perguntou o pai com espantador sangue frio.

— Decidi confessar-me a meo pai, respondeo a moça, dizer-lhe tudo o que comigo se tem passado, e se está passando, e pedir-lhe que me aconselhe como amigo.

— A decisão deve partir de ti, minha filha.

— E o conselho de vós, meo pai.

— Falla pois...

No instante mesmo, em que Honorina ia começar, ouviu-se bater na escada, e uma escrava annunciou o senhor Felis.

— Que entre : disse Hugo.

— Uma nova desgraça!... exclamou Emma.

— Não, minha mãe, tornou o negociante, não ha mais desgraça possivel para nós, a excepção do martyrio desta menina.

Felis entrou na sala. A fisionomia do moço demonstrava por quantas torturas lhe fazião passar a

vergonha, e os remorsos : a fisionomia de Felis es-
pantava !... era um condemnado, que se mostrava de
cima do patibulo horrorizado... covarde... Hugo de
Mendonça temeo vê-lo cair no assoalho ; e correo
para elle, levando-lhe uma cadeira...

— Que é isto, Felis ? !

O moço sem responder deo alguns passos para a
frente da sala, e lançando os olhos para o jardim,
atravez da vidraça vio o desconhecido estatico e firme
debaixo da arvore fronteira.

Emma, Hugo, e Honorina estavam em derrador do
infeliz mancebo.

— Que é isto, senhor Felis ? !

— Perdão !... perdão !... perdão !... exclamou
elle caindo aos pés da filha do negociante.

Hugo de Mendonça e as duas senhoras recuarão de
surpreza e espanto: só depois de alguns minutos foi que
o negociante fez assentar e socegar o seo guarda livros.

— Felis, disse-lhe em fim; tu nos estás assustando;
deveis explicar-nos o que é, que se passa, e que tanto
te perturba: ouvimos, que pedjas perdão a minha fi-
lha... falla: tens razão de sobrá para contar com a
bondade do coração de Honorina.

— Senhor Hugo de Mendonça o que eu vou fazer
é a relação de uma infamia !... relação que os se-
nhores me jurarão, que não hade passar d'aquí...

— Mas uma infamia de quem ?...

— Minha ! minha só.

E dizendo isso Felis trancou por dentro as portas,
que davão entrada para a sala.

Os tres continuavão estupefactos do que vião, e ouvião. Felis parecia haver adquerido força admiravel comparativamente com o estado de prostração, que mostrara ha pouco : era como o vigor, e aspecto animado de um feбри-fugo no maior accesso.

— Os senhores me promettem inviolavel segredo?... .

— Sim ; disserão os tres.

— Pois bem : eu o vou dizer, e dieto seja em castigo de meo crime : possa a minha vergonha lavar a mancha, que me nodóa... quanto ao meo perdão... no fim eu o conseguirei de joelhos!...

— Tu augmentas nosso espanto, Felis!

— Ouvi-me senhores, dissé Felis: eu fui ainda bem creança recebido por vós, creado e educado como se fóra vosso filho: tive para camarada de meos passatempos, para collega de meos estudos, para companheiro nos meos trabalhos um moço pouco mais ou menos de minha idade, que me estimou como seo melhor amigo: foi o senhor Lauro de Mendonça. Esse moço porém era do vosso sangue tinha pais, e por tanto recebia mais desvellos que eu: ainda mais, a natureza lhe havia dado talento espirito imaginação, coragem, e nobresa de acções, valia pois o dobro de mim: semelhante certoga me torturava, e eu, que devia tudo a familia desse mancebo, eu que era por elle tratado, como irmão, senhores, eu tinha inveja do senhor Lauro de Mendonça!... eu o detestava!...

— Felis!...

— Oh !... se vós senhores soubesseis, o que é a inveja !... se tivésseis sido invejósos uma só hora na vida !... mas não, não ! vós não podeis comprehender, o que é sentir dentro do coração esse demonio que agiganta o merecimento alheio, e com isso nos tortura ; que nos consome, nos rouba o socego o prazer, a saude, e nos vai miirrando...., nos vai enchendo a alma de amargor, de veneno, de raiva, de malvadeza !... que nos ensina a mentira e a calumnia... a intriga e a traição !... que nos promette a paz a troco de uma facção indigna, e nos illude depois... e depois de nos tornar infames nos aperta ainda com suas garras, e nos conserva tam desgraçados, tam miseraveis como d'antes !... oh !... era esse domonio que eu tinha no coração !... cada triumpho do talento do senhor Lauro era um golpe doloroso que eu recebia ; cada raio de seo espirito me lançava o desespero n'alma ; os arroubos de sua imaginação, o ardor de sua coragem, a grandeza, a gallardia de suas nobres acções erão para mim um tormento cruel... doloroso.. incessante !...

— Felis ! Felis !...

— Uma consideração unica me animava : eu conheci, que os avós d'elle, que o fallecido senhor Raul de Mendonça, e que a respeitavel viuva, diante de quem fallo, pouco se interessavão por Lauro. A viveza, e o talento do moço acendidos nas chammas dos novos principios, nas inspirações do seculo desgraçavão a seos avós arraigados aos costumes e idéas das passadas eras : fingi me pois inimigo das innova-

ções, e das novas instituições. . . . **gánhei assim a confiança dos chefes da familia, ao mesmo tempo que o senhor Lauro perdia tanto quanto eu lucrava. Todavia isto não era tudo: eu soffria sempre os tormentos da inveja; porque o senhor Lauro era feliz... tinha uma mãe, que o amava!... Um dia. . . .**

Felis interrompeo-se estremecendo.

— **Um dia. . . disse Hugo.**

— **Senhores; nos planos e nos desejos, que me inspirava a inveja, eu esperava, eu contava achar um meio de perder para sempre na opinião de seus parentes ao senhor Lauro de Mendonça: um dia. . . .**

O infeliz guarda-livros exitou de novo.

— **E preciso concluir, Felis!**

— **Eu concluo, senhores, tornou o moço animando-se um dia. . . foi ha sette annos pouco mais ou menos: a senhora D. Honorina acabava de contar nove annos de idade: houve um bello jantar de familia, ao qual eu fui presente; findo elle a senhora D. Emma de Mendonça chamou sua netta para junto de si, convidou-nos a ouvi-la; e contou uma historia de uma cruz de familia, cruz milagrosa; que por direito pertencia a senhora D. Honorina, desde o dia, em que fizesse nove annos de idade: consequentemente a cruz appareceu riquissimamente preparada, cravada de preciosos brilhantes. . . .**

Ahi esteve o primeiro erro. . . disse Emma.

— **Deixe-o continuar; acudio Hugo.**

— **A senhora D. Honorina, creança como era n'aquelle tempo, demonstrou com todas as graças in-**

fantis o prazer que sentia por possuir a bella cruz então o senhor Lauro, que amava e muito a sua prima, e que gostava de mover suas respostas, com ella gracejando, disse-lhe—eis uma bella cruz para ser furtada... tem ricos brilhantes que se podem vender... —e foi a senhora D. Emma, quem lhe respondeu, dizendo:—Lauro, tu és um louco: não se graceja sobre um objecto sagrado.—

— Foi assim: disse Emma; eu me lembro de tudo isso.

— Nós nos demoramos até a noute: uma salva contendo a cruz foi deposta sobre um aparador no quarto da senhora D. Honorina: as dez horas da noute a joven-zinha dormia: então o senhor Lauro foi pé por pé. entrou no quarto... e quiz acordar sua prima... depois vendo-a nos braços do mais socegado somno, arrependeo-se do que ia fazer... e retirou-se sem acorda-la, e depois de beija-la nos labios...

Honorina corou até a raiz dos cabellos.

— E a cruz de brilhantes?! perguntou Emma.

— A cruz de brilhantes?! exclamou Felis; a cruz de brilhantes?!... ouvi-me até o fim senhores. Um homem, que ouvira a historia dessa cruz e o gracejo do senhor Lauro, introduzio-se furtivamente no quarto da menina: já estava ahi, quando este entrou querendo acorda-la esse homem escondeo-se: e depois, tendo saído o senhor Lauro elle apoderou-se da cruz.... e saio cuidadosamente. O senhor Lauro entrara nesse quarto, como homem honrado que era, e pois mais de dous olhos o vi-

rão também sair : o outro entrou como um ladrão... com as precauções de um ladrão retirou-se sem ser percebido.

— Meu Deus !... exclamou Emma levantando as mãos.

Hugo e Honorina estavam tam silenciosos como estupefactos.

— Quando se procurou a cruz... ella tinha desaparecido : a principio julgarão todos, que o senhor Lauro a havia escondido por zombaria... elle jurou, que não mas algumas pessoas assegurarão te-lo visto entrar no quarto... elle o confessou também... finalmente, os senhores o sabem : o senhor Lauro de Mendonça foi espulso desta casa, como um homem infame !...

— Tu o denunciaste !... bradou Emma exasperada.

— Eu fui um miseravel calumniador !...

— E o ladrão ?...

— O ladrão ? !... o ladrão ? !... o ladrão ? !... exclamou Felis com voz lugubre : o ladrão fui eu ? !

— Maldito !, gritou Emma levantando a mão, como querendo amaldiçoá-lo.

— Miseravel !... bradou Hugo.

— Desgraçado !... disse Honorina.

Terriveis tormentos devião estar dilacerando o coração do infeliz guarda-livros.

— Tudo isso !... maldito !... miseravel !... desgraçado !... maldito sim : porque fui capaz de ceder a essa influencia satânica do demónio da inveja !

maldito porque manchei a minha vida! maldito por que cometti um crime infame, e denunciei a um innocente como perpetrador delle!... miseravel; por que soffrendo torturas indiziveis, remorsos despedaçadores nunca tive animo em sette annos, que são passados, de vir aqui ajoelhar-me confessar o meo crime, e obter o meo perdão!... desgraçado sim, oh! muito desgraçado!... porque as penas, que tenho soffrido, que soffro, e que soffrerei, são ainda maiores do que meo proprio delicto!...

No entanto Emma arquejava exasperada!... seu semblante deixava adivinhar, que havia no fundo da sua alma uma dor cruel: Hugo o percebeo, e cuidadoso lhe fallou:

— Que tem, minha mãe?...

— Arrependimento tambem!... elle era innocente!...

— Eu o pensava, minha avó!,... disse Honorina.

— E a cruz?... e a cruz?... exclamou a velha voltando-se derepente para Felis.

O guarda-livros arrancou do seio a caixa forrada de veludo preto, e de joelhos aos pés de Honorina

— Só a ella!... disse: só a ella, que me hade perdoar!...

— Nunca!... nunca!... bradou Emma, arrancando a caixa da mão da netta.

— Perdão!... perdão!... perdão!...

— È ella!... é a mesma!... a cruz sagrada!... a cruz da familia!... exclamou a velha beijando a sancta reliquia com enthusiasmo.

— Perdão !... perdão !... perdão !...

— Possa meo primo perdoar-lhe, disse Henorina como eu de todo o meo coração lhe perdoo...

— Nunca !... nunca !... sai desta casa !... disse Emma.

— Minha mãi ! acudio Hugo : elle deve estar bem arrependido !...

— Nunca !... nunca !... bradou a velha afastando-se até o fundo da sala, como horrorisada.

Era tal a commoção, que experimentava Emma que Hugo a seguiu ao sofá, onde ella acabava de cair suffocada.

Felis aproveitou esse momento e fallando a Henorina,

— O meo perdão !... disse elle.

— Eu já lhe perdoei de todo o meo coração, respondeu ella.

— Oh ! mas é preciso conseguir para mim o perdão de sua avó e de seo pai ! eu podia esconder para sempre o meo crime ; uma pessoa porém por amor da senhora talvez, uma unica pessoa no mundo me arrastou a face pela vergonha, e me obrigou a vir aqui ! não ha pois virtude no que fiz !... confesso-o ; eu estava arrependido ; mas o medo... o medo só de um homem pôde fazer tanto : e é em nome desse homem que eu exijo tambem da senhora o meo perdão ! e que faça com que sua familia me perdoe e esqueça o meo delicto !... não sou eu !... não sou eu !... é elle quem lhe restitue a sua cruz , quem prova a

innocencia do seu primo . quem exige que eu seja por todos perdoado !... é elle !... elle só !...

— E quem é elle ?... perguntou Honorina admirada.

— O Moço Loiro !...

Honorina não pôde esconder o prazer immenso, que sentia : sorrir bello e divino espraiou-se em seus labios... abriu a boca para exalar um longo suspiro... e soltou um grito...

Hugo e Emma acudirão medrosos.

— Minha avó !... meo pai !... exclamou a virgem fóra de si, o perdão !... o perdão deste homem pelo amor de Deos !...

Minutos depois Felis descia as escadas de Hugo de Mendonça perdoado por toda aquella familia.

Antes que o guarda-livros acabasse de descer a cada outra vez desenhou-se atraz de uma das vidraças uma sombra de mulher, que se voltou para o lado da arvore, debaixo da qual ainda estava o desconhecido : mas desta não foi elle , mas sim a mulber quem agitou no ar um lenço branco.

Portanto não era acaso : era um signal de antes ajustado.

Quando Felis chegou á rua, o desconhecido aproximou-se d'elle e disse :

— Sei tudo : o senhor cumprio a sua palavra, e foi perdoado. — Adeos !

Um momento depois Felis caminhava apressadamente para o lado da casa de commercio, onde mo-

rava, e um pouco atraz delle o desconhecido descia pelo ~~caes~~ da Gloria.

As nove horas da noute dous vultos se aproximão um do outro junto a Igreja da Lapa do Desterro.



XXXVII.

Carlos.

Felis entrou em seu quarto, nesse quarto em que pouco antes se haviam passado scenas para elle accribas, e atirou-se sobre o leito vestido como estava sem lhe importar mais trancar a porta por dentro.

Brão pouco mais de nove horas da noite, e posto que já estivesse o armazem fechado, ainda nenhum dos caixeiros e serventes deveria dormir.

Afficto ainda, com o que tinha occorrido; porém sentindo-se livre desse peso enorme que por sette annos lhe esmagara o socego. Felis poude enfim ordenar suas idéas, e pensar no vóo desses acontecimentos inesperados na representação improvisada desse drama vergonhoso, em que lhe coubera o mais triste papel.

Havia um ponto que Felis não podia explicar sem accusar a Octavio como trahidor: de que meio se valera esse desconhecido para saber até o logar onde elle tinha escondido a cruz de brilhantes?...

Estava pois entregue a taes pensamentos, quando ao voltar uma vez os olhos vio em pé, com os braços cruzados defronte de seu leito um joven de dez-e-seis annos, caixeiro da casa.

Essa menina era bello, alegre, e esperto, e mostrava-se então abatido, e melancolico.

— Que fazes ahí, Carlos?... perguntou Felis sem mostrar-se enfadado.

— Eu o estava observando . senhor Felis estava colhendo no seo rosto os pensamentos que o occupão.

— Tu és um importuno .por aquí teres vindo sem motivo algum e és um tolo, pelo que acabas de dizer.

— Eu não sou importuno, senhor Felis porque foi uma forte razão, quem aquí me trouxe: e não sou tolo; porque em verdade sei, a respeito de que estava o senhor pensando.

— Então a respeito de que?... perguntou Felis ensaiando um sorriso.

— O senhor estava pensando, disse o menino sem hesitar, como é que um homem desconhecido e estranho poude ter inteiro conhecimento de um contracto criminoso effectuado em alta noite e sem testemunhas entre o senhor, e Octavio.

— Carlos!..

— Estava pensando, em quem poderia ter confiado a esso desconhecido as menores circumstancias dessa scena criminosa, em quem poderia ter dito, que o objecto que Octavio lhe deixou em troca dos que levou, fôra escondido no segredo de sua carteira.

— Meu Deos!.. meo Deos!.. exclamou Felis escondendo o rosto.

— Estava em fim pensando, que fôra o seo proprio amigo, quem atraçoára o seo segredo.

— Sim!.. é isso mesmo!.. disse Felis erguen-

do-se e encarando o rosto do menino : é isso mesmo !... e então ?...

— Não foi Octavio, quem o trahio.

— E por tanto quem foi ?...

— Para o dizer, senhor Felis, é que me acho aqui a esta hora.

— Bem... bem...

— O senhor Felis vai ouvir a minha historia.

— Carlos! que me importa isso ?

— Mais do que pensa.

— E o nome ?... o nome do trahidor antes de tudo !...

— Mas é preciso ouvir a minha historia.

— É longa ?...

— Fa-la-hei breve.

— Pois conta-a : disse Felis sentando-se no leito,

— Senhor Felis, perguntou o menino ; conhece sabe quem é o desconhecido que aqui veio esta noite ?...

— Diz-se um amigo de Lauro de Mendonça.

— Bem : tornou o menino depois de pensar um instante : bem ; é isso mesmo agora vou começar a minha historia.

Felis esperou um momento , mas nottando que o menino não fallava, olhou para elle, e disse ;

— Anda ; falla.

Ora Carlos era eminentemente sanguineo, e alguma cousa, que o devia fazer corar obrou sobre elle de forma que soo rosto se tornou de repente côr de escarlata.

— Ha, senhor Felis, um velho costume de que a sociedade não se emenda e que todavia é uma injustiça... uma infamia, Quando uma mulher é illudida, e ultrajada no que tem de mais nobre a sociedade não fecha suas portas ao homem, que a illudio e ultrajou; cospe porém no rosto da mulher, que se deixou perder em um instante de desvario, ou que foi, apesar seo, brutalmente ultrajada.

— E o que vem isso ao caso, Carlos?...

— Perdoe-me, senhor Felis, eu começo immediatamente. A algumas legoas de distancia da Cidade da Bahia, vivia ha seis annos um abastado fazendeiro tam honrado como altivo, e que parecia concentrar todas as suas afeições n'uma filha que tinha: chamava-se esta Paulina. Bella e virtuosa Paulina tocava os seus trinta annos atada solteira, e tendo já regeitado grande numero de pretendentes: ella passava seus dias ao lado de seo velho pai, e naturalmente melancolica e acanhada raras vezes se deixava ver: alguem havia com tudo, que merecia de seo coração a mais extremosa amizade, era um pobre menino de dez annos, que fôra na sua casa engeitado: era eu.

Travesso, talvez engraçado com as minhas meiguicos infantis era eu a unica pessoa, que ganhava um sorriso de Paulina: para todos os mais ella se mostrava a mesma: triste... muito triste: dir-se-hia que no fundo de sua alma existia um agudo espinho, que a feria de continuo.

Na opinião de seo pai, no entender de todos um

único remédio podia dar-se para cura-la d'aquelle eterno abatimento, que se parecia bastante com o que se chama desamor do mundo : era faze-la amar.

Pois Paulina amou. Um estrangeiro, que para perto veio morar ganhou, o que por tantos havia sido de balde pedido : ganhou seo coração : foi esse um amor, senhor Felis, ligeiro e ardente como a chamma. . . eu tinha tam pouca idade, que não me lembro de nenhuma de suas circumstancias : sei porém que quasi milagrosa deveo ter sido a impressão produzida por esse mancebo em Paulina; e recordo-me bem, que muitas vezes ella me abraçava, me beijava, e dizendo-me « eu vou casar-me, meo Carlos! » orvalhava-me o rosto com suas lagrimas.

E com effeito elles ião casar-se ; o moço a pedira a seo pai e como fosse rico . e estrangeiro a tinha sem difficuldade obtido : o dia do casamento estava marcado : esperava-se um negociante da Bahía, que deveria ser o padrinho : só trez dias faltavão para chegar o dia da celebração das nupcias ; e Paulina choravá sempre abraçando-me.

O negociante que se esperava não pôde vir ; mas em seo lugar mandou o seo primeiro caixeiro munido de competente procuração ; este primeiro caixeiro, senhor Felis, chamava-se Lauro.

Além de Lauro uma outra personagem tinha tam-bem vindo da Cidade, que deveria perturbar os prazeres que anticipadamente se gosavão na casa: essa personagem era uma moça : viera só . sem pai, nem irmão, nem marido, nem creada : e era bella: cha-

mava-se, oh !... lembro-me bem de seo nome, chamava-se Hipolita.

Hipolita pediu uma conferencia particular a Paulina: esteve com ella duas horas e retirou-se: Paulina appareceu mais pallida do que nunca: todo o seo corpo tremia convulsivamente, e dirigindo-se a seo pai disse que não queria mais casar-se.

Mas o pai era altivo e arrogante, e o noivo miseravel e ambicioso: apezar dos gemidos da victima, e das supplicas do senhor Lauro Paulina ia sendo arrastada da salla para o oratorio; quando na porta appareceu Hipolita.

— Parai! gritou ella.

Todos pararão: eu estava presente, e chorava: mas pude ver no rosto dessa mulher todo o fogo infernal do ciume em delirio.

— Parai! e ouvi-me!

Todos se voltarão para ella a excepção de Paulina que acabou de desmaiar nos braços do senhor Lauro.

— Esse homem que caminhava para o altar, disse ella, amou-me, prometteo desposar-me, e enganou-me: eu quero saber, se se consentirá depois do que acabo de expôr, que elle se case com aquella senhora.

— E uma louca... uma mulher perdida... disse o noivo.

— Lancem fóra d'aqui esta mulher! gritou o pai de Paulina aos escravos, que o acompanhavam.

— Suspendei! exclamou Hipolita; ainda um ins-

tante, e eu parto. Senhores, eu sou filha de uma parteira l...

— É louca ou não?... acudio o noivo.

— Ha dez annos passados, continuou a mulher sem se dar com o que acabava de ouvir; ha dez annos passados essa moça, que vai ser levada ao altar, foi passar alguns mezes na cidade da Bahia em companhia de uma senhora, parenta sua.

— E o que tem isso?.... perguntou o velho pai.

— Poucos dias depois de voltar ella a esta fazenda um menino um engeitado aqui foi depositado....

— E a que vem semelhante historia?... tornou o velho elevando a voz.

— Senhores!... exclamou a mulher, eu já disse que minha mãe era parteira...

— Insolente!... gritarão algumas vozes.

— Eu digo que esse menino é filho d'aquella senhora!... eu o denuncio!.. e agora, senhor, póde casar-se com ella!

E a mulher infernal deixou para sempre a casa, a que viera, como o genio do mal, semear desgraças.

O longo silencio que se seguiu a scena precedente foi interrompido por um grito de Paulina, que exclamou:

— Eu sou innocente!..... eu não sou culpada!....

— O senhor a está ouvindo; ella jura que é

falso, que é calúnia, o que disse aquella mulher !
fallou o velho ao noivo.

— Mas esse menino... balbuciou este.

— O menino de que se trata é aquelle, tornou o
velho apontando para mim : é um engeitado...

— Que um dia póde inventar direitos...

— Senhor !...

— Eu o tenho visto sempre tão cercado de cui-
dados...

— Pois elle irá para longe : disse o velho; já tem
idade...

Paulina levantou a cabeça, e animou-se a dar dous
passos para meo lado.

— Depois do que acaba de passar-se, continuou
o velho é preciso faze-lo sair... nós o faremos...

— Meo pai ! um pobre innocente !... murmurou
a moça.

O velho franziu os sobr'olhos ouvindo sua filha
deffender-me; e proseguio.

— É agil, vivo, e esperto... será um bello ma-
rinheiro...

— Não !... jámais !... exclamou Paulina.

— Paulina !...

A moça atirou-se sobre mim, e abraçou-me aper-
tadamente.

— Tirem d'ali aquelle bregeiro ! gritou o velho :
tirem-n'o !... eu lhe darei o competente destino..

Os escravos avançarão para mim, porém Paulina
collocou se diante delles e fútilosa bradou :

— Eu o criei !... eu o criei !...

O velho avançou por sua vez... agarrou-me com tanta força, que me fez gritar, e empurrou-me para fóra: eu sem pensar no que fazia corri para Paulina; mas sendo por elle de novo seguro tal arremeço, recebi que fui cair contra uma cadeira e vi correr uma onda de sangue de minha cabeça.

Ouvi então um grito desesperado:

— Meo filho!...

Senti um corpo de mulher cair sobre o meo e uã maldição de pai cair tambem sobre minha mãi.

Por ordem delle fomos ambos arrastados para fóra de casa; mil vezes minha pobre mãi jurou, que tinha sido vietima involuntaria de um infame: ella não foi ouvida: nem nesse dia, nem no outro, nem em todos os mais que forão passando.

Minha mãi esperou debalde que o unico homem, a quem ella tinha amado no mundo, fizesse alguma cousa em seo favor: enganou-se: o miseravel desde que a vio espulsa da casa paterna, não cuidou mais della, nem para consola-la: oh! todos fugião de minha mãi! seos antigos amigos, seos protegidos, aquelles a quem ella havia enchido de benfícios, seos proprios escravos cmfim zombavão, e escarnecião della!... dias horriveis passamos nós em uma pobre choupana, jejuando, ou comendo fructos agrestes!... no entanto um unico homem se lembrava de nós: era o senhor Lauro: depois de querer em vão reconciliar meo avó com minha mãi, elle exasperado contra seo rigor, deixou-o, procurou-nos, e ten-

do-nos encontrado, levou-nos comsigo para a cidade, capital da Bahia.

Ali de tudo lhe fomos devedores: esta educação que eu tenho; este quasi nada, que eu sei, e que muito me tem servido; o pão, que minha mãe comia; os vestidos que ambos vestiamos, tudo era elle que nos dava! oh!... o senhor Lauro foi a providencia de Deos, que veio em nosso soccorro!

Ainda mais, senhor Felis, e aqui vai, o que eu nunca poderei esquecer, mesmo quando de tudo me esqueça. Um mez depois de estarmos na cidade da Bahia minha mãe foi victima de seos desgostos; victima do maior mal que pôde cair sobre o homem; victima da maldição da carne!..... eu vi surgirem no seo rosto manchas ora de uma ora de outra côr, vi entumescerem-lhe os labios e as orelhas, vi... oh!... minha pobre mãe ficou lasara!... eu acompanhei, senhor Felis, eu acompanhei passo a passo os progressos da horrivel enfermidade! eu li lettra por lettra todo esse livro de miseria escripto no semblante de minha mãe! oh! e então, quando sua voz rouca e terrivel parecia espantar aos que a ouvião quando fugindo horrorisados de seo aspecto com homens demonios cuspião para um lado, mesmo aos olhos della; o senhor Lauro..... só elle..... só elle vinha sentarse junto da misera... derramar consolações em seo seio enxugar-lhe as lagrimas com o seo proprio lenço e chama-la como eu a chamava minha mãe!... oh!... senhor Felis, isto não se esquece,

e não se paga nunca, nem com o sacrificio da vida !. . . .

Sentindo que minha mãe soffria muito vivendo no centro de uma populosa cidade em estado-tam-lamentavel, o senhor Lauro facilitou-nos uma pequena e retirada casa na visinhança da povoação de Itapoã. Foi ahí, senhor, que se passou a scena, que lhe foi contada, entre minha mãe e Octavio.

Deos talvez a conservava para ser o instrumento, pelo qual se chegasse a provar a innocencia do senhor Lauro ; porque poucos dias depois da noite, que em nossa casa passára Octavio, minha mãe espirou nos nossos braços.

Poucos instantes porém antes de morrer, ella ficou a sós comigo e disse : « meo filho ! se Lauro te pedir a tua vida dá-lh'a : crê, que minha alma estará sempre sobre tua cabeça para te amaldiçoar se fores ingrato. . . e para te ahençoar se até a tua morte te dedicares a elle, como o mais fiel dos escravos ! »

Depois o senhor Lauro entrou, e ella fallou assim : « senhor Lauro, não se mente na hora da morte : mereci os teos beneficios ; porque nunca fui culpada : o meo crime esteve no meo somno. . . somno talvez effeito de um narcotico. . . não sei. . . nunca pude comprehender. . . não sei quem seja o pai deste menino : seja-o o senhor. » e espirou.

Carlos suspendeo aqui a sua narração para enxugar as lagrimas, que em bagas lhe caião.

Passado um momento, continuou.

Foi mezes depois da morte de minha mãe, senhor Felis, que um parente afastado nosso, que finalmente também tinha piedade de nós, apesar de ser tão pobre como eramos, teve de partir por ordem do senhor Lauro... para descobrir as provas do crime, e provar a innocencia do joven repellido.

Pedi licença para vir em companhia d'elle, e m'a foi negada; eu queria a todo custo servir ao senhor Lauro: e determinei-me; preparei as occultas os meos despachos, e quando o navio em que veio este homem, para o senhor desconhecido, deo a v'ella, eu lhe appareci na tolda sorrindo-me, e disse: «foi um pequeno ensaio, que fiz, para provar que posso servir para alguma cousa.

Aqui chegamos, senhor Felis, e para logo o seo desconhecido cuidou do que convinha fazer: era preciso observar dous homens... elle tinha dinheiro, dinheiro de sobra a sua disposição: um espião velou sobre Octavio: faltava outro para o senhor Felis: eu me offereci.

— Tu, Carlos?...

— Eu mesmo, senhor Felis.

— Espião!..

— E verdade: espião; meo offerecimento foi de novo regeitado: o seo desconhecido não queria consentir, que eu representasse semelhante papel; mostrou-me o quanto era vergonhoso, e eu respondi «quero servir ao senhor Lauro!»

— E elle?...

— Elle disse que não que não absolutamente;

mas eu sentia sobre a minha cabeça a alma de minha mãe, que parecia animar-me: uzei de uma nova astúcia; eu sabia que em casa do senhor Hugo de Mendonça havia uma mulher, que amava estremosamente ao senhor Lauro: procurei fallar-lhe a sós. consegui-o, contei-lhe a minha historia disse-lhe o que queria, e no dia seguinte, fui recebido como caxeiro na casa do senhor Hugo de Mendonça, e tratado com a predilecção que merecia um sobrinho da —mãe Lucia.

— E por tanto...

— E por tanto o desconhecido não teve mais que oppor-se; eu tinha feito tudo por minhas mãos: derão-me um quarto, que fica sobre este... póde ver... levante a cabeça... ali está o meo posto de todas as noutes... perdi muitas inutilmente; mas enfim eu sube, eu vi tudo!...

— E me trahiste!...

— Sim, senhor Felis, para servir ao senhor Lauro que tinha sido o anjo da guarda de minha mãe!...

Felis soltou um suspiro:

— Tiveste razão Carlos!... ao menos tu és grato.

— Oh! mas agora, senhor Felis, agora eu preciso alguma cousa do senhor: não desci, não vim aqui, não fallo ha tanto tempo sem um fim!

— E o que queres então?...

— É que eu me lembro que lhe fiz mal que lhe offendi, e preciso, que me perdoe!...

— Carlos, tu és bom: eu te perdoo.

O menino caio chorando nos braços do moço.

Havia em tudo isso uma cousa pouco natural: era a frieza, com que Felis ouvira a confissão de Carlos; mas a consciencia d'aquelle accusando-o de seo crime. Unha podido justificar a falta do menino.

Além disso no meio da relação de Carlos, tinha por acaso vindo uma idéa a mente de Felis, que lhe sorria, que tinha um não sei que de lisongeira para seo coração; foi por tal que elle não sentio forte abalo, ouvindo a accusação, que a si proprio acabava de fazer o joven caixeiro; foi por tal emfim, que elle o desviou de seos braços, e disse:

— Está bem Carlos vai-te: eu preciso sair: ha um negocio muito grave que devo concluir esta noute.



XXXVIII.

Aventura nocturna.

As nove horas da noite dous vultos tinham se aproximado um do outro junto a igreja da Lapa do Desterro.

— Eis-me aqui senhor disse Manduca á mysteriosa personagem, com quem de plano se ali encontrava.

— Bem; venha o senhor comigo, respondeu lhe o desconhecido.

— Mas de que se trata ? . . .

— Não ha tempo a perder, tornou-lhe o homem; entremos n'aquella sege, que ali nos espera e em quanto ella rodar, eu lhe explicarei tudo.

Manduca que authomaticamente se tinha deixado levar pela mão; logo que ouviu o rodar da sege, começou de novo o interrogatorio.

— Para onde vamos ? . . .

— Para minha casa.

— E a que fim ? . . .

— O senhor vai vestir-se de mulher.

— Eu ? !! exclamou Manduca ; então que diabo quer dizer isto ? . . . não ; não convenho em semelhante asneira . . .

— Hade convir, quando souber das criticas circumstancias, em que nos achamos.

— Pois então falle, falle, ande...

— Saiba pois que a joven viuva **D. Lucrecia** detesta furiozamente a bella filha de **Hugo de Mendonça**.

— Homem, ainda não reparei nisso; mas heide pensar a tal respeito.

— Detestando-a, como fica ditto, determinou perde-la: e achou que o melhor meio para isso era sacrificá-la a **Bras-mimoso**.

— E o mais é que foi bem pensado! deve ser um sacrificio casar-se uma mulher com aquelle composto de postiços...

— Ora pois: sabendo **Lucrecia** que apuros commerciaes ameaçã a **Hugo**; o qual para salvar-se delles tratava de um casamento entre **Octavio**, e **D. Honorina**, que aborrece... quero dizer, que estima a este homem ainda menos, que a **Bras-mimoso**; a atilada viuva, que se finge amiga de **D. Honorina**, foi a casa desta, e com sua conhecida habilitade, convenceo-a, de que devia fugir para um convento, afim de não se casar com **Octavio**.

— E foi um conselho muito bem dado.

— O caso terá de passar-se pelo modo seguinte: uma sege estará postada na primeira esquina distante da casa de **Hugo**, e do lado da cidade: **D. Honorina**, quando ouvir dar dez horas sairá da casa, e entrará na sege, logo depois entrará **D. Lucrecia**: ambas as moças estarão mascaradas..... e a sege partirá!

— Bravo! Bravo!... tomara eu saber quantas

semanas levarão a arranjar um plano tam intrineado ! . . . essas moças são capazes de fazer uma revolução politica no mundo !

— Mas em lugar de ir parar a porta , e abrigar-se no seio de um convento , D. Honorina será por sua falsa amiga sacrificada a Bras-mimoso .

— Que mixordia ! . . . que mixordia ! . . .

— Ora , eu que amo ardentemente a D. Honorina , e que por ella vélo sempre , pude penetrar esse perfido segredo , e fiz tambem o meo plano : ainda não o conhecia , e pois não contava com o senhor . Comprei vestidos de mulher , e uma mascara para mim , disposto a ir as dez horas sentar-me na sege ao lado de D. Honorina , antes que D. Lucrecia o fizesse .

— Essa é que é uma dos diabos !

— Encontrando-o porém , ouvindo a confissão do seio amor e sympathisando logo muito com a sua fizionomia nobre , distincta , e luminosa . . . determinei propor-lhe fugir com D. Honorina , ir pó-la no convento . . . salva-la de Bras-mimoso . . . ; porque emfim , eu não sou egoista ; se se descobrir isso , o senhor póde casar-se com ella , e lavar-lhe a mancha : e eu não posso . . . sou casado .

— Homem , não é melhor irmos declarar tudo ao chefe da policia ? . . .

— Como ? publicar a fraqueza de uma pobre moça ? . . .

— Então dirigamo-nos a seo/pai . . .

— Para faze-la victima de seos justos furores ? . . .

— Antecipemos do que occorre, a mesma D. Honorina.

— Ella se não recoherá ao convento, e casar-se-ha com Octavio...

— De certo..... o caso é grave!..... se me dessem ao menos trez dias para meditar sobre a materia...

— Chegamos.... senhor ; apeie-se.... venha vestir-se...

— Homem, escute...

— Estou quasi crendo : que o senhor tem medo de encontrar-se amanhã com uns-ninmose.

— Que é lá isso ? ... ora eu lhe mostro: entremos... e vista-me de mulher.

— Venha'... a sua missão é sagrada... o senhor Manduca já tem-me ares de cavalleiro andante.

O desconhecido acabava de lembrar-se de D. Quixote.

Logo depois Manduca estava em um pequeno salão, onde achou quanto era necessario para vestir-se de mulher

Confundão-se todas as senhoras, pois lhe asseguramos, que em menos de um quarto de hora o rapaz estava completamente vestido de mulher : era um gosto ve-lo! Um vestido de seda verde, que oito mezes antes estivera muito na moda, por ser em demasia curto, lhe deixava a mostra um bom palmo de finissimas pernas, e dous immensos pés terrivelmente apertados em sapatos de lá o desconhecido pendurou-lhe como melhor pôde dous caixos posti-

ços aos lados da fronte e depois escondeo-lhe os cabellos com uma touca cheia de rendas brancas e encarnadas; mas com tanta inabilidade o fez, que a touca mostrou-se na posição inversa da que devia ficar: isto é — a frente ficou para traz. Finalmente um longo chale de seda já usado embrulhou desarranjadamente o corpo de Manduca.

— Bem... disse o desconhecido, está lindissimo, está mais bello do que o amor, esvelto, como uma palmeira... é uma virgem... uma vestal completa... vamos...

— Vamos! exclamou o pobre Manduca entusiasmado com o elogio pomposo, que lhe fazia o desconhecido.

E desceo a escada, elle joven senhora improvisada, com esse andar assalvajado e rude, proprio das pessoas affeitas as botas.

Os dous tornarão a subir para a sege, que partio: poucos momentos antes das dez horas parou: o desconhecido e Manduca apeiarão-se.

Uma outra sege estava parada na esquina que do lado da cidade, mais proxima ficava da casa de Hugo: o desconhecido mostrava-a a Manduca, quando soarão as dez horas.

— Senhor, disse elle, apresentando uma mascara a Manduca, deixe agora arranjar-lhe a mascara no rosto e parta: durante a viagem não diga palavra... olhe... lá sobe Honorina para a sege... ainda bem que o senhor está prompto... ande... corra... vá...

— Mas o bolieiro para onde nos levará ?...

— Para o convento d'Ajuda: o bolieiro está peitado por mim...

— Bom... adeos... vou salvar a belleza! disse Manduca partindo.

— Sim! vá immortalisar-se!... seja feliz!

Logo depois duas seges rodavão para a cidade: lão na primeira dous vultos de mulher; e mais atraz o desconhecido, na segunda, ria-se desabaladamente.

.....
Um genio bem-fasejo ve'ava por tanto a favor de Honorina: o Moço Loiro, pois não pode restar duvida de que este desconhecido é elle, o Moço Loiro tinha em poucas horas prestado a sua bella amada, os mais valiosos serviços.

Ainda com uma nova cabelleira ainda trajando estranhas vestes, elle apparece, confunde a Felis, e nós o sabemos, a cruz de brilhantes torna as mãos de sua herdeira, e a innocencia de Lauro é demonstrada.

Sem que se saiba como, comprehende, ou adivinha o que se passa entre Lucrecia e Honorina, e protesta castigar a viuva.

É elle que escreve a Lucrecia a palavra do ajuste o —sim— simples termo, que symbolisava a vingança de uma mulher, e a perda de outra.

Na tarde desse dia a viuva tinha ainda escripto a Honorina, recommendando-lhe que se pudesse, fugisse mascarada para não ser conhecida ao sair de casa, e que durante a viagem se abstrivesse de fal-

la: para não ser ouvida pelo bolheiro, que as devia conduzir.

O Moço Leiro intercepta essa carta também ignoramos porque meio e senhor do plano de Lucrecia forja então o seo. Também, como travesso; tam nobre como extravagante, o projecto, que concebe é uma extravagancia e sua execução deverá ser uma travessura. Elle dispõe-se a tomar vestidos de mulher, e ir dar, embora mascarado, um passeio nocturno com Lucrecia; mas escondido dentro do guarda-roupa de Felis ouve o que diz Manduca, sabe que é tambem seo rival, abre um pouco a porta do guarda-roupa para ver a cara do homem, que ama Honorina; vê-se a ponto de soltar uma risada. contem-se. pensa e modifica seo projecto de vingança contra Lucrecia. fa-lo uma travessura completa; e, enfim, nós o sabemos, vê seo plano coroado pelos mais felizes resultados.

Provavelmente importantes negocios o obrigão a não seguir por muito tempo a sege em que vão os seus vultos de mulher; pois que elle volta a seo sótão, despe os falsos vestidos, arranca a mentirosa cabelleira, começa a vestir-se com todo zelo e affan de um namorado, e defronte de seo toucador falla com sigo mesmo sorrindo-se.

— Estou fatigado; mas pouco falta. . . muito bem! muito bem! fingi-me pobre e desgraçado. . . abatido e melancolico. . . escrevi um livro de amor todo molbado de lagrimas, sondei o coração de Honorina, e conheço, que pobre ou não; feliz ou desditoso sou

por ella amado... agora sim... posso e quero consagrar-lhe a minha vida...

O tal senhor Lauro de Mendonça não deve tambem desejar mais nada... continuou sorrindo-se com malicia; está tudo feito: a vaidosinha D. Lucrecia lá se vai com Manduca passeando pelas ruas da nossa boa cidade... ora pois: acabemos com isto... vamos depressa fazer as ultimas vestitas.

E como ja se achasse vestido com toda elegancia, e com seos longos e crespos cabellos bellos cuidadosamente penteados, embuçou-se com uma longa capa negra cuja golla lhe escondia quasi todo o rosto. desceo, embarcou de novo na sege e partio.

Pouco faltava para dez horas e meia da noite.

.....
E agora voltemos a acompanhar com o leitor a outra sege, onde ião os dous vultos de senhor.

Rodava ella e nenhuma das duas senhoras dizia palavra; Manduca guardava silencio; porque assim seguia os conselhos de seo mentor e tambem com medo de ser antes de tempo reconhecido pela sua voz; e aquella que elle supunha ser Honorina, e que era sem duvida Lucrecia; porque de plano, ou por pejo não se queria deixar ouvir.

Mas uma vez os pés das moças se tocarão: a companheira de Manduca estremeceo toda que bom signal... que delicioso estremecer!... era sem duvida o effeito do pejo, e d'ahi a pouco, oh gloria... Manduca recebe um beliscão na perna..... não se duvida, pagou-lhe com outro: vem um segundo

mais forte, Manduea não hesita, não quer fíear de-
vendo nada, e desta vez o applica um pouco menos
brando : recebe um terceiro tam terrível, que quasi
o obriga a gritar. Manduea paga-o immediatamente
com uma unhada de mestre: ouve um surdo gemido: e
temendo ter offendido a bella companheira, toma-lhe
a mão, e beija. . . . oh! . . . como achou tam ma-
sia aquella mão-zinha de cherubim ; . . .

Já estavam as duas a beijar mutuamente as mãos...
já uma vez por outra tinha havido seo abraço res-
pitoso quando a sege parou ; era o momento de-
cisivo : ambas as viajoras extremecerão.

Ora a viuva tinha tomado bem suas disposições
para que a vergonha fosse completa : Honorina não
devia lavar-se mais nunea d'aquella nódoa, aliás todo
o seo trabalho estava perdido. Lucrecia entendeo, que
havia necessidade de testemunhas, e se propoz a te-las:
para isso um escravo seo foi a casa de Venancio e
entregou a Thomasia um bilhete della, que dizia assim

Minha Commadre. A amisade que lhe tenho não
« me deixa gozar com satisfação um prazer, em que
« V.ª não tome tambem parte. Quero que venha
« apreciar comigo uma bella scena : o nosso amigo
Bras-mimoso trata de casar-se, e pelo sim pelo não a
« noiva chega-lhe hoje as dez horas da noute: vamos
causar-lhe uma surpresa, e recebe-la havemos rir-
nos muitissimo: as dez horas pois esteja com seo ma-
« rido, sua filha, e seo filho em casa de Bras-mimoso, e
« se eu me demorar, esperem-me, que não tardarei. »

Sua Commadre do coração—Lucrecia. »

Esse bilhete foi recebido as nove horas da noute, e deo vivissimas contestações ; porque Venancio sustentava que não devia levar sua familia a casa de um homem solteiro ; mas, como sempre, a vontade de ferro de Thomazia triumphou dos pudicos receios de seo marido.

Consequentemente as dez horas da noute Venancio, Thomasia e Rosa achavão-se em casa de Bras-mimoso que parecia ornada com estudo, e muito de fresco.

Manduca não acompanhou sua familia, porque desde as oito horas da noute se achava fóra de casa : melhor do que os proprios pais, sabem os nomes loitores o que era feito d'elle.

Lucrecia não havia ainda chegado, isso porém não admirava a commadre ; pois pelo bilhete da viuva conhecia-se, que ella contava demorar-se. Bras-mimoso era esperado a todos os instantes.

Estavão pois os tres pensando, se a noiva seria bonita ou feia ; quando ouvirão o rodar de uma sege, que parava a porta : era a noiva. ! . .

Lembrando-se da palavra —surpresa— escripta no bilhete da viuva, Thomazia fez entrar seo marido e sua filha e entrou ella tambem para a alcova, fechando de novo a porta, porque já ouvião os passos de duas pessoas, que sobião a escada.

Manduca a principio espantado vio que sua companheira abria sem cerimonia a sege tomavelhe a mão, e o fazia appear-se, em uma rua muito differente d'aquella, em que existe o convento d'Ajuda :

semelhante passo, uma tal acção praticada por Honorina a fazia perder muito no seu conceito; mas tarde para recuar, e enfim forte e valente como era o moço não temeo nada, e foi-se deixando levar.

A moça deo o braço a Manduca, e entrou em um corredor... subirão sem bater palmas... e enfim chegarão a sala.

Houve um momento de hesitação, em que Manduca e sua companheira ficarão olhando um para o outro... depois e a um só tempo arrancarão suas mascaras...

Duas exclamações de espanto se deixarão ouvir então... e ambos aquelles vultos de mulher recuarão espantados...

A companheira de Manduca era nada menos que Bras-mimoso vestido tambem de mulher!

Para perder Honorina Lucrecia tinha tido pouco mais ou menos o mesmo pensamento, que tivera o Moço Loiro para salva-la, e vingá-la.

Bras-mimoso solteu de novo um grito de espanto e de medo.

— Que traição! exclamou elle.

Manduca ficou um momento embasbacado: logo depois bradou:

— É agora, Jagodes de uma figa!

E atirou-se sobre o seu rival, dando-lhe soccos como o Churinada depois da lição de seu mestre.

Venancio, Thomasia e Rosa acudirão aos gritos que soltava o velho gamenho.

Foi um triumpho importante arrancar Manduca de

cima de Bras-mimoso sobre quem estava agarrado como uma sangue-suga.

O resto da scena tornou-se completamente ridicula.

Manduca tinha a sua touca enfiada no pescosso; só lhe restava um dos caixos; o vestido estava roto de cima a baixo, e já havia neste uã manga de menos: espumando de raiva dizia :

— Eu . . . eu beijar a mão deste tratante! . . .

Bras-mimoso estava sem touca e sem cabelleira. . . tinha os beiços rebentados pelos soccos, que apanhára, e sua figura se tornava absolutamente risivel, quando se olhava para seos vestidos de mulher, e depois para sua cabeça absolutamente calva.

— Nesta, dizia elle, só me podia metter a senhora D. Lucrecia!

Uma gargalhada de Rosa rematou a scena.



XXXIX.

O novo administrador.

Sentado n'uma bella cadeira de braços, em seo gabinete de trabalho, estava Octavio entregue a mil diversas reflexões, das quaes apenas por instantes se arrancava para examinar o ponteiro do relógio de parede, que em frente d'elle se via pendurado.

A cabeça desse mancebo ardia, como seo proprio coração. Honrado e nobre Octavio tinha encontrado no caminho de sua vida uma mulher por extremo formosa para enfeitiçá-lo : amou-a com todo o amor de sua alma ; mas quando foi pedir-lhe a paga de sua ternura, escutou em resposta um—não— : e esse —não—teve o poder de desatinar-lo a tal ponto que perdeu-se da bella estrada, que seguia, emaranhando-se nos desvios do vicio.

Octavio amava Honorina com uma dessas paixões vehementes, que cegão o homem, e o podem precipitar: possuir o objecto de seus anhelos era pois para elle, no raciocinar de seus transportes, um fim, onde importava chegar por quaes quer meios que fossem : pareceo-lhe que lavar uma mancha não era um impossivel neste mundo severo em que quasi que é regra não se dar regeneração moral possivel.

Levado do impeto de sua paixão elle não hesitou em ir propor a Felis uma transacção infame . não

trepidou diante de Hugo de Mendonça, quando estava representando em sua consciencia o mais miseravel dos papeis ; por que enfim es.ê era o seo sonho, o sonho lisonjeiro que lhe promettia a posse de Honorina ; mas quando sentio que o pai da bella requestada se erguia orgulhoso sobre sua propria miseria ; quando vio que seo derradeiro esforço ia ser baldado ; o sonho começou a esvanecer-se e elle despertando, achou-se só, isolado, longe de Honorina, e identificado com a infamia : Octavio caiu então debaixo do peso de suas reflexões. Era o periodo da febre que tinha passado, e cedi-lo seo lozar a prostracção.

Com effeito livre por um instante do alarido das paixões a alma de Octavio começou para logo a ouvir a voz pausada, grave e monotona da consciencia — voz que é sempre a mesma, com o mesmo timbre, e que jámais se cala ; incessante e monotona, como as vagas do mar, ou como o tique-taque da pendula do relógio, que defronte estava.

Tam poderosa era essa voz, que já por dez vezes tinha podido volver à força os olhos de Octavio para a gaveta, onde se achavão guardadas as tres letras falsas, que erão as provas palpitantes do seo crime : apesar do quanto soffia com tal recordação a despeito do firme proposito que fizera de esquecer-se disso. . . . Octavio olhava sempre.

Tam vingativa era essa consciencia — que fallava que já tinha apagado a derradeira luz de esperanza que Octavio poderia descobrir no correr do dia do

veicimento das letras : indigno de felicidade a seus próprios olhos Octavio gemia adivinhando, que a posse de Honorina era para elle um impossivel.

Tam formidavel enfim era essa voz, que aquelle que de continuo a estava ouvindo temia que ao passar pelas ruas uma boca lhe gritasse—falsario!... — oh! elle tinha medo de Felis, tinha medo do mundo, e corava diante de seo espelho!

No correr da mesma noite, em que se passarão com Felis, Manduca, e o desconhecido as scenas, de que demos conta, estava pois Octavio triste e pensativo sentado no seo gabinete de trabalho, e olhando de momento a momento para o relógio.

Finalmente ouvindo dar dez horas, disse :

— Ainda me falta meia hora !

Depois tirou de seo bolso um pequeno bilhete que leo ainda uma vez ; pois que já o tinha feito por muitas vezes : o bilhete dizia assim :

« Negocio importante que cumpre ser decidido hoje mesmo com o senhor Octavio me obriga a pedir-lhe licença para procura-lo as dez horas e meia da noite em ponto. »

Ou por descuido ou de proposito o bilhete carecia da assignatura.

Bilhete tam extranhamente concebido, hora de encontro tam mal escolhida, a ignorancia, em que se achava Octavio a respeito do negocio, que tam urgente se dizia, e enfim o recio que elle começava a ter de tudo quanto lhe parecia pouco commum fazião com que Octavio esperasse ansioso pela hora determinada.

Recolhendo-se a seu gabinete ordenára a um de seus escravos, que ali fosse conduzida uma pessoa, que se apresentaria pouco depois das dez horas da noite.

Faltavão ainda vinte minutos para essa hora, quando o escravo annunciou, e fez entrar o senhor Felis.

Ao ver aquelle que conhecia a mancha que nodava sua reputação Octavio corou involuntariamente, e apontando para uma cadeira, disse :

— Senta-te.

— Não, Octavio, eu não me sentarei.

— Pois conversaremos de pé ; mas nunca me passou pela cabeça que fosses tu, quem me escreveo aquelle bilhete singular.

— Eu não te escrevi bilhete algum.

— É que a tua visita a estas horas. . .

— A minha visita a estas horas Octavio, quer dizer que entre nós tem de decidir-se uma questão bem grave.

— E então. . .

— Eu venho dizer-te que tive uma hora de loucura. da qual me acho felizmente curado, e que por consequencia posso desfazer tudo quanto havia feito desarrasoadamente.

— Peço que te expliques. . . e depressa, pois, que eu espero alguém.

— Pensei, que me tinhas comprehendido Octavio; porque a minha hora de loucura se passou entre nós dous.

— E por tanto. . .

— E por tanto eu te declaro, que já não me acho disposto a consentir que seja reduzida a miseria uma familia inteira para obriga-la a sacrificar-te uma bella moça.

— Felis! . . .

— Passou o tempo, Octavio, em que tua voz me fazia calar, e teos olhos me obrigavão a abaixar a cabeça : duas paixões nos atirarão para um abysmo. . . estamos hoje na mesma linha.

Octavio vermelho de vergonha e despeito olhou para Felis, como se não acreditasse, que era aquelle mesmo homem que lhe estava fallando; porém o guarda-livros forte e decidido por sua vez, proseguio :

— Eu venho . Octavio . receber as letras falsas que tive a fraqueza de te passar : venho declarar-te, que o contracto da infamia está roto.

— Oh! . . . isto é admiravel! . . . exclamou Octavio ; é admiravel , que tu, Felis levantes a cabeça diante de mim! . . .

— Sim, eu a abaixei diante de outros, e era preciso que a levantasse diante de alguem : Octavio eu te estou devendo horas inteiras de vergonha, de miseravel submissão, horas de torturas, que te venho pagar agora.

— Insensato! . . .

— Oh! . . . pois bem: comprehende que diante de mim se apresentou um homem que me disse miseravel! tu roubaste uma cruz de brilhantes. quem te denunciou foi aquelle mesmo . a quem a confiaste! . . .

— É falso !...

— Foi Octavio... ha alguns mezes passados, em momentos de horrivel padecer, foi elle, quem te denunciou a uma mulher morphetica !...

Octavio não teve uma palavra para dizer : Felis prosegue.

— Por tanto vés bem, Octavio, que tu faltaste a principal condição de nosso contracto de infamia; e neste caso está nullo : eu quero pois as letras, que me arrancaste.

— É tarde, Felis.

— Tarde ?... tu não podes dizer-me que é tarde: agora, Octavio, é tempo opportuno sempre para mim : soffri quanto soffrer podia : esgotou-se-me a paciência : vamos!

— Felis !...

— Octavio, as letras falsas !...

— Miseravel !...

— É um nome que nos cabe a ambos: emfim, as letras !...

— Oh !... e não te lembras que eu tenho a vingança nas minhas mãos ?... que nossas infamias estão casadas ?... que somos solidarios na vergonha ?...

— Sim: e porque eu já esgotei o meo calix até as fezes justo é que esgotes tambem o teo : as letras !..

— Pois bem : a cruz de brilhantes !...

— Era o teo escudo, não é assim, Octavio ?... tu tinhas feito do teo amigo a miseravel carta, com

que jogavas ; que importava pouco que fosse perdida ou não, com tanto que em resultado a partida do teu jogo de infamia fosse por ti ganha : não é isto assim ? não é verdade o que eu estou dizendo ? . . . oh ! Octavio ! . . . Octavio ! . . . o teu eseuado está quebrado ! . . .

Octavio encarava Felis sem comprehende-lo.

— As letras ! . . . as letras ! . . . disse este levantando a voz.

— A cruz de brilhantes ! . . .

— Vai pedi-la a filha do senhor Hugo de Mendouça.

— Que ! . . . exclamou Octavio admirado.

— Sim ! a minha vergonha está passada : tu me trahiste . . . a morphetica revelou por sua vez o que lhe confiaste . e esse homem, que me veio dizer :— roubaste uma cruz de brilhantes !— esse homem arrastou-me pelas ruas, varreo com meo rosto as eseadas da casa do senhor Hugo de Mendouça, e me obrigou a ir lá com o meo crime nas mãos, com as lagrimas nos olhos, e com ó grito de misericordia na boca !

— E esse homem ? . . .

— Esse homem é um demonio que nada ignora, do que lhe convem saber : esse homem sabe de nosso contracto . . . não ignora que tu tens as letras falsas . . . sabe tudo !

— Mentira ! . . .

— Oh ! . . . não ! desgraçada ou felismente verdade ! . . .

— Nós estávamos sós . e fechados no teu quarto.

— E por cima das nossas cabeças a providencia que não dorme, nos observava pelos olhos de um menino.

— E então...

— Um dos caixeiros da casa do senhor Hugo me espreitava..... e testemunhou o crime de nós ambos!

— Oh!..... gritou Octavio deixando-se cair na cadeira.

Passarão-se alguns momentos em silencio, durante os quaes a cabeça de Octavio se não ergueo d'entre as mãos, onde tinha tombado.

Terrivel annuncio era esse que elle acabava de ouvir e seo espirito luctava com a verdade para achar um meio de dizer—é uentira—; trabalhava, perdido nesse peltago de vergonha, para deparar com uma taboa de soccorro, em que se agarrando dissesse—ainda me não perdi!—

Em fim Octavio vio brilhar uma tenue e leve nuvem-zinha de esperanza : era o que por então bastava ; atirou-se para ella dizendo :

— É falso ! é falso !... eu te comprehendo ! que-res arrancar-me as lettras . mercê dessa miseravel astucia !... não, não as terás...

— Tu m'as hasde entregar, Octavio !

— É impossivel... é tarde, muito tarde : pensa, que eu ja as apresentei a Hugo de Mendonça, que já lhe disse... senhor tem de pagar-me esta quantia ! e agora, Felis, agora.....

— Octavio, para tudo se acha um remedio; lembra-te, que me dizias :—o contrabando em que se achava empenhada a casa de Hugo enriquece, e empobrece com a rapidez do raio.—

— É uma desculpa miseravel....

— Sim ; mas uma desculpa, que me ensinaste.

— Porque quando se perdem embarcações..... não ha contrabando, que receber, nem vender, não ha contas, que dar : diz-se—perdeo-se—e tudo está ditto.

— Pois então Octavio inventa uma desculpa ; já que de qualquer modo que seja as letras deverão sair d'aqui comigo.

— Felis !...

— Octavio !....

— Eu já disse que não acredito, no que inventaste para assustar-me ; tenho um fiador na cruz de brilhantes.

— A cruz de brilhantes apparecerá nas mãos da filha de Hugo de Mendonça....

— E' falso !...

— Octavio... as letras !

— Não !

— Oh !... mas tu me estás desafiando !

— Sim !...

— E quando eu amanhã estiver gritando diante de todos no meio de uma rua ou na praça do commercio — o senhor Octavio é um falsario !... —

— Eu responderei, que mentes !

Felis com um terrível e vingativo sorriso estreme-cendo-lhe nos lábios, arrancou um papel do bolso;

— E esta carta?... exclamou elle, e esta carta?... .

— Essa carta?... .

— Sim! a carta que me lançaste por baixo da porta, a carta, em que me convidas para perpetrar o crime!

— Oh!..

— Como é que tu hasde responder—elle mente!
— Sabendo que para isso eu me raria a todos a tua assignatura, o corpo do delicto de nosso mutuo crime?

Miseravel!..

— As letras! as letras! Octavio! ..

— Miseravel! disse outra vez Octavio, fazendo um movimento para erguer-se.

— Octavio, nem um to passo para mim, que não seja para entregar-me as letras falsas; eu aprendi com o homem que me fez ir de joelhos entregar a cruz de brilhantes a aquella, a quem pertencia, a prevenir-me contra tudo; então eu avancei para elle, como tu queres avançar para mim, e vi brilhar na sua mão uã arma mortifera, como tu verás brilhar na minha instrumento semelhante, se tanto for necessario.

Octavio pallido de collera olhou de um modo terrível para Felis, em cujo peito vio luzir o cabo de um puhal.

— Porque enfim, Octavio, as circumstancias nos tem levado a extremos taes. .

— Mas isto é uma infância . . . disse com voz abafada Octavio, voltando a cabeça para o lado da porta, como quem ia chamar alguém.

— A primeira pessoa, que aqui entrar, disse Felis: ficará para logo sabendo que tu exiges de Hugo de Mendonça o pagamento de tres letras falsas. Chama agora os teos caixeiros, chama os teos escravos Octavio.

— Maldicto ! . . . maldicto ! . . .

Nesse instante o relógio fez ouvir o signal de meia hora depois das dez.

— Dez horas e meia ! . . . exclamou Octavio; é a hora marcada pelo bilhete ! . . .

Um escravo annunciou que ia entrar um homem embuçado em longa capa preta.

— As letras ? ! . . . disse Felis.

— Felis ! . . . Felis !.

— As letras ! . . .

Ouvia se já muito proximas as pizadas da pessoa annunciada.

— As letras ! . . . repetiu Felis com tom decidido e firme.

— Felis, disse Octavio com voz tremula e fraca ; peço-te meia hora para determinar-me : entra nesta alcova, em quanto fallo ao homem, que vai entrar.

— Seja, respond' o Felis entrando ; mas só meia hora.

Quando a porta da alcova acabava de cerrar-se, o homem entrou no gabinete.

Esse homem vinha, como dissera o escravo de Oc-
Vol. II.

tavio, embuçado em uma longa capa preta, cuja golla estava tam levantada, que lhe escondia quasi todo o rosto, e até os cabellos, de modo que apenas se lhe descobria a parte media da testa, e othos, o nariz, e o alto da cabeça:—era elle.

— Perdão, se me apresento assim, disse, tendo os othos fitos na porta da alcova, como se examinasse alguma cousa; perdão; mas estou doente... constipado...

Octavio sem dizer palavra arrastou-lhe uma cadeira. a voz desse homem tinha produzido cruel abalo em Felis, que acabava de reconhecer nelle o seo desconhecido.

— Não me sentarei disse este; o negocio, de que venho tratar, conclue-se em poucas palavras.

— Estou as suas ordens, respondêo Octavio.

— Senhor, acho-me encarregado da administração da casa do senhor Hugo de Mendonça, e como tal venho receber tres lettras na importancia de quarenta e seis contos de reis, as quaes existem na sua mão, e que, segundo creio, deverão já estar sobeijamente pagas pelo senhor Felis, guarda-livros da nossa casa.

Essas palavras forão pronuuciadas com tal accentto de ironia, e acompanhadas por um sorriso tam cheio de cruel zombaria, que parecião estar dizendo—sabe-se de tudo.

Octavio empallidecco de maneira a causar piedade; como querendo achar uma resposta, e força para poder da-la, guardou silencio por alguns instantes; mas o olhar terrivel e penetrante desse ho-

mem estava fito nelle, como um dardo que se lhe ia enterrando até o coração ; para escapar a sua influencia, Octavio voltara os olhos; porém o sorriso do desconhecido se foi tornando em uma verdadeira risada insolente... sarcástica... ameaçadora...

Houve um momento de cruel angustia para Octavio, em que elle pensou tremendo no desconhecido de Felis, e em que esse homem que ahi estava em pé, defronte d'elle, continuou a rir-se, a rir-se sempre, e alto insultuosa, e desafiadoramente...

Emfim Octavio pareceo haver tomado uma resolução : foi a porta da alcova , abriu-a , e fez sair Felis.

— Senhor Felis, disse elle, este senhor está actualmente encarregado da administração da casa do senhor Hugo de Mendonça?...

— Responda, senhor Felis! disse com sua voz aspera o desconhecido.

Felis levantou os olhos e vio embebidos em seu rosto os desse homem cheios de fogo, e de audacia.

— Sim... balbuciou o guarda-livros.

— Segue-se por tanto , continuou Octavio que devo-lhe entregar as letras, que o senhor acaba de pagar-me?...

— Não, disse Felis; é a mim, que as vim pagar, que o senhor Octavio devè fazer entrega dellas.

— Com tanto que as entregue, interrompeo o desconhecido, é-me indifferente que seja a mim, ou ao senhor Felis.

Octavio no mais alto gráo de perturbação e terror

abriu uma gaveta, donde tirou as letras, que entregou a Felis : depois voltando-se para o desconhecido, abaixou os olhos, e com voz submissa e implorante disse :

— Seria possivel esperar que isto acabasse de uma maneira decorosa para todos? . . .

— Seja ; respondeo o desconhecido; eu me quero julgar satisfeito ; porque ambos vós tereis de corar sempre diante de mim.

E travando do braço de Felis obrigou-o a acompanhá-lo, e saio, sem ao menos cortejar a Octavio.



XL.

O Moço Loiro.

Triumphante em toda parte, contando cada hora por uma nova victoria, a cauza do Moço Loiro perigava todavia, corria serios riscos de completamente perder-se no grande campo de guerra, onde cumpria vencer a batalha decisiva.

O apparecimento inexperado da Cruz da familia tinha mudado a face das discussões travadas na casa de Hugo de Mendonça: semelhante facto, que éra ainda mais uma prôva do amor e dedicacão do Moço Loiro por Honorina, havia sómente servido de forte argumento a favor de seu temivel rival, do primo Lauro. Tambem aquelle não devia ignorar, que estava servindo de instrumento para a fortuna desse, porquem parece que fora enviado para demonstrar sua innocencia.

Com effeito a familia inteira de Hugo se empenhava agora com indisivel força para obter o sim de Honorina a favor de seu primo. Emma, como querendo compensar seo netto das injustiças, que lhe havia feito, era quem mais se estremava em offerece-lo á bella netta, como o modello dos noivos. A mãe Lucia trabalhava no mesmo sentido, quanto podia: o unico que se conservava no mesmo posto, que d'antes, era Hugo, a quem apenas se ouvia dizer:

— Minha filha, consulta o teu coração; mas não te sacrifiques.

A crise terrível e assustadora, que ameaçava Hugo, já também não espantava a velha Emma: feliz com sua fé, feliz com sua religiosa esperança, ella exclamava a miude:

— Não ha mais desgraça possível para nós: a cruz da familia appareceo: o nosso talisman vai salvar-nos.

Mas entretanto o Moço Loiro estava mais que nunca presente ao coração de Honorina: cada palavra, cada idea, cada lembrança, que ouvia, lhe fazião recordar a imagem d'aquelle, que occulto sempre a todos os olhos, desapparecendo, a despeito das suas indagações, apparecia com tudo, quando era preciso demonstrar o amor, que tinha por ella; quando se fazia necessario prestar-lhe um pequeno ou grande serviço; quando enfim ella pedia ao ceo um anjo, que a salvasse de algum perigo.

Oh! um amor tam profundo, uma dedicação tão generosa éra bella, nobre e sancta como a beneficencia, que d'improviso se apresenta para o bem, e de improviso se esconde fugindo dos agradecimentos.

E Honorina ruminando seus dias passados, largando todos os panos á sua imaginação fertil e brilhante, via de novo o seu querido Moço Loiro escoando-se pela sombra, ou adorando-a de joelhos ao clarão de cheio luar; ouvia ainda sua voz sonora; e enfim repetindo a si mesma os melancolicos pensamentos de seu livro de amor: e recordando-se a todo instante do ultimo serviço que acabava de prestar-lhe, e também genero-

samente a seu rival, revoltava-se contra esse pensamento frio e desabrido, contra esse esqueleto horrível, que como uma barreira a queria separar de seu romanesco amante. . . . revoltava-se contra a idea da — mizeria do pobre. —

Desde o grito de surpresa que soltara, ouvindo Felis pronunciar o nome de—Moço Loiro—, Honorina se arrancára do estado de inercia, em que se achava; e seu rosto até então comprimido pela mais acerba tristeza dilatou-se com não sei que magnetica e entusiastica alegria: brilhavão-lhe os olhos cheios de ardor e fogo; branda nuvem côr de rosa lhe assomava as faces; feiticeiro sorrir de confiada esperança brincava-lhe descuidoso nos labios: seo semblante exprimiã valor e decizão: batia-lhe o coração rapido e forte: e seu pulso agitado e irregular faria erer que ella estava em uma hora de febre.

Apezar de sua avó, talvez mesmo que apezar de seu pai, a filha de Hugo de Mendonça darã a sentença a favor do Moço Loiro.

Honorina vai deixar fallar seo coração: ha nella todo esse encanto inexplicavel, toda essa bravura feminil, que se adora em algumas nobres senhoras, que tem a alma ao pé dos labios; em quem a sinceridade e a franqueza são sempre viçosas flores; senhoras verdadeiramente bellas, que com seu caracter firme, independente e angelico quando amão dizem sem temer — eu amo!

Hugo acabava de lembrar a questão, que havia sido interrompida pela chegada de Felis; Honorina ergueo

orgulhosa a cabeça... ia fallar... mas nesse momento Jorge e Rachel apparecerão na porta da sala.

As duas amigos correrão a encontrar-se, e prenderão-se nos braços uma da outra.

— Minha boa Honorina ! disse Rachel.

— Rachel!... Rachel!... eu precisava ver-te para te dizer, que sou muito feliz!... respoodeo em voz baixa Honorina.

Rachel recuou dous passos, e sentindo na sua mão a mão ardente da moça, e vendo no seu rosto o rubor e alegria anormal, que o enfeitavão, tremeo peosando, que a sua amiga delirava.

— Tu feliz?!...

— Mais baixo: isto é só para nós duas.

— Porém tu dizes, que és feliz?...

— Oh!... muito, Rachel! vem, eu te vou dizer.

Honorina levou Rachel pela mão até uma janella, que abriu, e recostando-se com a sua amiga sobre a grade, começou a refferir-lhe em voz baixa, quanto devia ao Moço Loiro: se Honorina não estivesse fóra de seu natural estado, se sua mão não ardesse, teria certamente comprehendido que sua relação fazia mal a Rachel, e que a mão desta se tornava fria, como o gello.

Havia um não sei que de grande e solemne, no que se estava passando então na casa de Hugo de Mendonça.

Jorge cedendo sem duvida aos conselhos da amante, e ás generosas inspirações de sua filha, vinha sondar o infortunio de seu amigo, e offerecer-lhe a mão para arranca-lo do abismo; por isso tendo pedido a

Hugo que lhe confiasse o estado de seus negócios, se retirou com elle para o gabinete, e ahí examinavão ambos os papeis e livros pertencentes á caza.

Emma sentada no canapé conversava animada com Lucia, que a ouvia de um lado em pé mostrando-se talvez alegre.

Honorina e Rachel estavam, como deixamos ditto, praticando em voz baixa recostadas á grade de uma janella.

A sala apesar de longa e espaçosa achava-se sufficientemente illuminada: vião se nas paredões, e occupando cada um o seu lado da sala, quatro grandes retratos, o de Raul de Mendonça—avó—o de Raul de Mendonça—e o de Clemencia de Mendonça—pai e mãe de Lauro; e finalmente o de Clara de Mendonça—mãe de Honorina.

Aquelles retratos, nos quaes reflectião os raios das luzes, parecião animar-se. ench r-se de vida observando a maneira, porque era tratada uma questão de vida ou de morte de sua antiga caza.

Pouco antes das onze horas, Lucia dirigio-se para a janella, onde conversavão Honorina e Rachel: as moças calarão-se immediatamente.

— As senhoras acabão de calar-se vendo-me chegar de modo que eu devo pensar que as importuno. . .

— Não, mãe Lucia, não. . .

— Sim; e calarão-se porque pensão, que conversavão em objecto, que é, e deve continuar a ser um segredo para mim. . .

— Ora, mãe Lucia. . .

Vol. II.

— E todavia eu sei perfeitamente a respeito de que as senhoras estão conversando. . . .

— Sim. . . . como era sobre coisas muito naturais. . . .

— Por exemplo sobre. . . .

Lucia abaixou a voz.

— Sobre o que, mãe Lucia ?

— Sobre o Moço Loiro.

— Ah !

— Não grite assim menina; do contrario não lhe contarei muitas coisas; que estimará ouvir.

— E então o que é ?

— A historia do Moço Loiro.

— Tu ves, Rachel, como ella está zombando de nós ambas ?

— Não, Honorina, a senhora Lucia parece querer contar-te alguma coisa de interesse.

— Pois então

— Querem ouvir-me ?

— Certamente.

— Bem, senhoras; mas hade ser contado em voz baixa, em segredo, e só para ás senhoras.

As duas moças fizeram, com que Lucia se chegasse para bem perto dellas, e prestarão curiosa attenção, ao que lhes ia ser refferido.

A ama de Honorina começou.

— Lembra-se, senhora D. Honorina, que tratando-se da volta do senhor Hugo de Mendonça e das senhoras para a corte, eu as preveni aqui, e vim chegar tres dias antes para preparar a casa, que as devia receber ? . . .

— Lembre-me, sim.

— Pois no dia que seguiu ao da minha chegada; quando eu já fazia apromptar a bella casa de campo que tivemos em Nictheroy . erão oito para nove horas da noute, e um pagem me veio dizer que alguem esperava-me no jardim para fallar-me em negocio de interesse: fui, e achci-me diante de um interessante moço de olhos ardentes e cabellos loiros...

— Era elle !... balbuciou Honorina sem poder soste-se.

— Era elle!.... respondeu dentro do coração Rachel.

— Perguntei-lhe quem era, continuou Lucia riundo-se; e me não quiz dizer seo nome; contou-me porém tam fielmente a historia de meo querido Lauro de Mendonça, e disse-me com tal accento de verdade, que vinha por elle enviado para provar sua innocencia, e descobrir o verdadeiro author do furto da cruz de brilhantes que eu não pude deixar de cré-lo, nem de prometter ajuda-lo no generoso empenho em que ia achar-se. Pedio-me depois que lhe disse que pessoas compunhão a familia do senhor Hugo de Mendonça, e devendo eu responder-lhe, e chegando ao nome da senhora D. Honorina, fiz com toda a verdade o elogio de suas virtudes talento, e belleza; e posto que não dissesse tudo quanto podia, conheci que o pouco que havia dito, tinha bastado para produzir curiosa impressão n'aquelle joven.

— **A**diante, mãi Lucia.

— O moço pediu-me uma nova conferencia, e eu lhe marquei uma noute, a meia noute em ponto, no jardim a senhora D. Rachel para visita-la veio da côrte no dia que precedeo a essa noute : a hora do nosso encontro as senhoras estavam conversando na janella do seo quarto, e a nossa entre-vista deveria ser debaixo dessa janella : eu tive receio de ir ; porém o moço lá esteve, e ouvio toda a conversação das senhoras ; ao fazer um movimento... a janella do seo quarto se fechou, e então elle tirou um pedaço de papel de sua carteira, escreveo nelle algumas palavras mercê do clarão da lua e tendo dobrado o papel, trepou-se pela parede, e o deitou debaixo da vidraça da janella do seo quarto.

Quando o moço saltou no chão, eu estava junto delle, e lhe disse em tom serio :

— Que foi o senhor fazer ? . . .

O moço respondeo-me com sua voz doce, e rindo-se maliciosamente :

— Fui por uma declaração de amor debaixo d'aquelle vidraça.

— Como senhor ? . . .

— Senhora Lucia, eu amo a D. Honorina.

— Mas o senhor atreve-se exclamei eu.

— Atrevo-me respondeo-me sem hesitar : olhe : primeiro atrevi-me a olha-la muito, e a admira-la ainda mais, quando ella na tarde do dia 6 de agosto atravessou certo largo da cidade do Rio de Janeiro, montada em seu lindo cavallo branco, que ardido e

insoffrido se deixava todavia domar pela mão formosa da encantadora cavalleira . atrevi-me tambem ainda ha pouco a ouvir suas doces palavras, seos generosos sentimentos; atrevo-me enfim a dizer, que a amo; atrevo-me a jurar que o farei em toda a minha vida.

Finalmente, senhoras, esse moço é um pouco feitiçeiro; teve a habilidade de convencer-me, de que eu mesma devia ajuda-lo no seo amor: lembrei-me, que era o defensor de meo pobre Lauro, confesso, que deixei-me enfeitiçar por suas palavras, e, sabe o que fiz?... prometti, o que elle queria.

— Mãi Lucia!..

— Por tanto eu sabia quem tinha posto o papel debaixo da vidraça: e fiz mais ainda: em todas as noutes nós nos encontravamos no jardim, e eu lhe dava parte de todos os passos da senhora.

— Oh! que traição!... disse Honorina, querendo debalde mostrar-se enfadada.

— E assim elle soube que a senhora ia receber um cabelleireiro na tarde que precedeo ao saráo; soube que a senhora voltava no fim delle; soube que a sempre-viva havia sido guardada; soube de seo bello pensamento, que exprimio dizendo:— foi um sopro de Deos—; soube que se daria um passeio no mar; soube tudo.

— E pela minha parte eu sabia que um falso cabelleireiro teria de roubar-lhe um anel de madeixas; que a senhora teria de encontrar um joven desconhecido no saráo; que um falso bateleiro a traria

a **Nietheroy** ; e que um mentiroso velho pescador iria escutar o seo canto na noute do passeio do mar.

— E que mais ?

— Sabendo, tambem por mim do infortunio de seo pai, elle, que, segundo a muito dizia, desejava fazer experiencias sobre o seo coração, aproveitou o ensejo : mandou-lhé um celebre—livro d'alma—, em cuja composição se entretinha desde alguns dias já de plano, e no qual chorava, lastimava-se, e perdoe-me a espressão, e mentia.

— Pois elle mente ? perguntou com ingenuidade **Honorina**.

— Mente muito as moças.

— Meo Deos ! isso é tão feio

— Por exemplo diz elle no seo livro que a amou só por te-la ouvido.

— E então ? . . .

— Antes de ouvi-la já a tinha visto uma vez a cavallo na tarde de 6 de agosto, e no dia seguinte tambem de tarde a borda do mar. Tambem chora muito a pobreza

— Pois não é pobre ? . .

— Ao contrario, é rico.

— Mas para que assim zombar de mim ? . . .

— Já não disse, que elle queria fazer experiencias sobre o seo coração ? ! e era eu encarregada de observa-la : felizmente as consequencias da leitura do livro d'alma do **Moço Loiro** provarão cada vez mais a reconhecida nobresa de seo caracter :

— E depois, mãi Lucia?...

— Depois elle descobrio a cruz da familia; e ao mesmo tempo que trabalhava por fóra a favor de Lauro e da senhora, eu velava em pról das mesmas pessoas cá dentro: ambos nós desconfiavamos da amizade, que lhe mostrava a senhora D. Lucrecia.

— É possível, mãi Lucia?..... pois não era eu só?...

— Quando esta manhã ella veio, e com a senhora conversou muito tempo no seo quarto, eu a escutava cuidadozo: ouvi a traidora proposição de fuga para um convento... era uma cilada, senhora, ou pelo meenos um conselho indigno!...

— Oh!... mas eu o regeitei!

— Sim; e o Moço Loiro soube tudo.

— Meo Dees!... obrigada, mãi Lucia.

— A senhora D. Lucrecia recebo as duas horas da tardo um bilhete, no qual estava escripta esta simples palavra—sim.—

— Mas... esse foi o signal dado por ella....

— Eu o sabia, senhora.

— E por tanto....

— O Moço Loiro quiz vingar-se della no seo proprio crime, porque era um crime, era uma traição, o que D. Lucrecia tentava!... a estas horas a senhora deveria estar perdida... longe da casa de seus pais, e désacreditada na opinião publica.

— Oh!

— Na tarde de hoje uma carta da senhora D. Lucrecia lhe avisava, de que tudo estava prompto

e que as dez horas da noite fosse, como ficara convencido, embarcar-se na sege, aconselhando-lhe enfim, que tratasse de prevenir-se de uma mascara.

— E o que succedeo?...

— As dez horas da noite senhora a sege se achava parada no lugar determinado : uma mulher entrou para ella...

— E depois ?

— Um homem vestido de mulher foi sentar-se a seu lado : a sege partio ; e essa mulher . que ia junto de um homem, pensava, que tinha em suas redes a filha do senhor Hugo de Mendonça.

— Meo Deus !

Nesse momento baterão na escada, e pouco depois um pagem entrou e disse.

— A senhora D. Lucrecia manda pedir noticias da senhora D. Honorina e informar-se de sua saude.

— E então, senhora?... perguntou Lucia.

Honorina tornou-se rubra de despeito:

— Segue se, disse ella; que D. Lucrecia mandou espiar-me por um de seus escravos !

Depois voltou-se para o escravo, que trouxera o recado, e disse :

— Faze entrar o pagem da senhora D. Lucrecia.

O pagem entrou.

— Dize a tua senhora, que me viste pronunciou com voz animada Honorina ; e que eu lhe mando dizer, que passo bem... perfeitamente bem, principalmente desde as dez horas da noite.

O pagem retirou-se , e Honorina dirigindo-se de novo a Lucia, disse :

— Agora, mãi Lucia, continua.

— Nada tenho a acrescentar, senhora: disse tudo o que sabia ; respondeo Lucia dobrando-se sobre a grade, a que se recostara, e olhando curiosa para a rua.

— Não, mãi Lucia, falta dizer-nos o melhor ; e depois eu nottarei uma grande contradição no teu procedimento.

— Eu estou prompta, senhora, para responder.

— Pois bem: como se chama o Moço Loiro ?...

— Oh !... a isso nada posso dizer.

— Ignoras o seu nome ?..

— Ao contrario.

— Então porque o não dizes?...

— Porque elle me prohibio faze-lo.

— Mãi Lucia !..

— Outra cousa, senhora.

— Está bom : paciencia, tornou a moça ; vamos a contradição : como é mãi Lucia que tam enfeitçada estando por esse moço ; que tantas traições me fazendo por causa d'elle, tanto te empenhas agora por me ver casada com meo primo?..

— É uma outra cousa, que eu não posso explicar.

— Então não explicas nada...

— Um outro explicará por mim....

Ouvio-se então passos de alguém, que vinha sobindo a escada; e pouco depois soarão palmas.

— Uma visita a estas horas! disse Emma.

— Quem será?... perguntou Honorina.

— Talvez D. Lucrecia, disse Rachel.

— Ora... não!... respondeo rindo-se Lucia.

Um pagem entrou e dirigindo-se ao gabinete, onde estavam Hugo e Jorge, parou na porta, e disse:

— Um moço, que se diz novo administrador da casa do meu senhor, pede para vir entregar as letras, que teve ordem de ir pagar ao senhor Octavio.

— Isso é um sonho ou uma zombaria!... exclamou Hugo levantando-se.

— Seja, quem fôr, manda-o entrar, disse Jorge.

— Eu não tenho novo administrador, tornou Hugo.

— Embora... vejamos quem é.

— Que entre pois.

Todos na sala ficarão suspensos e curiosos com os olhos fitos na porta de entrada: Hugo e Jorge em pé na porta do gabinete; Emma sentada no sofá; Honorina, Rachel, e Lucia na janella; todos estaticos nos mesmos logares, em que antes estavam.

E elle entrou... era um elegante mancebo vestido todo de preto, com uma bella gravata branca primorosamente atada..... com um rico alfinete de esmeralda ao peito: era um joven interessante de olhos ardentes e cabellos loiros... era elle.

Tinha tremendo avançado.... chegou ao meio da sala; quando da boca de Honorina e de Rachel saíram as mesmas palavras, posto que em tom baixo:

— O Moço Loiro!.....

E Hugo de Mendonça e Emma surpreendidos bradarão:

— Lauro !

O mancebo, sem pronunciar palavra, avançou comovido, mas resolutamente até parar defronte de um dos quatro retratos : era o de Clemencia : então elle ajoelhou-se, levantou as mãos, e com voz entrecortada por soluços, exclamou :

— Minha mãe ! . . . minha mãe ! . . . minha mãe ! . . . já tenho o rosto descoberto ! . . . já provei minha innocencia ! . . .

E ficou assim de joelhos e com as mãos erguidas para o retrato de sua mãe chorando docemente muito tempo . . . muito tempo . . .

E quando enfim pensou que se podia sorrir, voltou os olhos, e estendeu a mão para Honorina.



Epilogo.

Um mez depois da entrada de Lauro na casa de seus parentes uma grande festa ia ser dada : Lauro e Honorina celebravão o seo casamento.

A fôra Lucrecia , que tinha julgado a proposito passar alguns mezes no campo; e Octavio, que acreditara util fazer uma viagem a Europa, todos os outros nossos conhecidos deste romance preparavão-se para o bello sarão offerecido pelos noivos.

E o sarão tinha de ser esplendido ; Lauro de Mendonça, viuvo da filha de um rico negociante da Bahia , reduzira a dinheiro tudo quanto herdara de sua mulher, e regressando ao Rio de Janeiro, depois de desfazer a calumnia que o manchava tomou parte na casa de seo tio, e com seus immensos cabedaes, levantou-a em brilhante pé. O sarão será pois digno de tam abastados senhores.

Hugo, Emma, e Lucia não tinhão medidas para seo prazer.

Venancio mandára, (bem entendido por ordem de Thomasia), fazer uma casaca nova. Manduca apesar do logro que soffrera, exprimia-se com ardor a respeito de Lauro ; pois que sua mana Rosa já se achava casada com Felis.

Bras-mimoso, sempre incorrigivel, dispunha-se para estalar balas.

Rachel parecia ter cobrado o seo antigo prazer : fôra ella quem apressara, e marcara o dia do ca-

samento; deo sua opinião sobre o vestido da noiva, de cujo lado só a força se separava.

Honorina ainda não se tinha acostumado a chamar seo fucturo marido nem — primo — nem — Lauro —; achava dizia ella graça indizível em chama-lo — Moço Loiro. —

E o Moço Loiro continuava, como d'antes, sempre bom e travesso; alegre e amoroso; apaixonado e extravagante. Sara e seo filho fallavão d'elle com enthusiasmo; Carlos mostrava-se sempre tam grato como devotado.

.....
Ia-se volvendo a tarde do dia marcado para o casamento: erão horas de correr aos pés do altar, e de receber a benção nupcial. Hugo chamava por sua filha.

Honorina, mais bella que nunca, ornada com suas galas, embellecida com seus naturaes encantos; e ainda mais ornada e embellecida com essa interessante mistura de amor e pejo tam apreciavel nas noivas, abaixou a cabeça para que Rachel lhe puzesse sua corôa de virgem, sua capella de flores de lorangeira.

— Estás prompta Honorina, disse Rachel.

— Adeos Rachel! balbuciou Honorina suspirando.

— Oh!... um beijo ainda...

— Sim.... seja teo o meo derradeiro beijo de moça solteira...

E as duas amigas estreitadas em mutuo abraço estavam a beijar-se mil vezes; quando uma lagri-

ma caio dos cilios de Rachel nos labios de Honorina.

— Tu choras, Rachel?...

— E tu, Honorina?...

— Sim; mas eu... e tu tambem choramos de prazer; não é assim?....

— Sim!... sim!... de muito prazer... adcos!... sê feliz!...

A noiva partio.

Rachel foi a janella para vê-la embarcar-se na carruagem: Hugo deo a mão a sua filha.

— Sê feliz, Honorina!... sê feliz!... gritou Rachel da janella.

Honorina não respondeo... tinha muito pejo.

A carruagem desapareceo...

Rachel voltou-se e vio, que se achava só na sala: deo alguns passos... soluçava... caio de joelhos, e ergueo as mãos para o céo.

Um homem entrou pé por pé nesse momento e ficou parado na porta por de traz da moça.

Rachel exclamou :

— Misericórdia!... meo Deos, misericórdia!... eu menti! eu pequei! mas estou arrependida: eu me desdigo, meo Deos!... não! não! não! amor não é uma vã mentira!... amor não é uma das muitas quimeras, com que a fantazia nos entretem na vida, como a bonéca que se dá a creança para conserva-la quieta no berço!..... não!..... eu o confesso... eu o experimento... amor é uma realidade!... realidade, meo Deos, terrivel para mim!...

O homem, que estava observando Rachel, lançou-se então para ella como levado da mais vehemente das dores, e abraçando-a, exclamou.

— Filha do meo coração!... pobre martyr!... fujamos desta casa! vem... fujamos!...

Jorge tentava levar sua filha, que forcejando para ficar, respondeo :

— Não! não! meo pai; aqui ao menos tenho eu um remedio contra meo padecer.

— Aqui?... e onde?...

— Na sancta amisade de Honorina.

— Mas a sua felicidade faz o teo martyrio....

— A sua felicidade é a consolação de minha alma.

— Queres por tanto ser victima de seo amor?!...

— Outra vez não, meo pai; mas quero ser a mãe de seo primeiro filho.

Ouvindo tam nobre pensamento, Jorge levantou as mãos sobre a cabeça de Rachel e disse :

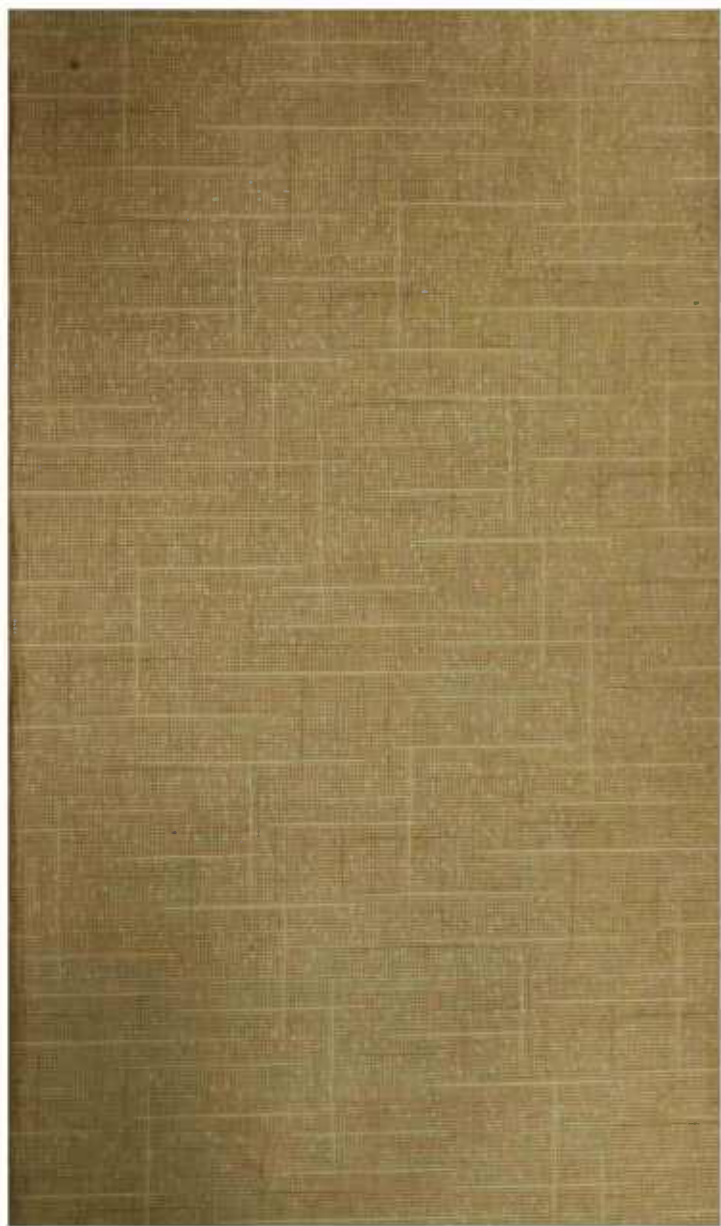
— Abençoada sejas tu, meo anjo de candura!....

FIM.

ERRATA.

ag.	Linh.	Erros	Emendas
9	8	caração	coração
12	12	arvore	ave
18	4	encommodos	incommodos
19	14	póde	poude
31	13	das duas	de duas
112	29	termos	termo
129	3	da familia	de familia
143	19	suffeoados	suffocadas
175	1	perderes	perder
179	6	do	dos
179	7	homem	homens
218	30	mais	mas
227	20	deveis	deves
232	21	fui eu ?	fui eu !!
234	26	póde	poude
251	1	noves	nove
272	7	prepetrar	perpetrar







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).